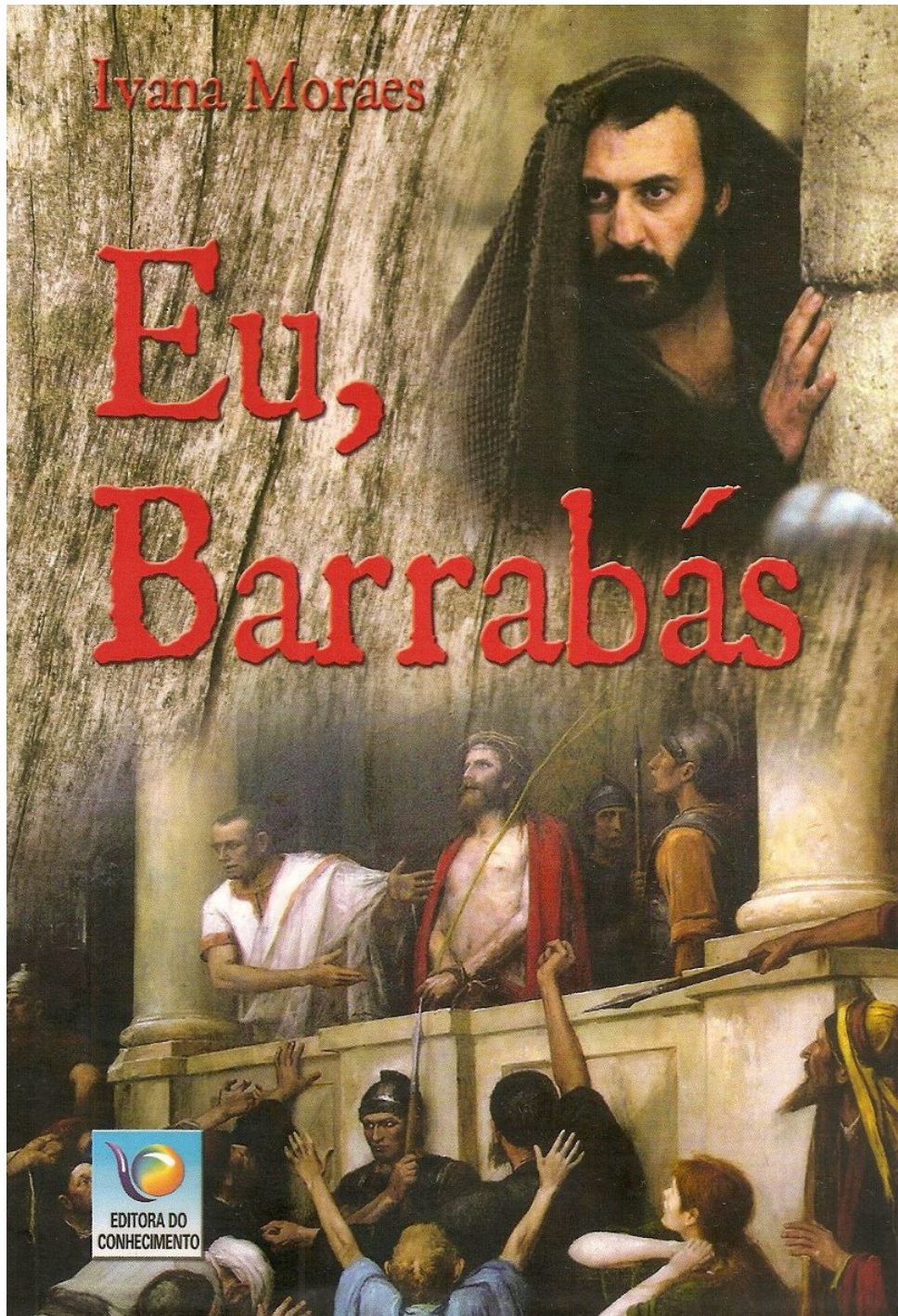


Ivana Moraes

Eu, Barrabás




EDITORA DO
CONHECIMENTO

EU, BARRABÁS – IVANA MORAES

Eu, Jeshua Bar'Rabas, nasci na primavera do ano 7 antes de Cristo. É provável que você nunca tenha ouvido falar de mim. Pelo menos não com este nome. Fiquei conhecido como Barrabás, o Bandido. Alcancei notoriedade depois de ter sido ironicamente trocado por outro prisioneiro, condenado à cruz em meu lugar, chamado Jeshua Ben'Joseph, conhecido como Jesus, o Carpinteiro. Nascemos na mesma terra, na mesma época, com a mesma condição social e carregamos o mesmo nome. E, no entanto, nunca alguém pôde imaginar duas pessoas tão diferentes. Eu o vi bem de perto apenas uma única vez, na sacada do palácio de Pôncio Pilatos, no momento mais decisivo de nossas vidas: era altivo, tinha uma imponência e um porte inabaláveis; seu olhar atravessava a nossa alma. Ainda me lembro da multidão exultante, após ter decidido o cruel destino daquele carpinteiro. Antes que os soldados o levassem, ele ainda me dirigiu um olhar profundo e sussurrou: "Faça-os voltar ao ninho!". Começava ali o meu grande desafio: desvendar o significado desta enigmática frase cravada em uma pequena tábuca oferecida por ele à minha pobre esposa Leah, onde foi entalhada uma primorosa arte de pássaros em revoada. Levaram Jesus, mas o réu era eu, Barrabás. Tirei vidas, e o fiz com enorme prazer. Ele curou e devolveu a vida, e o fez com grande satisfação. Ele se comprazia no amor; eu no ódio. Ele pregava a justiça com mansidão, e eu buscava obtê-la pela força. Esta era a nossa grande diferença. Lamentei ser tão pequeno diante daquele homem incomum, e chorei de vergonha mais do que de tristeza. A partir de então, nunca mais fui o mesmo. Estava por acontecer a mudança mais radical de minha vida, que conto aqui com enorme satisfação.

Ivana Moraes nasceu na Bahia, mas reside atualmente na capital paulista. Desde a infância sentiu em seu íntimo o chamado da Espiritualidade para a tarefa redentora de auxiliar a romper as barreiras que separam os filhos de Deus das verdades espirituais.

Começou então a ser instruída por diversos orientadores do plano maior, entre eles o poeta Álvares de Azevedo, seu guia espiritual desde a adolescência. Assim, colabora na seara da caridade divulgando mensagens benfa-sejas não só por meio da psicografia, mas também através da pintura e da música.

É historiadora, artista plástica, cantora, compositora e estudiosa de História das Religiões. Tem como sua principal missão de vida levar o amor do Cristo a todos os seres, independentemente de sua crença.

A dificuldade encontrada pelo leitor para compreender as palavras textuais contidas nos *Evangelhos* é um dos maiores impedimentos à sua massificação entre os adeptos do Espiritismo, que, na maioria das vezes, se utilizam de suas sublimes páginas apenas aleatoriamente, durante as reuniões no lar ou na abertura dos trabalhos mediúnicos, quando na verdade este deveria ser o livro de cabeceira de todo espírita que deseja aprimorar-se moralmente, seja ele aprendiz ou médium tarefeiro. A Espiritualidade almeja e aconselha isto, e foi o que pretendia ao recrutar Allan Kardec para organizar e compilar as mensagens renovadoras da Terceira Revelação.

Tendo sido um educador de larga experiência humanística e filosófica que adotava uma metodologia austera, sem no entanto perder a brandura, Kardec reunia as condições ideais de que se serviram os espíritos superiores para edificar as bases da Doutrina Espírita. No entanto, se reencarnasse nos dias de hoje, é provável que, por sua índole infatigável e criteriosa, desejasse aprimorar ainda mais a obra missionária que disponibilizou para a humanidade, a fim de que ela alcançasse efetivamente o maior número possível de pessoas. Essa é a finalidade desta nova edição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cuja clareza, objetividade e simplicidade textuais pretendem aproximar o leitor da mensagem imorredoura de Jesus Cristo, sem distanciá-la de sua originalidade, o que dá a esta versão a legitimidade almejada pelos espíritos.

Sorver destas sublimes páginas é como conversar diretamente com Jesus, o Soberano Preceptor da humanidade, que, mesmo não tendo deixado uma única palavra por escrito, disseminou tão magistralmente as idéias cristãs que é possível assimilar, muitos séculos depois, o seu divino código de conduta moral, tal como Ele o prescreveu. Este é o poder da palavra. Esta é a nossa missão.

Ivana Moraes

Eu, barrabás

1ª edição - 2010

Capítulo 1

Eu, Jeshua Bar'Rabás, nasci na primavera do ano 7 a.C. É provável que você nunca tenha ouvido falar de mim. Pelo menos não com este nome. Fiquei conhecido como Barrabás, o Bandido. Alcancei notoriedade depois de ter sido ironicamente trocado por outro prisioneiro, condenado à cruz em meu lugar, chamado Jeshua Ben'Joseph, conhecido como Jesus, o Carpinteiro.

Nascemos na mesma terra, na mesma época, com a mesma condição social e carregamos o mesmo nome. E, no entanto, nunca alguém pôde imaginar duas pessoas tão diferentes.

Cresci numa família pobre e numerosa. Meu pai construía casas e minha mãe dedicava todo o seu tempo aos meus sete irmãos e aos afazeres domésticos. Era o primogênito e logo comecei a

acompanhar meu pai no trabalho. Antes mesmo que me nascessem os primeiros fios de barba, já possuía calos nas mãos.

Eu tinha apenas doze anos quando presenciei pela primeira vez a crueldade humana. Estava com meu pai erguendo uma casa nos arredores de Jerusalém, quando ouvi gritos e um tumulto vindo de algumas casas mais à frente. Com a curiosidade que é peculiar às crianças, corri para ver o que estava acontecendo. Fui imediatamente repreendido por meu pai, que procurou me deter. Mas era tarde. Cheguei a tempo de ver um homem ser impiedosamente morto a golpes de espada por três soldados romanos que passavam pelo local. Mesmo depois de o homem já estar desfalecido, eles continuavam a golpeá-lo por puro divertimento.

Antes de se afastarem, aproximaram-se de uma jovem que estava encolhida num canto, apavorada, limpavam o sangue de suas espadas nos seus longos cabelos e ainda lhe deram uma bofetada. Só então saíram em disparada, deixando para trás alguns moradores da rua assustados, contendo a revolta.

Quando a poeira da estrada já havia engolido o tropel dos seus cavalos, algumas pessoas se aproximaram da moça, que chorava em desespero, procurando consolá-la em vão. Outros se ocuparam em retirar dali o corpo do pobre infeliz. Ouvi comentários sobre o que tinha ocorrido. A moça era filha do homem que havia sido morto. Ele enfrentara os soldados para defender a filha dos abusos constantemente cometidos pelos romanos contra jovens pobres das províncias dominadas por Roma. Ao ver a filha sendo molestada pelos soldados, investiu contra eles com as mãos vazias e a certeza de que não teria a menor chance de sobreviver. Mas ao menos seu sacrifício não fora em vão. Ao derramar o sangue daquele pai aviltado, os soldados saciaram sua sede de prazer. Tirar a vida de um homem talvez desse a eles tanto prazer quanto deitar-se com uma mulher.

Os curiosos se afastaram cabisbaixos e calados. A jovem seguiu caminhando atrás dos que levavam o corpo do pai. Todos iam

desolados e humilhados. Ninguém esboçava uma atitude sequer. Sabiam que não adiantaria.

Meu pai me tomou pela mão e voltamos ao trabalho como se nada tivesse acontecido. Um homem fora assassinado; sua vida findara ali, como uma simples folha que cai de uma videira, e tudo continuava como antes.

Em minha mente, imaginei quantos homens eu veria morrer assim em minha vida. Uma revolta muda nasceu dentro de mim e, desde aquele dia, todas as vezes que via um soldado romano meu coração se enchia de ódio. Minhas mãos se fechavam e eu estava sempre pronto a reagir ao menor insulto que me fizessem. Estava sempre preparado para lançar-me sobre qualquer um deles, caso fosse necessário. Eu poderia morrer, como aquele homem que vi, mas jamais sem levar comigo um daqueles cães.

Cedo comecei a andar com um punhal escondido sob as roupas. E confesso que sentia um enorme desejo de ter a oportunidade de usá-lo. Mas nunca tive essa sorte.

Tornei-me um homem forte, robusto e de modos rudes. Minha vida se resumia em trabalhar duro para arcar com os abusivos impostos que os romanos nos impunham. Sobrava pouco ou quase nada para sobreviver. A miséria imperava fora dos palácios luxuosos de César e dos governadores de suas províncias.

Pouco antes de morrer, meu pai me arranjou uma noiva. Era uma moça de família conhecida, primos distantes de meu pai. Morava na Galileia e nunca nos vimos antes do dia de nosso casamento. A espera valeu a pena. Leah era doce, de sorriso fácil, pele amorenada pelo sol e olhos amendoados e negros. Tinha uma beleza exuberante. Eu a amei no primeiro instante em que a vi.

No dia seguinte ao nosso casamento, Leah estava arrumando seus pertences na modesta casa que construí para morarmos. Entre suas roupas notei um objeto curioso. Quando perguntei o que era, ela logo abriu um largo sorriso e tratou de explicar:

—É um presente de casamento que ganhamos. Há um jovem carpinteiro na cidade onde nasci que é conhecido por sua gentileza e amabilidade. Uns dizem até que é um homem santo; outros dizem que é louco. Sempre costumava vê-lo passar pela estrada nos fins de tarde, após ter ficado longas horas nas colinas de Nazaré apenas olhando para o horizonte. Um dia, quando eu estava retirando água do poço, ele se aproximou e me pediu um pouco d'água. Depois que bebeu, retirou de dentro da túnica este objeto e me entregou. Vacilei antes de aceitar, mas ele insistiu dizendo:

—Sei que vai se casar em breve. Aceite isto como um presente em agradecimento pela sede que me saciou.

Antes de se afastar, ainda virou-se e disse:

— Peça a seu noivo que o leia para você.

Peguei o objeto e examinei, curioso. Era uma pequena tábuia com cerca de um palmo de tamanho. Na superfície da madeira havia uma primorosa arte de pássaros em revoada, esculpidos em alto relevo. Logo abaixo, uma pequena frase estava cravada. Leah não sabia ler, como era comum às mulheres pobres daquela época. O que mais me intrigava era o fato de o tal carpinteiro ter pedido que eu lesse, sem mesmo me conhecer. O escrito dizia o seguinte: "Faça-os voltar ao ninho!".

—Sabe o que está escrito? - perguntei a Leah.

—Não.

—Faça-os voltar ao ninho - disse eu, sem entender.

— Ele devia estar se referindo aos pássaros esculpidos na madeira. Examinei o pequeno pedaço de madeira, sem encontrar sentido algum para aquelas palavras. Talvez aquele jovem fosse mesmo um louco, como alguns supunham. Mas era indiscutível o seu talento. Os finos traços escavados na madeira eram de uma perfeição absoluta. Os pássaros pareciam vivos, e às vezes eu tinha a impressão de que saíam voando daquela pequena tabuleta. Simplesmente não havia marca das ferramentas com que fora feita. Era como se a madeira tivesse se moldado criando formas de

pássaros e letras. Não havia uma só farpa fora de lugar. Leah colocara aquela pequena obra de arte como enfeite em nossa casa, e confesso que não lhe dei mais nenhuma atenção.

Meses se passaram e vivíamos num clima de perfeita harmonia. Não me recordo de ter tido tanta paz em qualquer outro momento de minha vida. Mas essa paz durou pouco tempo.

Estava construindo uma casa grande e trabalhosa numa vila um pouco retirada de Jerusalém. Saía bem cedo e só retornava quando a noite já tinha caído.

Naquele dia, o sol estava inclemente. O cansaço consumia cada parte do meu corpo, quando um rapazola, meu vizinho, chegou correndo à minha procura.

—Barrabás... Barrabás você precisa vir rápido!

—O que foi, menino? O que aconteceu?

—Sua esposa...

Não ouvi mais nenhuma palavra. Saí correndo em desespero, na certeza de que algo terrível tinha acontecido com Leah.

Quando cheguei à nossa casa, não a encontrei. Um amigo que morava próximo me abordou com olhos assustados.

— Ela não está aqui, Barrabás. Os sacerdotes a levaram. Foi acusada de adultério.

As palavras de meu amigo Simão soaram como um anúncio de catástrofe para mim. Sabia que a pena para as mulheres adúlteras era o apedrejamento. Não havia escapatória.

Corri com todas as minhas forças na esperança de encontrá-la, antes que comessem a aplicação da lei mosaica. Mas cheguei tarde. O que encontrei foi somente um amontoado de pedras que quase encobria totalmente o frágil corpo de minha esposa.

Revoltado, removi as odiosas pedras ensanguentadas e ainda percebi um fio de respiração em Leah. Ainda estava viva. Roguei aos céus que conseguisse escapar viva, mas era improvável. Estava ferida demais.

—O que aconteceu? Por que fizeram isso com você? - perguntei entre lágrimas.

—Soldados... tentaram me forçar... - Leah já não tinha forças para falar. Meu amigo Simão concluiu o que ela quis dizer.

—Os soldados a abordaram à beira do poço. Quiseram molestá-la, mesmo quando disse que era uma mulher casada. Quando alguns moradores se aproximaram para atender aos gritos de socorro de Leah, eles ainda a acusaram de adúltera. Disseram que ela é quem tinha se oferecido a eles de modo vulgar. Arrastaram-na até os sacerdotes e acusaram-na formalmente. Seus próprios colegas serviram de testemunhas, confirmando a calúnia. Foi aí que decidimos mandar o rapaz para avisá-lo.

Tomei Leah em meus braços sentindo que a vida dela se escoava rapidamente, sem que eu nada pudesse fazer. Chorei amargamente ao perceber que ela havia partido. Não tinha a quem apelar. Que valeria minha palavra contra a de um soldado romano? Quem faria justiça à vida de minha pobre esposa, que pagara o preço por ter nascido bela e pobre? Senti em meu peito a mesma dor e impotência que testemunhara no passado, ao ver aquele homem ser morto pelos soldados que importunavam sua filha. Eu era apenas mais uma vítima da arrogância e vileza de Roma. A lei de Moisés era rígida, mas não previra a mentira inescrupulosa.

Como não havia o que fazer, então chorei. Chorei até sentir que não tinha mais lágrimas a derramar. Chorei até que toda a dor contida em meu peito cessasse. E jurei que nunca mais choraria novamente, e que nada nem ninguém seria capaz de me fazer sofrer de novo.

Leah foi sepultada e com ela o meu coração e meus raros bons sentimentos. Nossa casa ficou vazia e escura. Doei suas poucas roupas e conservei comigo apenas uma lembrança dela: a tábua entalhada que o carpinteiro lhe havia dado.

Uma amargura aguda tomou conta de mim e meu único pensamento era de vingança. Todas as vezes que via um soldado romano passar, crescia minha vontade de acabar com todos eles e

sua soberba insuportável. Olhavam para nós com desprezo e ironia, como se não fôssemos sequer humanos e sim animais, cuja única utilidade era o trabalho pesado e o abate.

Essa revolta foi crescendo em meu íntimo até tornar-se uma obsessão. E essa obsessão foi o início de minha ruína.

Capítulo 2

Era dia de pagamento de impostos, momento em que ficava mais evidente nossa condição de servidão com relação à Roma. O cobrador montava uma pequena tenda na entrada da cidade e ali permanecia durante todo o dia, resguardado por dois soldados. Os moradores faziam uma fila para entregarem às aves de rapina quase tudo o que ganhavam com seu trabalho. Em todos os rostos transparecia o desgosto e o desamparo.

Eu estava na fila, seguido de meu amigo Simão. O cobrador passou por nós com sua túnica luxuosa que o fazia parecer mais alto do que realmente era. Na verdade, não eram poucos os que zombavam dele por sua baixa estatura. Chamava-se Zaqueu e sua fortuna o fazia famoso pela cidade. E o que mais revoltava a todos era o fato de ser judeu como nós.

Roma usava de astúcia para dominar os povos que considerava inferiores. Ao invés de colocar cobradores de impostos romanos, passara a usar gente de nosso povo. No passado, muitos cobradores romanos haviam sido mortos por membros de um partido rebelde: os zelotes. Agora, preferiam dispor de cidadãos judeus, devidamente seduzidos por salários vultosos e por algumas regalias concedidas por César. Embora esses cobradores alcançassem

riqueza e privilégios, eram odiados por seu povo, que os consideravam traidores.

Zaqueu sentou-se sob a tenda e começou a executar sua tarefa. De cada cidadão conferia cuidadosamente cada denário. Sonegações eram muitas vezes pagas com a vida. Dívidas para com Roma significavam cárcere e sofrimento.

Os olhos astutos dos soldados captavam todos os movimentos ao redor. Um deles parecia preocupado com um pequeno grupo de homens que observava a cobrança de longe. Eu e Simão percebemos a tensão no ar. Simão dirigiu-me um olhar assustado e puxou-me para perto de si, sussurrando em meu ouvido:

—Aquele soldado...

—O que tem ele?

— Cuidado com ele. Foi ele quem tentou abusar de Leah. Não é bom que saiba quem você é.

Ao ouvir as palavras de Simão, senti um calor percorrer todas as minhas veias e imediatamente levei a mão ao punhal que guardava sob a roupa. Simão apertou meu braço com força.

— Nem pense nisso! Eu só o avisei para que tivesse cuidado com ele. Não faça nenhuma besteira!

Lutei para me dominar, mas meu desejo era de sangue. Só desviei meu olhar quando o tal soldado se deslocou da tenda onde estava e foi em direção ao grupo de homens que observava de longe. Simão olhou para eles e levou a mão ao rosto impaciente. Tive a impressão de que fez algum sinal para os tais homens. Eu não os conhecia e estranhei a atitude de meu amigo.

— Quem são eles? Você os conhece? - perguntei.

— Silêncio! Fique quieto e evite olhar para eles! Inesperadamente o tumulto começou. Ao ver a aproximação do soldado, os homens tentaram se afastar às pressas.

— Parem aí! - advertiu.

Eles não obedeceram e tentaram correr, mas imediatamente o outro soldado juntou-se ao primeiro e gritou para os que estavam de guarda à entrada da cidade:

— Zelotes! Zelotes! Não deixe que escapem!

Simão parecia esconder o rosto com a ponta da túnica. A correria e o pânico eram gerais. Mulheres e crianças buscavam se abrigar, pois sabiam que as mortes seriam inevitáveis. Simão tentou me arrastar para trás de uma coluna onde se escondia, mas fui mais rápido. Meu ódio não permitia que eu raciocinasse.

Aproveitei o tumulto e fui à procura do soldado que arrumara minha Leah. O punhal já estava brilhando em minhas mãos quando percebi que os homens que tentaram fugir estavam muito bem armados com espadas e reagiam ao cerco que lhes impunham. Eram habilidosos no duelo e demonstravam destemor, tanto quanto eu. Pouco me importava se eram Zelotes ou não. Nunca tinha tido contato com eles. Somente me preocupava em conseguir chegar perto do maldito soldado que condenara minha esposa.

Mergulhei no meio da luta e, quando estava pronto para desferir um golpe certo nas costas do soldado, um outro arrancou-me o punhal da mão e feriu-me no ombro direito. Vi a morte diante de mim e já julgava acabada ali minha triste existência, quando alguém gritou meu nome. Sem pensar, virei-me e vi Simão que me atirava uma espada. Só aí percebi que ele também estava no meio da luta.

Cruzei espadas com o soldado com tanta fúria que me surpreendi com minha própria destreza. Na verdade, colocava para fora toda a revolta guardada por anos de repressão e dor. Em poucos minutos o abati e parti em busca de meu alvo. Minha sede não estava saciada.

Quando me vi diante dele, senti um estranho prazer que triplicou minhas forças. Com um estranho sorriso no rosto, passei a coagi-lo sem trégua. Podia ver o medo estampado nos seus olhos, mas nada me comoveu. Arranquei-lhe a espada das mãos num só golpe e, mesmo depois de vê-lo desarmado, fui impiedoso. Atravessei-o com um golpe certo, retirei a espada de seu ventre ensanguentado e

ainda decepei-lhe a cabeça. Só aí minha fúria cessou. Quando o vi estendido no chão, sorri satisfeito e murmurei comigo:

— Por Leah!

Por um segundo esqueci que matar um soldado romano era decretar a própria condenação. Os outros vieram em minha direção e procurei escapar como pude. A correria desordenada criava pânico e gritaria. De repente, senti uma mão forte que me puxava para uma viela estreita. Corremos por ah e fomos parar num estábulo, nos arredores da cidade.

Escondido no meio dos animais, tentei recuperar o fôlego.

Só então me dei conta de que o homem que me salvara era Simão. Depois de alguns minutos, ele finalmente falou:

—Percebe a loucura que acaba de fazer?

—O que esperava? Que eu ficasse quieto?

—As coisas não devem ser feitas assim, Barrabás. Você precisa aprender a dominar seus impulsos. Deve aprender a usar mais a cabeça e menos o coração. Se quer mesmo fazer justiça à sua esposa e a tantos que sofrem sob o jugo romano, dou-lhe toda a razão. Mas existem meios menos suicidas de se fazer isso.

—Que meios? Como sabe dessas coisas, Simão? Hoje tive a impressão de que você conhecia os zelotes. De onde tirou aquela espada que me deu? Nunca soube que andasse armado.

Simão sorriu e comecei a me dar conta de que estava diante de uma pessoa que até ali desconhecia.

— Tenha calma, meu intempestivo amigo! Sei de muitas coisas que você desconhece. A primeira é que um homem que anda armado nunca deve revelar a ninguém que anda assim. O efeito-surpresa faz com que os oponentes tenham lidar com você. A segunda: sei dessas coisas porque conheço os zelotes bem de perto. Sou um deles, Barrabás.

Fiquei mudo e tive de concordar com Simão a respeito do efeito-surpresa. Depois de tantos anos de convivência, sequer desconfiaria do seu envolvimento com os zelotes.

Os zelotes eram um grupo político que lutava contra a dominação de Roma sobre Israel. Sua meta era expulsar os romanos a todo o custo, usando de todos os meios necessários, principalmente a violência. Todos os que eram suspeitos de envolvimento com os zelotes passavam a ser perseguidos, e quase sempre terminavam na prisão. Caso fosse provado o seu envolvimento, o destino certo era a cruz, destinada a prisioneiros políticos, traidores de César ou graves hereges.

Os zelotes eram sempre pessoas como eu, que não suportavam caladas tanta opressão. A maioria já tinha sofrido com a perda de familiares e amigos pelas mãos dos romanos. A vida já tinha perdido o sentido para eles e para mim. Por isso, tudo parecia válido. Era uma satisfação morrer, se desse modo se conseguisse levar consigo ao menos uma das aves de rapina.

O que me espantava era o fato de Simão ser um homem quase sempre pacífico e de gênio tolerante e amigável. Bem diferente de mim, que era passional, agressivo e revoltado. Nunca o ouvi proferir uma só queixa sobre nada ao seu redor. Olhava a tudo com olhos apagados, distantes e indiferentes. Pelo menos, é o que fazia parecer.

Agora eu sabia que Simão não era tão tolerante assim.

— Você, um zelote? Não consigo acreditar.

—Por quê? Só porque não saio por aí matando soldados romanos durante tumultos públicos? - disse sorrindo ironicamente. - Já lhe disse que existem outras formas. É preciso usar de astúcia. Os romanos são extremamente inteligentes. Se desejamos combatê-los, devemos agir com inteligência. É claro que, se a força se faz necessária, nós a usaremos, mas de maneira planejada, no momento mais adequado. Eles têm uma vantagem que não possuímos: grande número de soldados. Somos poucos e pobres. Eles são o exército mais poderoso do mundo e o Império mais rico. Temos de compensar essas faltas com raciocínio. Penso que você poderia ser muito útil para nós, mas antes deve aprender a dominar-se.

—Eu, um zelote? Quer que eu me junte a vocês? Não tenho pretensões políticas e não entendo nada sobre isso. Sou um homem rude. Só gostaria de viver com um mínimo de dignidade.

—Todos nós queremos isso. Neste momento, creio que você não tem muita escolha. Olhe o que fez! Você matou dois soldados romanos. Hoje mesmo vão destacar tropas para procurá-lo em cada canto da cidade. Farão questão de crucificá-lo diante da cidade inteira e do modo mais doloroso possível. O que vai ganhar com isso? Se ficar vivo e lutar conosco, poderemos ter mais uma chance de vencer. A escolha é sua. Pode voltar para casa agora e esperar que venham buscá-lo, ou pode vir comigo para um lugar onde estará seguro.

Por alguns minutos pensei no que havia feito e percebi que me encontrava numa situação sem volta. Não poderia retornar para casa. Minha vida não valia mais um denário sequer. Vi-me forçado a aceitar a proposta de Simão.

Ficamos por algum tempo escondidos nos estábulos e só saímos quando Simão julgou que era mais seguro. Ele me levou para a casa dele, foi até a minha e apanhou algumas roupas e um objeto especial a meu pedido: a tábua de madeira entalhada, minha única lembrança de Leah.

Pouco tempo depois, seguimos para fora da cidade, num lugar onde ficava um cemitério abandonado. Era um descampado ermo e pedregoso. As sepulturas eram escavadas nas pedras e fechadas com uma maior. Os zelotes removiam as pedras das entradas e usavam os túmulos como esconderijos. Normalmente queimavam os restos mortais que ali se encontravam e se instalavam sem a menor cerimônia.

Senti repugnância daquele lugar, mas não havia como voltar atrás. Em poucas horas minha vida tinha se transformado de modo brutal. De humilde e rude construtor de casas, tornei-me um assassino foragido. Foi assim que em pouco tempo tornei-me um zelote e que ganhei o nome de Bandido Barrabás.

Capítulo 3

Chegamos ao esconderijo dos zelotes depois do cair da noite. Fomos recebidos por dois homens fortes e de semblante duro que saltaram de trás de uma pedra sem que eu ouvisse um só sussurro. Traziam duas espadas afiadas e estavam de guarda. Ao reconhecerem Simão, abaixaram imediatamente as espadas.

Nós nos aproximamos de um dos sepulcros onde havia um pouco de luz e entramos. Todos fizeram silêncio ao me verem.

— Trouxe mais um que se juntará a nós. Seu nome é Barrabás. Um homem forte se aproximou e olhou-me demoradamente.

—Mas este é o homem que matou dois soldados no tumulto da cobrança de impostos! Ele arruinou nossos planos de hoje! - disse o homem irritado.

—Eu sei. Ele tem muitas coisas a aprender, mas é forte e esperto. Basta que o treinem e será um bom soldado. Além do mais, depois do que fez, não tem alternativa. Sua esposa foi morta por causa daquele soldado que ele matou. Tem motivos suficientes para querer juntar-se à nossa luta. Também não tolera mais a repressão de Roma - argumentou Simão.

O homem continuou me observando e concluiu:

— Ele luta bem, para quem nunca teve treinamento. É forte e destemido. Isso pude constatar. Mas é imprudente. Terá que aprender a ser cauteloso e trabalhar em equipe. Aqui a vida de todos depende da ação de cada um.

— Estou disposto - disse eu, em tom arrogante. Ele sorriu e respondeu:

— Que seja! Vejamos quanto tempo vai conseguir ficar vivo! A princípio fiquei isolado dos outros. Todos me olhavam com certa desconfiança e eu nada fazia para conquistar-lhes a simpatia. O único que me dirigia a palavra era Elão, o homem que me reconheceu logo quando cheguei. Era exigente e rude, mas não demorou a reconhecer minhas qualidades. Descobri um talento até

ali camuflado: era muito bom com o manuseio da espada. Elão mesmo encarregou-se de me treinar e fui aprendendo que a astúcia acaba acrescentando ainda mais força àquele que luta. Ao contrário de me atirar de modo desvairado no combate, aprendi a observar os pontos fracos do oponente e a atingir regiões fatais ou as que imobilize o combatente.

Aos poucos fui ganhando o respeito e a confiança dos outros homens. Éramos cerca de cento e vinte e tínhamos poucas armas. De tempos em tempos, eram promovidos ataques a entrepostos militares para saquear. O alvo principal eram as armas. As espadas romanas eram leves e bem forjadas. Quando empunhei uma pela primeira vez, senti que nenhum soldado seria páreo para mim e que seria irônico matá-los com suas próprias lâminas.

Simão ficou muito tempo distante de nós. Estava sendo investigado por minha causa. Mas sabia muito bem como dissimular. Depois de meses, apareceu em nosso esconderijo com más notícias para mim.

— Você está sendo procurado em todo Israel. Os soldados estão vasculhando cada canto de Jerusalém. Quando souberam que éramos amigos há muitos anos, tentaram me torturar para que dissesse onde você está.

— E o que fez? - perguntei preocupado.

— Sei iludi-los. Implorei, inflei-lhes o ego com minhas súplicas e demonstrações de fraqueza. Então me deixaram em paz. Mas não desistirão de procurar você. Sua atitude acabou despertando a coragem de muitos que não se animavam a enfrentá-los. Pequenas revoltas estão pipocando em vários vilarejos ao redor de Jerusalém. Corre a notícia sobre o homem que conseguiu matar dois soldados num só dia e escapar ileso. Alguns jovens já começam a considerá-lo um herói. E como consequência, estão responsabilizando você pela organização dessas pequenas insurreições.

Confesso que fiquei satisfeito com os estragos que se seguiram à minha fuga. Nunca imaginei que teria tanta repercussão. Mas até fatos que eu desconhecia estavam sendo atribuídos a mim.

—Isso é ótimo! É bom que os jovens comecem a se rebelar e reagir. Mesmo que eu não tenha promovido essas revoltas, fico satisfeito que pensem que fui eu.

—Claro! E quando o apanharem, você pagará pelo que fez e pelo que não fez! - disse Simão zombando de mim.

Assim, minha fama de simples assassino passional acabara se tornando na de um líder político e subversivo. Não era o que eu pretendia, mas de bom grado aceitei o título que me deram. Com frequência chegavam a mim informações sobre minha fama. Todos os fatos que pudessem afrontar Roma eram atribuídos a mim ou à minha orientação. Nascia um mito como tantos outros que surgem quando um povo se sente oprimido. Eu aceitava os fatos, mas sabia muito bem que não era o herói que criaram para mim. Muitos combates ainda me aguardavam. Principalmente os internos.

Atraídos por minha fama, muitos se interessaram pelos zelotes e se animaram a se juntar a nós. Agora, além de homens de origem humilde e rude, alguns letrados e cultos queriam aderir à nossa causa. Um deles me chamou a atenção. Era jovem e de boa família, possuía erudição e um ar de superioridade quase aviltante. Seu nome era Judas, o Iscariotes. Chegou ao nosso esconderijo também pelas mãos de Simão, que dizia que ele possuía uma arma secreta que poderia nos dar a vitória definitiva sobre Roma. Todos estavam muito curiosos.

Simão então começou a contar:

— Judas encontrou um homem que pode nos ajudar de modo decisivo. Ele dispõe de armas que não sabemos manusear.

Diante dos olhares curiosos, Judas começou a falar:

— Há um homem que tem andado pela Galileia e por Cafarnaum arrastando multidões atrás de si. Está promovendo uma espécie de revolução silenciosa. Diz ser rei e fala de um reino de igualdades e felicidade. Não se importa com a condição social ou política de quem quer segui-lo e tem conquistado o coração das pessoas de maneira espantosa. O povo parece ficar sob um encantamento

quando o escuta. Tenho estado sempre com ele e creio que gostará de conhecer os zelotes. Contando com um rei como ele, César não terá nenhuma chance de revide.

Todos se espantaram com o que ouviam. Era absurdo o que Judas estava dizendo.

— Espera que César aceite, sem revidar, a perda do domínio de Israel? Qual o tamanho do exército desse homem? - perguntou Elão.

— Ele anda na companhia de doze. Eu sou um deles. Houve risos por todos os lados.

—Você é louco! É isso que trouxe para nós, Simão? - bradavam os homens.

—Calma, calma! Deixem que ele se explique! - disse Simão. - Este homem não é como nós! Ele é especial!

Os homens silenciaram e Judas continuou a falar:

— Eu o vi curar cegos de nascença, leprosos e até ressuscitar um morto.

O silêncio reinou. Fiquei impaciente com as palavras de Judas.

—O que quer dizer? Precisamos de homens que saibam manejar uma espada. Está falando de um profeta? De um mágico?

—Não, estou falando de alguém que tem poderes que nós não possuímos. Eu também não acreditaria se não tivesse visto. Mas vi e toquei no homem que ele ressuscitou. Já estava morto havia quatro dias.

Grande burburinho começou entre os homens. As opiniões se dividiam. Alguns achavam loucura aliar-se a um prestidigitador¹ ou profeta. Outros viam nele uma importante arma. Poderia fazer-nos invencíveis e até imortais. Eu não conseguia acreditar em coisas desse tipo e achava uma perda de tempo nos envolver naquela história. Mas a maioria decidiu investigar o tal homem. Judas se comprometeu a sondar uma possível aliança com o profeta que, segundo ele, não se negaria a ouvi-lo.

1 Pessoa que tem talento para iludir; ilusionista, mágico.

Capítulo 4

Os dias se passavam e Judas demorava a aparecer com novidades. Àquela altura, planejávamos o ataque a uma tropa que estava para chegar de Roma trazendo um bom carregamento de armas e suprimentos. Tínhamos um informante infiltrado entre os soldados. Era um velho ferreiro que cuidava dos cavalos das centúrias. Estava sempre atento às conversas dos homens para nos relatar qualquer coisa que fosse útil.

Estávamos em pleno preparo para o ataque quando Judas apareceu. Dizia estar bem mais próximo do profeta, que agora chamava de "mestre".

—Estive conversando com ele sobre o sofrimento de nosso povo, que sofre sob o domínio de Roma. Parece também não concordar, mas tem maneiras estranhas e misteriosas de se pronunciar. Há momentos em que é extremamente tolerante, parecendo pouco se importar com o assunto. Em outros, sempre nos fala de seu reino que está próximo. Um reino em que não haverá opressão e estaremos sentados à sua direita.

—Será que ele tem algum plano para tomar Israel das mãos dos romanos? Por que não revela nem a vocês, que são seus aliados? - perguntou Elão.

—Não sei se ele tem algum plano. Mas pode ser que tenha revelado alguns fatos a outros companheiros mais próximos, como Cefas, o pescador, a quem chama de Pedro. O fato é que vocês terão uma boa oportunidade de estar diante de Jesus, em Betânia, daqui a dois dias. Sei que planejam assaltar uma tropa que vai passar por lá, exatamente no mesmo dia. Então, poderiam mandar alguns para conversar com ele. Eu os apresentaria com prazer.

A proposta era interessante e Elão destacou alguns homens para ir ao encontro do Galileu. Como sabia que eu não dava muito crédito ao tal profeta, destinou-me ao ataque das tropas. O calor das batalhas sempre me atraía mais do que os diálogos filosóficos.

Elão me acompanhou na abordagem da tropa e pediu a Judas que seguisse os que iriam conversar com o profeta. Simão tinha decidido ir também, mas optou por manter-se à distância.

Nós nos escondemos entre as escarpas de pedras que margeavam a estrada por onde a tropa passaria. A espera era tensa, pois precisávamos estar preparados para entrar em ação a qualquer instante.

Já passava do meio-dia quando vimos os soldados aproximarem-se ao longe. Pareciam cansados. Era visível o desgaste em razão da longa jornada sob o sol inclemente. Fizemos absoluto silêncio. Elão estudava o melhor momento para nos lançarmos sobre eles, e nos daria o sinal quando necessário.

Aproximaram-se. Permanecemos imóveis em nossos lugares até que...

— Atacar!! - gritou Elão.

Os cavalos se assustaram com nossa gritaria e a dificuldade em contê-los era um ponto a nosso favor. Caímos sobre a tropa sem piedade. Não nos interessava deixar um só sobrevivente. Porém, não podíamos subestimá-los. Eram bem treinados e astutos. Embora nosso ataque tivesse sido bem-sucedido, alguns do nosso bando saíram gravemente feridos.

Apossamo-nos de tudo quanto pudemos, principalmente das armas e escudos. Em seguida, batemos em retirada levando conosco os feridos. Sofremos duas baixas neste dia.

Entre os feridos estava Elão. Eu mesmo o carreguei em minhas costas mato a dentro. Era um homem grande e corpulento e eu já estava exausto quando conseguimos chegar a um esconderijo seguro. Tratamos de fazer os curativos necessários e notei que ele não estava nada bem. A febre não demorou a aparecer e aquilo não era um bom sinal. O ferimento que o atingira entre as costelas devia ser mais profundo do que parecia.

Passamos a noite em claro vigiando qualquer sinal de que os soldados tivessem nos seguido. Elão tinha piorado muito. A febre o

fazia delirar e temíamos que ele não escapasse. Providenciei uma padiola para transportá-lo de volta ao nosso esconderijo. Lá chegando, já encontramos Simão e Judas ansiosos por nossa volta.

— E então, como se saíram? - perguntou Simão.

— Como esperado. Conseguimos boas armas, mas perdemos dois homens e Elão está muito mal - respondi.

Judas se aproximou e sugeriu:

—Posso trazer o mestre. Ele pode curar Elão num piscar de olhos.

—Está aí uma boa oportunidade para que eu creia nesse tal profeta. Se ele curar Elão, juro que hei de tornar-me seu seguidor - ironizei.

Nesse momento, Elão abriu os olhos, após um longo período de delírios, e fez um sinal com a mão para que nos aproximássemos. Inclinei-me sobre ele para ouvir sua voz já bem fraca.

— Vá atrás do Galileu...

Ao ouvir isso, mandei logo que Judas fosse buscá-lo. Mas Elão me puxou pela roupa e disse:

— Não para mim... para você... tome conta...

Estas foram suas últimas palavras. Lamentamos a perda de Elão e tratamos de sepultá-lo ali mesmo, no dia seguinte, num daqueles sepulcros desconhecidos. Só depois disso é que me lembrei de perguntar sobre o encontro com o profeta. Alguns de nossos homens pareciam deslumbrados com as palavras dele. Algo de realmente estranho acontecia com aquele homem. Mantendo ainda certa desconfiança, ouvi o relato de Simão:

— Estava lá o homem a quem ele ressuscitou após estar morto por quatro dias. Chama-se Lázaro. Parece muito bem de saúde e pude conversar pessoalmente com ele. Afirma que estava morto e retornou à vida depois de ouvir a voz do mestre que o chamava. Antes disso, não se recorda de nada. Suas irmãs,

Marta e Maria, estavam desesperadas com a perda do irmão e mandaram buscar o profeta Jesus.

Chamou-me a atenção o nome do Gahleu.

—Chama-se Jesus? - perguntei.

—Sim - respondeu Judas. -Você o conhece?

—Não. Por acaso também é o meu nome.

Judas percebia a ironia em minhas palavras e limitou-se a me lançar um de seus mais frios olhares de desdém. Simão continuou a falar:

—Lázaro tem incomodado muito aos sacerdotes. Dizem que muita gente passou a seguir Jesus, depois de vê-lo vivo novamente. Dizem até que há um plano para matar os dois. O poder de convencimento deste Jesus é realmente impressionante. Maria, a irmã de Lázaro, tomou uma libra do mais puro bálsamo para ungir os pés do mestre. E depois os enxugou com seus longos cabelos.

—Achei uma atitude extravagante. O valor gasto com aquele bálsamo poderia ter sido usado com os pobres, mas sabem o que o mestre me respondeu? "Deixem-na! Deixem que guarde isto para o dia em que me embalsamarem. Os pobres sempre estarão com vocês, mas eu nem sempre estarei" — contou Judas.

— O que ele quis dizer com isso? - perguntei.

— Nem sempre entendemos o que ele diz, Barrabás. Mas algo me faz confiar totalmente nele.

Já estava impaciente demais com a insistência de Judas a respeito de Jesus.

— Sinceramente não vejo como esse homem possa nos ajudar. Ele pode mesmo ser um grande profeta, mas nossa luta não é religiosa, Judas. Ele não tem nada a ver com o que queremos. É uma perda de tempo acharmos que se aliará a nós. Não vejo nele pretensões políticas. Por mim, esse assunto está encerrado.

Dizendo isso, dei as costas a Judas disposto a não mais tratar de assuntos que envolvessem Jesus.

Depois desse episódio, tornei-me o líder dos zelotes. Os próprios homens me tomaram como sucessor de Elão na liderança, coisa que aceitei com prazer.

Agora era necessário que planejássemos um golpe mais radical sobre os romanos. Eu tinha a ideia de um sequestro. Poderíamos sequestrar um dos poderosos de Roma, como o governador Pilatos.

Em troca, pediríamos a retirada total dos romanos de nosso território. Minha dúvida era se César se importaria com a vida de seu governador. E não era de se estranhar que o sacrificasse para manter o poder e não correr o risco de ficar desacreditado diante do povo. Era preciso pensar com cuidado.

Enquanto eu articulava minhas novas investidas, o incansável Judas voltou a me procurar com uma nova proposta. Estava por acontecer a mudança mais radical de minha vida. E a mais importante também.

Capítulo 5

Naquele dia eu amanheci com uma estranha sensação em meu peito. Tinha saudades de Leah. Sua lembrança às vezes invadia minha mente com tanta força que eu tinha a impressão de que ela estava ali, ao meu lado, mesmo que eu não pudesse vê-la.

Como sempre, recorria à tabuleta que lhe pertencera, para sentir nela algum perfume escondido das mãos de minha esposa. Era só um consolo ilusório. Em meio a essas lembranças, ouvi alguns homens que me chamavam. Eu tinha visitas: era Judas quem novamente me importunava com suas teorias sobre Jesus. Meu ar de impaciência era visível e ele tratou de atalhar a conversa.

— Escute-me antes de dizer qualquer coisa. Jesus está em Jerusalém.

— Ele está aqui? - perguntei.

— Sim, chegou ontem e foi recebido como um rei. Confesso que me espantei com a informação.

— Como rei?

— Sim. O povo veio saudá-lo à entrada da cidade. Cobriram o chão com flores e vestidos para que ele passasse sobre eles. Clamavam: "Bendito o que vem em nome do Senhor! Viva o Rei de Israel!".

Fiquei calado e pensativo sem saber o que dizer. Pela primeira vez, inclinei-me a acreditar que Judas tinha alguma razão no que dizia e comecei a considerar a hipótese de procurar Jesus.

—Pense bera, Barrabás! Se o povo já o aclama como rei, só nos falta tomar o poder decisivamente. Ele colocará o povo a nosso favor, e você, com seus homens, aniquilará os romanos de uma vez por todas. O momento é este. Não podemos mais esperar - dizia Judas.

—Sabe ao menos se ele pretende proclamar-se rei em Jerusalém?

—Não sei ao certo. Mas sei como fazer para que ele mostre seus poderes diante de todos. O mestre sempre opta por agir pacificamente. Eis o defeito dele. E passivo demais. Mas se precisar defender-se, agirá. Tenho certeza.

—O que você pretende? — perguntei.

—Ele estará no templo amanhã. Sei que uma multidão estará lá só para vê-lo. Os sacerdotes farão tudo para pô-lo a prova. Se você estiver lá, poderá ver com seus próprios olhos e até... aproveitar-se da situação.

O olhar malicioso de Judas às vezes me dava medo. Ao mesmo tempo que demonstrava uma verdadeira devoção a Jesus, também passava a impressão de que seria capaz de fazer qualquer coisa para atingir seus objetivos. Até traí-lo.

Decidi ir ao templo no dia seguinte para ver de perto o profeta das multidões. Antes de sairmos, dei instruções aos meus homens para que se misturassem ao povo do modo mais discreto, a fim de que, em nenhum momento, levantassem suspeitas sobre nós. Então, nos disfarçamos como foi possível: alguns de velhos, outros de mendigos ou aleijados, mas sempre com uma pequena espada ou punhal escondido sob as roupas. Carreguei comigo a tabuleta de Leah, bem junto ao coração. Era ela quem me dava forças para me arriscar tanto.

Chegamos ao pátio do templo bem cedo. Jesus ainda não havia chegado. Ficamos por ali, misturados ao povo, no meio do burburinho peculiar do templo. Gente de todos os cantos estava sempre por ali. Era possível ouvir dialetos e línguas dos mais diferentes povos, todos atraídos pelo majestoso templo de Jerusalém.

De repente a calmaria cessou. Um vozerio se formou na entrada do pátio e uma turba entrou alvoroçada e alegre. De onde eu estava, só consegui ver um grupo de homens que formava um semicírculo em volta de um outro homem, vestido numa túnica branca de tecido rústico. Tentei me aproximar, mas todos se acotovelavam para vê-lo. Pude distinguir aqui e ali somente parte de sua figura. Era alto, de porte elegante, esguio, cabelos caídos pelos ombros... Foi só o que pude ver. Não quis arriscar uma maior proximidade para não ser reconhecido.

Ele caminhou guarnecido pelos seus discípulos até chegar a uma pequena plataforma de onde alguns pregadores sempre falavam ao público. A aparente calma anterior do pátio fora quebrada completamente. Agora o que se ouvia era um enorme burburinho: todos falavam ao mesmo tempo, muitos diziam ter presenciado feitos maravilhosos de Jesus em outras cidades, curas de leprosos, de cegos de nascença e até uma misteriosa multiplicação de pães diante de uma multidão faminta.

Eu mantinha meus ouvidos atentos e começava a achar que Jesus tinha mesmo algo de diferente, mas ainda tinha dúvidas quanto às suas pretensões políticas.

Ele subiu na plataforma e olhou ao redor em silêncio. De onde eu estava, conseguia vê-lo de perfil, quase de costas. Então, demorou-se sem dizer uma palavra. A multidão estava inquieta e ansiosa para ouvi-lo, mas ele nada falava. Correu novamente o olhar ao redor e parecia respirar fundo, como se lhe faltasse o ar.

Nesse exato momento, a confusão, que já era grande, se agravou. Um rapazola adentrou o pátio com uma dúzia de cabeças de gado,

atravessando o recinto para levá-las ao reservado, nos estábulos. Um sem número de bancas para a venda de animais para abate se espalhava por todo o pátio, fora as bancas de cambistas que faziam a troca das diversas moedas pelo siclo, moeda cunhada pelo clero judaico usada no pagamento das taxas do templo. Era um negócio muito lucrativo, já que os cambistas recebiam gordas comissões pela execução das trocas e o templo mantinha, com isso, um tesouro de proporções inimagináveis, enquanto a gente comum definhava na pobreza.

Havia uma certa pressão para que os animais destinados ao sacrifício fossem comprados no pátio do templo. Um dos motivos alegados era o de haver um rigoroso controle com relação à qualidade desses animais, que não podiam ter a menor imperfeição, ou seriam rejeitados pelos sacerdotes. O segundo motivo era bem mais fácil de entender: a maioria das bancas que vendiam animais ali eram de propriedade do filho de Anás, sumo sacerdote do templo.

Em meio à gritaria dos cambistas, ao mugido dos animais que passavam, ao odor das fezes de vacas, cabritos e pombos, e da impaciência do público, Jesus teve uma atitude surpreendente. O homem que Judas havia criticado por ser excessivamente passivo desceu da plataforma, tomou do rapazola as cordas com que prendia as vacas, soltou-as e saiu a soltar todos os demais animais que encontrava pela frente. Com impressionante destreza conduziu os animais rapidamente para fora do pátio, sem que ninguém conseguisse detê-lo. Tudo isso fez a passos largos e decididos, diante do olhar assombrado de seus discípulos.

Aproveitando a atitude de Jesus, alguns jovens indignados começaram a derrubar as bancas de cambistas e a espalhar as moedas por todo lado. Os mendigos se lançaram sobre elas e nós também nos aproveitamos da situação. De longe, eu podia ver os discípulos de Jesus totalmente desorientados, surpresos com a

atitude do mestre. Só Judas parecia satisfeito. Lançou-me então um olhar astuto e fez sinal para que eu agisse.

Imediatamente, eu e meus homens começamos a insuflar a multidão a uma revolta.

— Viva o rei Jesus! Basta de exploração! Basta de Roma! - gritávamos.

Uma massa de pessoas indignadas e malconduzidas é a coisa mais perigosa do mundo. Pouco depois, guardas romanos invadiram o pátio para pôr fim ao tumulto. A correria foi geral. No meio do pânico ainda pude ouvir a voz de Jesus, que bradava com firmeza:

— A casa de meu Pai deve ser uma casa de orações. Vocês a transformaram em um covil de ladrões.

Alguns sacerdotes saíram às arcadas do templo para ver o que estava acontecendo. Jesus lhes apontou o dedo dizendo:

— Ai de vós, escribas e fariseus! Hipócritas! Vocês fecham as portas dos céus aos homens. Lá não entram e não deixam outros entrarem! São semelhantes aos sepulcros caiados, brancos por fora e cheios de podridão por dentro! Vocês coam um mosquito e engolem um camelo. Cegos! Limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro o deixam cheio de imundície. Tratem de limpar-se primeiro por dentro, se pretendem ser realmente puros!

As palavras que eu ouvia em nada lembravam o Jesus doce e manso de quem me haviam falado antes. Inclinei-me a acreditar que Judas estava certo, e preso às palavras que me interessaram cometi mortal descuido: um dos guardas que tentava conter o tumulto me viu e me reconheceu. Comecei desastrada carreira na tentativa de fugir, mas o emaranhado de pessoas desordenadas me impediu.

Quando caí nas mãos dos soldados, ainda pude fazer um discreto sinal para que os outros zelotes saíssem dali o quanto antes. Qualquer tentativa de reação naquele instante seria desastrosa.

Capítulo 6

Fui jogado numa masmorra imunda, mas antes disso os soldados fizeram questão de me dar as boas-vindas cheios de sentimento de vingança pelos colegas que eu tinha matado: me bateram até não poder mais e me atiraram no cárcere.

Eu sabia que não escaparia dali com vida. Meu descuido ao ser preso espantou até mesmo a mim. Sempre estava alerta e jamais me deixava levar por distrações fúteis. As palavras e atitudes de Jesus me puseram num estado meio letárgico. Não consegui ver o perigo ao meu redor. Se não me tivessem pego, provavelmente estaria lá ainda ouvindo o que mais ele tivesse a dizer.

Na verdade, fiquei curioso para ouvir suas palavras, embora achasse pouco provável que ele também não saísse dali encarcerado depois de ter promovido tanta agitação. Depois de subverter a ordem contra César, só havia uma coisa que podia levar uma pessoa para a prisão rapidamente: subverter os valores religiosos.

Jesus tinha chamado os sacerdotes de hipócritas e cegos, bem no meio do pátio do templo. Com certeza isso não passaria em branco. Talvez não o tivessem preso ali mesmo somente pelo medo de uma revolta popular, já que uma verdadeira multidão o apoiava. Jesus talvez fosse mesmo louco por arriscar-se tanto. Mas seja qual fosse a loucura que o atingia, eu começava a simpatizar com ela.

Não consegui ver nele aquele homem passivo de quem Judas me falara. Na verdade, o achei bastante enérgico, mostrando atitude destemida e forte e uma determinação de quem tem absoluta certeza do que está fazendo.

Somente à noite comecei a sentir pânico, imaginando a minha sorte. O frio e o medo me fizeram lembrar de Leah. Tirei de dentro da túnica a tabuleta que ainda estava junto ao meu coração. Acariciei-a e beijei-a como se fosse a minha própria esposa e pedi aos céus que me desse forças para jamais fraquejar ou demonstrar medo diante dos meus algozes.

Não pude dormir. Simplesmente observei as horas se passarem e com elas os meus últimos momentos de vida. Não sei ao certo quanto tempo isso durou, se dois ou três dias talvez, até que vieram me buscar na masmorra. Nada me disseram, mas os soldados procuravam me aterrorizar disputando quem teria o prazer de me matar de maneira bem dolorosa.

Fui levado aos empurrões e com as mãos atadas até o palácio de Pôncio Pilatos, governador da Judeia. Ele é quem tinha mais motivos para ver minha morte, já que, por causa das insurreições e mortes de soldados que havíamos promovido, fora duramente repreendido por César, que ansiava por ver os culpados na prisão, punidos de modo exemplar.

Fui conduzido à sacada do palácio, de onde se via toda a praça da cidade. Para minha surpresa, havia uma enorme concentração de pessoas. Fiquei atordoado ao ver tanta gente. Logo depois, entraram mais dois soldados e colocaram outro prisioneiro ao meu lado. Senti um frio me percorrer a espinha. De algum modo, minha alma já adivinhava quem era essa outra pessoa. Tomei coragem e olhei discretamente para ele. Pelas vestes brancas e o porte altivo, pude perceber tratar-se de Jesus.

Ali estava ele, diante daquela multidão, e eu agora podia ver o seu rosto claramente. Era de uma imponência magnífica. Apesar de estar visivelmente abatido e cansado, roupas sujas e rasgadas e mãos atadas como as minhas, uma majestade misteriosa emanava de todo o seu ser, como um perfume que se espalha pelo ar. Tinha a pele queimada pelo sol, barbas cerradas e um olhar que não denunciava o menor sinal de medo.

Por um instante ele me olhou nos olhos. Senti-me colado ao chão. Seu olhar me atravessara de tal maneira, que tive medo de desmaiar. Era um olhar cheio de mistérios que estavam ainda muito além do meu entendimento. Ele me fitou profundamente e tive a impressão que chegou a esboçar um sorriso. Saberia quem eu era?

Pilatos adentrou a sacada acompanhado de Anás e seu genro Caifás. Como eu suspeitava, pareciam bastante incomodados com as atitudes de Jesus naquele dia, no pátio do templo. Era certo que tinham providenciado a prisão do Galileu. Mas quanto a mim? Que tinha eu a ver com isso?

Pilatos tinha nas mãos um rolo de pergaminho. Abriu, leu alguma coisa e imediatamente olhou espantado para nós dois. Murmurou como se falasse para si:

— Jesus Barrabás e Jesus de Nazaré.

Olhou para Jesus, que se mantinha inabalável, e em seguida para mim, triste figura grotesca, destoante ao lado daquele homem incomum. Senti vergonha de tamanha comparação.

Pilatos virou-se para a multidão e começou a falar:

— Tenho aqui dois prisioneiros, e como é de costume na Páscoa libertar um prisioneiro escolhido pelo povo, eu pergunto: a quem devo soltar? Jesus de Nazaré, acusado de subverter o povo e incitá-lo à rebelião, desencorajar o pagamento de tributos a César e chamar a si próprio de rei dos judeus e de pregar a fundação de um novo reino; ou Barrabás, acusado de rebelião contra César, saques e homicídio. A quem devo soltar?

Para nossa grande surpresa, o povo começou a gritar:

—Solte Barrabás!! Dê-nos Barrabás! Pilatos pareceu tão surpreso quanto nós.

—E o que devo fazer com Jesus?

—Crucifica-o! - gritava o povo.

Olhei para Jesus sem nada entender. Nem assim ele parecia abalar-se. Permanecia de cabeça erguida, altivo e sereno. Eu tremia por dentro, mas conservava por fora a aparência arrogante.

Pilatos passou a mão pelo rosto, num gesto de total descontrole. Pude imaginar o que se passava em sua mente. Ora, para ele era de vital importância que eu fosse punido. Era uma grande chance de recuperar seu prestígio junto a César. Se me soltasse, ficaria em

posição desconfortável, mas o povo insistia e Anás pressionava. Pilatos ainda tentou mais uma vez:

—Querem que eu crucifique Jesus? Querem que crucifique o seu rei? - disse ele com certa ironia.

—Não temos outro rei senão César! — retrucou Caifás. — Se soltar este homem, diremos que você não é amigo de César!

Pilatos ficou vermelho de raiva. Pediu que trouxessem uma bacia com água e lavou as mãos diante de todos dizendo:

— Não encontro neste homem culpa alguma que justifique a crucificação. Para mim, é apenas um sonhador, mas, se assim desejam, lavo minhas mãos do sangue deste homem.

A multidão exultava ao ver seu desejo satisfeito. Anás e Caifás se retiraram lentamente com um sorriso maldoso no rosto. Os soldados se aproximaram de mim e desamarraram minhas mãos, dando-me a uberdade. Curiosamente fiquei ali, ainda não acreditando no que acontecia. Eu, o bandido Barrabás, solto em lugar de um homem que até poucos dias era idolatrado pelo povo.

Antes que os soldados o levassem, ele ainda me olhou com uma profundidade indescritível, e sussurrou para mim:

— Faça-os voltar ao ninho!

Tremi quando escutei aquela frase, mas não tive tempo de perguntar nada. Os soldados o arrastaram para longe, enquanto eu saía caminhando atordoado e confuso. Minha cabeça girava e os gritos do povo me causavam irritação. Muitos me cumprimentavam como se eu fosse um herói ou tivesse realizado um grande feito. Reconheci entre eles muitos rostos que estavam no pátio do templo e que davam amplo apoio a Jesus, quando ele tivera uma atitude enérgica diante dos sacerdotes. O que teria acontecido durante os dias em que estive preso? O que fizera o povo mudar tão radicalmente de opinião com relação a Jesus? Que tipo de gente era aquela, tão fácil de manipular?

Eu não tinha as respostas para tais perguntas, nem tampouco para muitas outras que surgiriam na minha mente depois daquele dia.

Capítulo 7

Saí do meio da multidão e tive vontade de me esconder. Custava acreditar que me deixariam ir sem represálias. Imaginei que poderiam me perseguir e me matar secretamente. Então fui me refugiar no lugar onde mais me sentia seguro: entre os sepulcros.

Passei pelas ruas mais desertas da cidade, buscando me desviar de alguém que porventura estivesse me seguindo. Numa viela escura, roubei de um vendedor algumas frutas e um pão, sem que ele sequer percebesse.

Foi no fim dessa viela que encontrei um personagem curioso: um homem estava encolhido num canto, tremendo e chorando como uma criança. Pensei em passar de lado, mas algo me chamou a atenção. Reconheci aquele homem: era um dos discípulos de Jesus. Eu o tinha visto muito bem no dia em que estávamos no pátio do templo. Era um dos que estavam mais próximos do Galileu, sempre protegendo-o do assédio da multidão. Era corpulento, de aparência rude. Naquele momento, no entanto, me parecia a pessoa mais frágil do mundo. Pude compreender o que ele estava sentindo, mas, por outro lado, achei-o indigno de seu mestre. Por que estava ah parado, lamentando e chorando, quando deveria estar lutando para libertá-lo? Eu faria isso, se fosse seguidor dele. Jamais o deixaria ser condenado, sem antes fazer de tudo para salvá-lo. Onde estavam todos os seus seguidores agora?

Aproximei-me do homem e tentei conversar.

— Ei, você! O que houve? É um dos seguidores de Jesus, não é? Ele se levantou apavorado, procurando ocultar o rosto.

— Não sei do que está falando. Deixe-me em paz! - e saiu correndo pela viela abaixo.

Segui meu caminho cada vez mais intrigado com a atitude daquelas pessoas e com a história que envolvia Jesus de Nazaré.

Ao chegar ao nosso esconderijo, não encontrei nenhum dos zelotes. Com minha prisão, era evidente que tinham ido para outro lugar,

por medida de segurança. Achei melhor ficar por ali, ao menos até que se passassem alguns dias. Abriguei-me num sepulcro abandonado, alimentei-me das frutas e do pão que havia roubado e procurei descansar um pouco. Estava exausto depois de dias de tensão e insônia. Caí num sono pesado e só acordei horas mais tarde, com a estranha sensação de que o chão estava tremendo.

Levantei meio desequilibrado e constatei que o chão estava mesmo sofrendo leves abalos. Saí correndo do sepulcro, temendo ser soterrado e percebi mais um fato estranho: estava completamente escuro. Não sabia ao certo quantas horas tinha dormido, mas lembrava de ter sido solto por volta da hora terceira. Ainda não poderia ser noite.

Relâmpagos estranhos cruzavam o céu e uma chuva torrencial começou a cair. Resolvi voltar para dentro da cidade e procurar um abrigo mais seguro. Mal dei dois passos e fui jogado ao chão por um abalo violento e um estrondo, como o de um trovão muito forte. Na verdade, lembrava uma explosão, como se algo tivesse se partido bruscamente.

Definitivamente havia algo estranho acontecendo. Fiquei apavorado e corri para a cidade, já não me importando se alguém atentaria contra mim ou não. Lá chegando, encontrei as pessoas mais apavoradas que eu. Havia correria para todos os lados, como se o mundo estivesse acabando. Pessoas se refugiavam em suas casas, fechavam portas e janelas e clamavam pela misericórdia de Deus.

No meio da confusão, eu corria desorientado sem saber para onde estava indo. Busquei abrigo no pátio do templo, lugar público onde todos tinham sempre entrada livre. Ali também ninguém parecia estar seguro. Yi sacerdotes saindo, rasgando as vestes e dizendo que o véu do Santo dos Santos havia se rasgado de alto a baixo. Este era o símbolo máximo da presença divina em nosso povo. O *rasgar do véu* significava que talvez Deus estivesse irado com alguma coisa. Por isso, até os sacerdotes estavam amedrontados.

Vaguei pelas ruas quase vazias e fui parar no caminho que ia dar no Gólgota, lugar ermo e pouco frequentado onde geralmente eram executados os prisioneiros condenados à crucificação. Tive curiosidade em saber da sorte de Jesus. Algo me dizia que todos aqueles fatos estranhos tinham a ver com ele.

Cheguei sob pesada chuva e avistei um pequeno grupo ao pé de uma das cruzes. Havia outras duas que já estavam vazias; os soldados tinham pressa em remover dali os corpos. Em poucas horas começaria o sábado, em que não se poderia fazer sepultamentos por ser um dia sagrado para os judeus.

Vi ao pé daquela cruz duas mulheres desoladas, um dos seguidores de Jesus e um outro homem muito conhecido na cidade, um rico comerciante chamado José de Arimatéia. Envolveram o corpo de Jesus num lençol e saíram dali em absoluto silêncio e comovente tristeza.

Eu assistia a tudo de longe, procurando me esconder para que não me vissem. Imaginei que se soubessem quem eu era, que fora solto no lugar de Jesus, que ele carregara nas costas a cruz que estava destinada a mim, com certeza sentiriam grande revolta e talvez até tentassem me fazer algum mal. Que tolo era eu, em julgar os sentimentos daquelas pessoas a partir dos meus! Se os conhecesse, saberia que jamais pensariam tal coisa.

Quando eles se retiraram, fiquei ali sem ter para onde ir e sem saber que rumo daria à minha vida. Tive uma enorme vontade de chorar e aproveitei as gotas da chuva para disfarçar minha dor. Tinha jurado que nunca mais choraria depois da morte de Leah, mas agora sentia em mim um vazio tão profundo como no dia em que ela partira. Aproximei-me da cruz em que Jesus fora pregado e olhei-a por demorado instante. Vi no madeiro marcas de seu sangue; deslizei meus dedos por elas e senti em mim a dor dos cravos agudos.

Lamentei não ter conhecido melhor o mestre de Nazaré. Talvez pudéssemos ter sido bons amigos. Ele parecia o tipo de homem que

vale a pena ter como amigo. E se isso tivesse acontecido, era certo que eu não o deixaria ser crucificado em meu lugar. Ao menos tentaria fazer qualquer loucura para livrá-lo. Nunca desistiria, sem ter tentado todos os meios.

Em minha mente, eu questionava por que seus discípulos nada tinham feito. Se seu mestre era mesmo o homem santo que todos afirmavam ser, por que tanta covardia em defendê-lo? Será que não sabiam lutar por justiça?

Por outro lado, também questionei meus próprios conceitos de justiça. Eu tinha dedicado minha vida até ali a lutar contra injustiças e desigualdades que abatiam o meu povo. Jesus também pregava a justiça e proclamava um reino de igualdade para todos os filhos de Deus. Nisso nos parecíamos!

Mas eu, no momento em que o vi ser condenado em meu lugar, mesmo sabendo que aquela condenação era uma evidente manipulação política e religiosa feita por Anás e Caifás, não vacilei em usufruir de minha uberdade. Jesus poderia até ser um louco ou sonhador, como Pilatos dissera. Mas era óbvio que não se tratava de um bandido. Eu tirei vidas, e fiz isso com grande prazer. Ele curou e devolveu a vida, e fez isso com muito prazer também. Essa era a nossa diferença mais marcante. Ele se comprazia no amor; eu no ódio. Ele pregava a justiça com mansidão, e eu buscava obtê-la pela força. Só que cheguei à conclusão de que minha luta por justiça vacilara diante dele. Se eu fosse realmente justo, jamais deveria ter aceitado que ele morresse em meu lugar. Fui cúmplice de uma das maiores injustiças que poderia existir.

Encostei-me na cruz, na cruz que era minha, e chorei junto com a chuva. Parecia que o mundo chorava também. Lamentei ser um homem tão egoísta, tão pequeno diante de Jesus. Chorei de vergonha, mais do que de tristeza.

Capítulo 8

Passei alguns dias vagando pelos arredores de Jerusalém. Deixei que os acontecimentos se acalmassem, depois fui procurar Simão. Ele me recebeu com alegria.

— Onde esteve? Foi incrível o modo como você foi solto!

— Estive escondido aqui e ali - respondi meio apático. - Tem notícias dos zelotes? E de Judas?

O rosto de Simão se contraiu.

— Judas... Judas está morto.

— Morto? Foi pego junto com Jesus?

— Não. Cometeu suicídio. Um dia depois de terem crucificado Jesus, ele foi encontrado enforcado numa árvore.

Fiquei chocado com o que acabara de ouvir. Simão continuou a explicar:

— Judas tinha feito um trato com os sacerdotes. Eles estavam muito incomodados com as coisas que Jesus andava dizendo, porque acabava com a autoridade deles e os ridicularizava. Muitos estavam inclinados a segui-lo. Sendo assim, o poder dos sacerdotes estava cada dia mais abalado. Judas tentava por todos os meios convencer Jesus a proclamar-se rei de Israel. Afirmava que conseguiria apoio dos zelotes para sua tomada de poder, mas Jesus continuava afirmando que seu reino não era deste mundo. O que Judas fez foi tentar um estratagema para fazer com que Jesus mostrasse publicamente seus poderes, conquistando de maneira incontestável o povo e assustando o Sinédrio e Roma. Por fora, articulava uma ação revolucionária dos zelotes que culminaria num golpe e na posse do trono. Jesus seria rei, você seu general de confiança, e ele seu conselheiro ou ministro.

— Foi para isso que me procurou, antes daquele episódio no pátio do templo. Quase conseguimos consumir o que ele queria.

—Sim, se não fosse por dois detalhes importantes: sua prisão, que deixava os zelotes enfraquecidos e sem liderança, e o total desinteresse de Jesus pelo trono de Israel.

—Não entendo. Naquele dia, eu mesmo ouvi Jesus tecer duras críticas aos sacerdotes. Pilatos até o acusou de ser inimigo de César. Ele me pareceu bastante enérgico, para dizer a verdade. Cheguei a crer que pudesse se tornar um grande líder de nosso povo. Ele tinha o dom da palavra, encantava as multidões. Isto, aliado à força dos zelotes e à astúcia de Judas, poderia ter mesmo nos colocado no poder - ponderei.

—E verdade! Mas o fato é que pouco depois de você ser preso, Jesus ainda foi abordado por pessoas estrategicamente instruídas pelo Sinédrio para tentar comprometê-lo. Queriam que ele cometesse algum deslize sério em público, a fim de acusarem-no de traição. Alguns, aproveitando o tumulto ocorrido no pátio, perguntaram a Jesus se era certo pagarmos tributos a César. Sabe o que ele respondeu?

Permaneci atento e curioso pela resposta. Simão continuou:

— Pediu uma moeda e perguntou de quem era a efígie ali estampada. Responderam: "De César!". Então ele disse: "Pois dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus".

Meditei sobre a resposta e acabei soltando uma gargalhada.

—E genial! Tenho de admitir que ele era muito inteligente. Essa resposta deixou tanto os sacerdotes quanto os romanos de mãos atadas. O que não entendo é por que ele não se importava com o pagamento dos tributos, se pregava a igualdade e se preocupava tanto com os desafortunados. Parece contraditório - respondi.

—É contraditório. Aquele homem era um lunático, Barrabás. Falava coisas que nem mesmo seus seguidores podiam entender. A prova disso é que até o próprio Judas, um dos que mais acreditava em seu poder, acabou caindo em desespero.

Judas tinha procurado os sacerdotes dizendo estar disposto a revelar o local onde Jesus passava as noites. Sabia que queriam

prendê-lo, mas não o faziam por causa do povo, que com certeza se rebelaria se visse tal cena. Ele se tornaria um mártir, e os mártires sempre arrastam multidões. Os sacerdotes ofereceram trinta denários para que Judas desse a informação. Ele deu, mas esperava que, na iminência de ser preso, Jesus reagisse e mostrasse do que era capaz. Tinha a certeza de que ele não se deixaria condenar daquele modo. Talvez acreditasse mesmo que um exército de anjos baixaria à Terra para acudir o profeta. Ilusão!

O que aconteceu é que Jesus foi preso sem nada dizer. Foi interrogado diversas vezes e nada disse em defesa própria. Nem mesmo tentou alegar inocência quando o acusaram de traição a César, coisa que sabemos não ser verdade. Permaneceu calado. Deixou-se levar para a cruz de modo passivo e aceitou até que um criminoso como você fosse solto em seu lugar. Diante disso, Judas se desesperou. Ao ver que Jesus não fazia nada para se defender, enquanto o povo pedia sua condenação, o remorso foi demais para ele.

—Isso é o que não entendo. O mesmo povo que o aclamava como rei foi à praça para pedir sua condenação.

—Tudo cuidadosamente articulado por Anás. Após a prisão de Jesus, fizeram uma verdadeira caçada a todos que tivessem alguma ligação com ele. Com medo, as pessoas se esconderam, mas no fundo ninguém imaginava que ele fosse condenado à cruz. Anás movimentou suas influências para que o julgamento de Jesus fosse realizado em regime de urgência. Pressionou Pilatos, que anda desacreditado perante César, dizendo que, se não levasse o nazareno imediatamente a julgamento, faria chegar à Roma notícias de que ele comungava de ideais revolucionários.

Então, com os seguidores e simpatizantes de Jesus fora das ruas, tratou de pressionar os mais ignorantes a pedir a sua libertação, já que você sim estava disposto a lutar contra os tributos de César. A massa facilmente manipulável, junto com aliados de Anás semeados entre o povo, tratou de levantar as aclamações para que você fosse

liberto e Jesus condenado. Afinal, suas pretensões políticas são bem concretas, e o reino que Jesus pregava nada tem de real; é pura utopia.

—Mas havia algo realmente diferente com aquele homem, Simão. Antes que os soldados o levassem, no dia em que fomos julgados, ele se aproximou de mim e me disse uma frase muito estranha.

—O quê?

—Faça-os voltar ao ninho!

—O que quer dizer isso? — perguntou Simão.

—Não faço ideia. Mas o fato é que esta frase está gravada numa tabuleta entalhada que Leah ganhou de um homem a quem deu de beber pouco antes de nos casarmos. Ela disse que ele era um jovem carpinteiro, conhecido em sua região como homem santo.

Então, mostrei a Simão a tabuleta que trazia sempre comigo. Ele a examinou com semblante grave.

—Carpinteiro, você disse?

—Sim.

Depois de uma pausa, me olhou de modo firme e disse:

— Jesus era carpinteiro. Você sabia?

Meu coração deu um salto. Segurei em minhas mãos trêmulas a tabuleta entalhada e não consegui dizer uma só palavra. Começava a se formar em minha mente a ideia de que aquele meu trágico encontro com Jesus não tinha sido obra do acaso.

—Não vá se impressionar com essas coisas, Barrabás! Aquele homem era cheio de mistérios e a única coisa que conseguiu com isso foi uma cruz às costas. Ele e seus seguidores são todos uns fanáticos. Você nem imagina que loucura andam espalhando por aí agora. Afirmam aos quatro ventos que o profeta está vivo.

—Vivo? Mas eu mesmo vi o corpo dele ser retirado da cruz. Ninguém poderia sobreviver a uma violência tão grande.

—Veja só o absurdo! Aceite meu conselho: esqueça Jesus. Em pouco tempo ninguém mais falará dele. Cairá no esquecimento como tantos outros profetas itinerantes que surgem todos os dias. Você

deve voltar a se dedicar aos seus ideais de libertação do nosso povo. Deve procurar os zelotes. Eles foram se refugiar às margens do Mar Morto, em Qumran. Lá existem muitas grutas onde podem se abrigar e é uma região isolada. Retome sua luta! Isto sim é real. Embora as palavras de Simão convencessem a minha razão, meu coração pedia respostas que eu não conseguia encontrar sozinho. Passei mais alguns dias na casa dele e não toquei mais em assuntos que tivessem relação com Jesus. Mas um dia, não podendo mais suportar meus questionamentos internos, saí bem cedo, antes que o Sol aparecesse, e fui para Betânia. Aquele era o único lugar onde eu sabia que poderia encontrar alguma informação sobre os discípulos. Lá morava Lázaro, o homem a quem Jesus ressuscitara. Comecei minha busca por lá.

Capítulo 9

Ao chegar a Betânia, comecei a perguntar pela casa de Lázaro. Notei que algumas pessoas fugiam quando ouviam a minha pergunta. Parecia que tinham receio de se comprometer com qualquer coisa ou pessoa que estivesse ligada a Jesus. Finalmente um homem me apontou a direção da casa de Lázaro de modo rápido e sem dizer uma só palavra.

Bati à porta da pequena casa e uma mulher veio atender.

— Procuo Lázaro. Ele mora aqui?

A mulher me olhou com desconfiança. Temi que se recusasse a me dizer qualquer coisa e tratei de tranquilizá-la.

— Eu venho em paz, não tema! Apenas quero algumas informações sobre Jesus.

— E quem é você? - perguntou ela.

Imaginei que a menção de meu nome só acabaria por piorar as coisas e respondi:

— Sou apenas uma pobre criatura em busca de respostas. Tentei parecer o mais humilde e pacífico possível, e isso era tarefa bastante difícil para mim. Minha natureza era rude e meu temperamento arrogante. Mas acho que consegui convencer a mulher.

— Fique aqui! Vou chamar meu irmão - disse ela, fechando a porta e me deixando do lado de fora a esperar.

Logo apareceu um homem jovem, robusto e de olhar forte.

—O que deseja? - ele me perguntou.

—Você é Lázaro?

—Sim, sou eu. E você, quem é? Não pude mais dissimular.

—Sou Barrabás.

Notei o espanto nos olhos de Lázaro.

— Barrabás, o Bandido?

— Sim, eu mesmo. Pode parecer estranho que eu esteja aqui, mas tenho algumas perguntas que só os seguidores de Jesus podem responder. Gostaria que me ajudasse a entender uma coisa que ele me disse no dia em que fomos julgados.

Lázaro pensou um pouco, depois me convidou a entrar. Dentro da casa havia duas mulheres que ele me apresentou como sendo suas irmãs: Marta e Maria. Comecei a contar-lhes sobre a tabuleta e sobre a enigmática frase que Jesus havia me dito. Os três examinaram a peça e Maria foi a única que se arriscou a dizer algo.

— Isto parece ter sido feito por ele, sim. Jesus gostava de entalhar por pura diversão. Vi vários trabalhos semelhantes a este na casa de sua mãe. Mas só quem poderia afirmar com certeza, seria ela. Chama-se Maria e mora agora com João, um discípulo muito querido de Jesus.

— Mas o que quer dizer esta frase? - perguntei.

—Tudo o que Jesus dizia tinha muitos significados. Se ele lhe disse esta frase, com certeza deve ter um sentido profundo. Ele nunca agia por mero acaso. Talvez o sentido desta frase seja exatamente fazer com que você procure respostas. Ele queria chamar sua atenção para algo. E, pelo que vejo, conseguiu. Sua presença aqui já é prova disso - afirmou Lázaro.

—E quanto aos boatos que andam espalhando, dizendo que ele está vivo. Vocês acreditam nisso?

Lázaro deu um sorriso e segurou uma de minhas mãos, colocando-a sobre seu peito.

— Está sentindo isto, Barrabás? Sente meu coração bater? Pois eu também estava morto e ele me fez voltar à vida. Não entendo como. Simplesmente sinto, e sei que estou vivo. Algumas coisas não podem ser explicadas com palavras; só podem ser sentidas.

Saí da casa de Lázaro com a certeza de que não abriria mão de achar o significado daquela frase. Agora estava bastante claro para mim que Jesus realmente quis chamar minha atenção para alguma coisa que eu ainda desconhecia. E mesmo que eu tivesse que ir aos confins da Terra para achar respostas, eu iria.

Não contei nada a Simão sobre meu encontro com Lázaro. Sabia que meu amigo me criticaria. Diria que eu estava me envolvendo com ideias utópicas, em lugar de retomar minha luta pelo meu povo. Comecei a questionar meus valores.

A luta dos zelotes se resumia basicamente na recusa em pagar os tributos a Roma. Lutávamos para não ver mais as riquezas de Israel serem canalizadas aos cofres de César, enquanto nosso povo trabalhava de sol a sol e definhava na miséria. Parecia bastante justo lutar contra isso. Mas, por outro lado, eu imaginava que se conseguíssemos libertar Israel do jugo de Roma, então nossas riquezas ficariam com nossa gente, com os comerciantes, mercadores, doutores da Lei... enquanto trabalhadores braçais, como eu, continuariam a mesma vida de suor e sacrifícios.

Deixaríamos de pagar tributos a estrangeiros para pagar aos do nosso próprio povo.

O que eu começava a perceber é que era ilusão sonhar com um mundo de igualdades e de felicidade plena. Em minha mente, esse tipo de vida só existia no paraíso perdido por nossos primeiros pais, no início da história do mundo. A desobediência e o pecado haviam nos condenado a uma existência de privações e dores. Isso é o que nos ensinavam nos templos. Para que lutar, então? Existiria um reino em que a igualdade e a felicidade pudessem ser realmente conquistadas?

Talvez fosse sobre esse reino que Jesus falava. Nos outros, fossem eles romanos ou israelenses, sempre haveriam ricos vivendo às custas do sacrifício dos menos favorecidos. Gente como eu e ele, camponeses, pescadores, ferreiros, carpinteiros... Carpinteiros! Esta palavra já não me saía da mente.

Jesus era um trabalhador braçal como eu e muitos outros. Entretanto, parecia dar pouca importância se os tributos eram pagos a César ou a Israel. Não se importava em saber em quais mãos estava a riqueza, Talvez ele tivesse em mente um outro tipo de riqueza que eu ainda desconhecia. Esta sim, talvez por ela realmente valesse a pena lutar.

Quanto às minhas lutas, eu já não tinha certeza de nada.

Capítulo 10

Simão me pressionava diariamente para que eu fosse para Qumran. Não falei a ele sobre minhas indagações a respeito dos ideais dos zelotes. Meu amigo ainda se encontrava imerso naquele mundo dos

sentidos, onde tudo que parece ter valor é somente o que se pode tocar com as mãos e ver com os olhos.

Ele partilhava dos anseios que norteavam a vida da maioria das pessoas que eu conhecera até ali. Trabalhar, acumular riqueza, possuir bens, ter comida farta, consumir tudo numa ânsia por algum prazer e depois morrer, descobrindo que nada que é passageiro pode contentar o espírito imortal.

Minha alma começava a ansiar por satisfações que fossem além dos sentidos. Pensando nisso, reuni meus poucos trapos e me despedi de Simão dizendo que iria para Qumran. Na verdade, pretendia mesmo ir para lá. Ainda queria analisar se as lutas dos zelotes não poderiam mudar de direção, absorvendo horizontes mais amplos. Entre eles, eu conhecia homens de muita fibra, calejados e machucados pelas injustiças do mundo, é verdade. Pensei que talvez pudesse lhes apresentar novas formas de luta e novos objetivos também.

Antes, porém, estava decidido a procurar Maria, a mãe de Jesus. Lázaro me dissera que ela estava morando nos arredores de Betânia, com João, um discípulo muito ligado a Jesus.

Para lá rumei com o coração cheio de esperança, a fim de ouvir a mãe do mestre. Quem melhor do que ela poderia conhecer Jesus? Com certeza saberia se foi mesmo ele quem entalhou aquela tabuleta. Quanto ao significado, isso eu sabia que só eu poderia descobrir.

Cheguei à casa de João e encontrei algumas pessoas à porta, mendigos na verdade. Um rapaz, muito jovem, os atendia distribuindo um pouco de alimento aos que nada tinham.

Eu, misturado entre eles, maltrapilho como andava, bem parecia um mendigo também. Desconhecendo quem eu era, o rapaz me estendeu um prato de sopa. Resolvi aceitar, pois naquele momento eu já tinha percebido que era tão mendigo quanto os outros.

Sentei-me numa pedra um pouco distante da casa e degustei a refeição que me fora oferecida. De lá, observava a amabilidade com

que aquele jovem tratava os desafortunados. Todos olhavam para ele com uma gratidão estampada no rosto. À medida que terminavam a refeição, agradeciam rogando as bênçãos do céu para seu jovem benfeitor e se retiravam humildemente. Esperei que todos tivessem saído para então me aproximar.

— Procuo a casa de João, discípulo de Jesus. O rapaz sorriu cordialmente.

— Sou eu. Você deve ser Barrabás. Lázaro me avisou que viria.

Fiquei surpreso ao ouvir meu nome ser pronunciado sem o espanto e o asco habitual. João me convidou a entrar em sua pequena e simples morada. Sentou-se diante de mim com um olhar atento, pronto a me ouvir.

—Maria, mãe de Jesus está morando com você, não é?

—O mestre pediu que eu cuidasse dela quando partiu. Mas ela está passando uns dias com Maria Madalena, em Magda-la. Está abatida com tantas agitações. Então, achei melhor que descansasse.

Fiquei um pouco frustrado, pois esperava encontrar ali a mãe do carpinteiro, e Magdala estava fora de meu trajeto para Qumran. Mas João mostrou-se tão solícito que decidi contar-lhe sobre o motivo de minha visita. Mostrei-lhe a tabuleta e a frase que tanto me intrigava. O rapaz abriu um largo sorriso, enquanto examinava a madeira entalhada, acariciando-a como se fosse um objeto muito amado por ele.

—Posso lhe garantir que foi o mestre quem fez isto. Reconheço o traço fino e delicado dele em cada veio desta madeira. Já quanto ao significado da frase... - disse João.

—Mas ele não me conhecia. Não, até o dia daquele fatídico julgamento.

—Ele não precisava conviver muito com uma pessoa para conhecê-la, Barrabás. Bastava um olhar para mergulhar fundo em nossa alma.

Aquela última frase de João me transportou ao dia em que estive frente a frente com Jesus. Aqueles poucos instantes, aquele olhar profundo... eu não conseguia esquecer.

— O que ele quer de mim, João? O que quer me dizer que não consigo compreender?

Diante do olhar manso do rapaz, senti que já não podia conter o que havia em minha alma. A aparência confiável de João me fez abrir o coração.

— Desde aquele dia, quando ele foi condenado em meu lugar, não consigo tirá-lo de minha mente. Ele sabia quem eu era, João. Sabia que eu merecia aquela cruz mais do que ninguém. E mesmo assim não fez nada para se defender. Por que fez isso? O que espera de mim? Eu sou um assassino. Ele era inocente. Eu sinto... sinto vergonha...

Não pude conter a dor que me sufocava desde aquele dia e rompi em lágrimas como uma criança. João limitou-se a apoiar sua mão suave em meu ombro e aguardar em silêncio. Depois de alguns minutos, disse:

— Não se sinta culpado, Barrabás! O mestre sempre sabia o que estava fazendo. Se permitiu que você fosse solto em seu lugar, com certeza tinha um propósito para isso. Continue procurando suas respostas, não desista! Algo me diz que ele tem uma grande transformação guardada para você.

Um pouco mais calmo, encorajei-me a perguntar:

— Dizem que ele está vivo. Isso é verdade?

— E a mais pura verdade. Eu mesmo já o vi depois da crucificação.

Interessei-me profundamente e absorvi cada palavra de João.

— Estávamos junto ao mar de Tiberíades. Estavam lá sete dos doze que o seguiam. Nós o vimos na praia e ele nos convidou a comer com ele. Antes disso, Maria Madalena e Pedro também o viram. E Tomé, que não acreditava que ele pudesse estar ali, até tocou-o e viu as marcas dos cravos em suas mãos. Não restava dúvidas de que era Jesus. Ele vive, Barrabás! Isso posso afirmar.

Ouvindo essas palavras, criei novo ânimo.

—Então terei a chance de encontrá-lo. Posso saber dele mesmo o que deseja me dizer com esta frase. Como poderei encontrá-lo, João?

—Isso não sei dizer. Ele aparece quando menos esperamos e em lugares que não podemos prever. Mas é de se esperar que procure Maria. Ela voltará para cá dentro de algumas semanas. Há também Pedro, com quem o mestre tinha estreita amizade. Ele poderia informar-lhe muitas coisas sobre Jesus. Vá procurá-lo em Tiberíades. Diga que eu o mandei. Pedro é muito ressabiado.

Antes que eu partisse, João ainda me deu mais um conselho:

— Não desista, Barrabás! Mesmo que apareçam muitos obstáculos no seu caminho, não desista de procurar suas respostas. Quando algo nos incomoda e inquieta, é sinal de que devemos dar-lhe atenção. Se Jesus o inquietou, preste atenção nele. Ele jamais age de maneira óbvia. Tudo que faz tem um propósito. E se tem um propósito para você, considere-se afortunado.

Abaixei a cabeça, sentindo-me indigno de qualquer atenção por parte do mestre.

—Um propósito para mim? Que utilidade eu poderia ter para Jesus? Eu, um homem cheio de sentimentos pouco nobres...

—Exatamente por isso! Ele um dia nos disse que os médicos são para os doentes, não para os sãos. Pense nisso!

Deixei a casa de João encantado com a simplicidade e a sabedoria daquele rapaz. Seu modo de falar de Jesus, tão apaixonado, mostrava uma capacidade de amar que eu nunca experimentara. Mesmo por Leah, eu nunca sentira um amor tão incondicional. Tudo o que eu imaginava ser amor acabara se esvanecendo ao conhecer João. Não sabia ainda como amar daquele modo. Mas com certeza, eu queria aprender.

Capítulo 11

Como Betânia ficava a pouca distância de Qumran, decidi ir ao encontro dos zelotes antes de partir para Tiberíades. Eu ia com o coração renovado, cheio de novas ideias e ansioso por expô-las aos meus companheiros. Aos poucos, já não me recordava do Barrabás truculento e arrogante que eu era até pouco tempo. Já não tinha vontade de extinguir da face da Terra todos os soldados romanos nem qualquer outra criatura.

Comecei a reparar nas pessoas que eu encontrava pelo caminho. Vi gente pobre e feliz, com um sorriso estampado no rosto, apesar de todas as mazelas da vida. Gente que até passava por situações muito mais difíceis do que as que eu havia passado. Vi cegos resignados por terem as mãos; vi aleijados felizes por ainda poderem cantar; vi mendigos contentes por haver no mundo almas caridosas que os ajudassem.

Para algumas pessoas, a felicidade era algo independente das condições externas em que viviam. Ela brotava de dentro com tanta espontaneidade que chegava a contagiar. Os efeitos inegáveis dessa felicidade desatrelada de qualquer motivo eu começava a sentir em minha própria alma. O simples fato de estar vivo, agora era motivo de júbilo para mim.

Quando eu imaginava que poderia estar morto e que teria deixado este mundo na mais completa ignorância e amargura, chegava a agradecer a Deus por ter permitido a estranha troca entre Jesus e eu. Só o que me restava era aproveitar essa nova chance que me era dada com o máximo de sabedoria. E se fosse possível contagiar a outros com esse sentimento, eu ficaria muito satisfeito.

Foi pensando nisso que cheguei a Qumran. Nos arredores das colinas que margeavam o Mar Morto viviam muitos pastores de cabras e ovelhas. Muitos moravam ali; usavam as cavernas encravadas nas colinas como abrigo durante o dia, enquanto pastoreavam.

O Sol brilhava forte e o calor era insuportável naquela manhã. Avistei alguns meninos tomando conta de um rebanho e me aproximei para pedir informações sobre possíveis moradores recentes. Os garotos nada souberam informar, mas um homem com uma longa túnica branca observava atentamente todos os meus passos. Achei estranho aquele homem, pois não parecia um pastor. Estava sentado debaixo de uma árvore desfrutando do frescor da brisa no meio de tanto calor.

Quando eu já ia me afastando, ele me chamou.

— Está procurando os zelotes?

Sua pergunta tão direta me surpreendeu, já que a maioria das pessoas evitava tocar no nome deles por medo de se comprometerem.

— Sim. Tenho amigos entre eles - respondi.

— Venha, vou lhe mostrar onde estão!

Acompanhei o homem e comecei a observar em sua aparência um pouco exótica. Vestia aquela túnica em linho muito branco e trazia ao pescoço um colar com muitas contas de madeira. Nunca tinha visto aquela indumentária antes. Não era sequer parecida com as dos sacerdotes e doutores da Lei. Não contive minha curiosidade.

— Você é amigo dos zelotes?

— Apenas conheço alguns deles. Logo que chegaram aqui, alguns estavam doentes ou feridos. Disseram vir fugidos de um tumulto em Jerusalém. Sou um terapeuta. Ajudei a curar alguns deles.

Fiquei em silêncio me perguntando o que era um terapeuta.

— Então você é médico?

O homem sorriu percebendo minha curiosidade e ignorância.

— Não, sou um essênio.

Meu espanto foi ainda maior. Para mim, os essênios eram somente uma lenda que eu ouvia quando criança. Nunca conheci de fato alguém que tivesse visto um deles. Esses personagens lendários eram tidos como magos e curandeiros. Entre o povo, corriam boatos

de que podiam curar qualquer doença, ou até mesmo ressuscitar mortos.

Isso me fez lembrar de Lázaro. Se ele havia mesmo sido ressuscitado, seria Jesus um essênio?

Os essênios geralmente eram malvistas pelos sacerdotes, que alegavam que essa seita descumpria muitos preceitos de Moisés. Sabia apenas que tinham sido muito perseguidos e banidos para regiões inóspitas como Qumran. A maioria das pessoas julgava até que eles tinham sido extintos.

Agora eu tinha um deles bem diante de meus olhos e me conduzindo para o esconderijo dos zelotes. Novamente minha curiosidade falou mais alto.

—O que pensam os essênios a respeito dos zelotes? Poucos se disporiam a ajudá-los como você fez.

—Não tomamos partido em disputas políticas. Ajudamos aos zelotes como ajudaríamos a um romano, um samaritano, um grego, ou qualquer outro que estivesse sofrendo. E nossa tarefa e nosso ideal de vida.

Fiquei impressionado com os elevados valores daquele homem e cada vez mais aprendia o quanto era pequena a minha alma. Como sempre me respondia com muito boa vontade, continuei minhas indagações.

— Nunca conheci um essênio, você é o primeiro. Havia um homem da Galileia que realizava curas miraculosas, como vocês. Mas não sei se era um essênio. Já ouviu falar em Jesus, o Carpinteiro?

O essênio me olhou nos olhos e a seguir respirou profundamente.

—Jesus... quem não ouviu falar dele.

—Então o conheceu?

Antes que o homem me respondesse, apontou para uma falha entre pedras muito altas e disse:

— Siga por ali. É onde se escondem os zelotes. Se quiser conversar sobre Jesus, nos procure. Moramos em cavernas não muito longe daqui. Seus amigos sabem como nos encontrar.

Dizendo isso, deixou-me ali e retornou ao seu caminho.

Caminhei poucos minutos até ser abordado por um zelote que montava guarda escondido entre as pedras. Por sorte o homem me conhecia e fui conduzido ao resto do grupo com alegria e comemoração.

— Barrabás!! Por onde andou? Achamos que estava morto? Soubemos de seu julgamento.

Todos falavam ao mesmo tempo e tentavam pôr em dia as novidades. Contaram que naquele mesmo dia em que fui preso no pátio do templo, alguns outros companheiros também o foram e estavam ainda jogados nas masmorras de Jerusalém. Compadeci-me de sua sorte. Na maioria das vezes, esses criminosos eram deixados lá por anos e anos esquecidos, como se já estivessem mortos. Ou então eram condenados à alguma pena terrível como a cruz.

Fui alojado numa das cavernas que eram usadas como esconderijo e depois de descansar um pouco sentei-me com os zelotes para saber dos seus planos. Esperavam que eu tivesse alguma ideia ou novo plano a pôr em execução.

—Estive pensando sobre nossos ideais. Acho que alguma coisa deve ser modificada em nossas lutas. Que resultado queremos obter? Creio que nunca paramos para definir isso realmente.

—Como não! Queremos a liberdade de Israel e o fim da exploração de nosso povo - disse um dos homens.

—Exatamente. Mas se conseguirmos expulsar Roma de nosso território, então os maioraes entre nosso povo passarão a governar e continuarão a cobrar impostos, e os ricos continuarão a ser ricos e os pobres continuarão a ser pobres. O cativoiro somente mudará de mãos. Deixaremos de servir aos romanos para servir aos de nosso povo. O que quero é liberdade de fato. Deve haver um meio de sermos livres de verdade. Nossa luta só vai conseguir uma liberdade ilusória.

Os ânimos se exaltaram com essas minhas palavras.

— Está dizendo que devemos desistir? Devemos nos conformar com a vida que levamos? - indagaram alguns.

— Não foi isso que eu quis dizer. É que estive investigando outras maneiras de lutar. Aquela minha troca por Jesus me despertou a curiosidade sobre ele. Fiquei intrigado com o fato de um homem que era venerado por aquele povo ter sido crucificado em meu lugar a pedido do próprio povo. Talvez Anás os tenha feito acreditar que eu poderia dar-lhes algo que Jesus não daria. Ele falava de um reino dos céus; eu lutava por nossa nação. Pode parecer que neste ponto tenho mais a oferecer, mas hoje, sinceramente, acredito que não. Analisei e vi que o sofrimento dos mais humildes continuaria a ser o mesmo. Soube que os doutores da Lei indagaram a Jesus sobre pagar ou não os tributos a César. Ele simplesmente respondeu: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". Lembrem-se de que ele era carpinteiro, um trabalhador como nós. Pouco se importava com quem ficaria o dinheiro dos tributos. Importava-se com aquilo que poderia fazer cada um realmente feliz.

As opiniões se dividiram novamente. Alguns homens se revoltaram com minhas palavras.

— Você está fascinado por esse lunático! O que ele ganhou com essas ideias tolas? Uma cruz sobre as costas. A sua cruz. Preferimos ser escravos de nosso povo, a viver sob o domínio de Roma - bradavam eles cheios de indignação.

Percebi que meus amigos ainda não tinham condições de entender o que eu estava tentando propor. Na verdade, nem eu mesmo entendia completamente. Mas era certo que já não desejava nenhuma revolução armada, nem lutas, nem sangue. Desde o dia em que vi o sangue de Jesus manchando aquele madeiro no Gólgota, minha sede de sangue se estancara. Para mim, já havia sido derramado sangue demais.

O clima com os zelotes tornara-se tenso. Não tocamos mais nos assuntos que se referiam a Jesus, mas eles me olhavam desconfiados e com o semblante fechado. Já não me sentia bem no meio deles.

Estava decidido a ir embora o quanto antes, mas não sem procurar o essênio que me conduzira até eles.

Saí um dia no final da tarde e fui ter com os pastores de ovelhas da região. Pedi informações sobre os essênios e não foi difícil encontrá-los. As pessoas demonstravam respeito e carinho quando se referiam a eles.

Cheguei a um paredão de pedras onde se enrustavam cavernas que serviam de morada aos essênios. Era uma verdadeira cidade. Quem olhasse rapidamente poderia não acreditar que viviam tantas pessoas naquele lugar tão inóspito.

Um senhor me abordou amigavelmente:

—Precisa de ajuda, meu amigo?

—Procuro um essênio que conheci há poucos dias... Antes que eu concluísse o que estava falando, uma voz atrás de mim se pronunciou:

— Eu o conheço, é meu convidado - era o homem que me levava aos zelotes. Convidou-me para entrar em sua morada e fiquei surpreso com o que vi no interior daquela caverna. Apesar do calor que fazia lá fora, dentro era fresco e agradável. O ambiente era simples e acolhedor, um lar de verdade.

O homem apresentou-me sua esposa e seus dois pequenos filhos. Seu nome era Eliud. Então nos sentamos e sua esposa nos serviu pão com um molho de ervas muito saboroso.

— Deve nos perdoar pela comida modesta. Não comemos carne - disse Eliud.

Pouco me importei com esse fato, apesar de achá-lo curioso.

—Não comem carne? Há algum motivo especial? - perguntei.

—Respeito à vida. Afinal a Lei nos diz: "Não matarás." -respondeu Eliud.

A lógica explícita dessa frase me deixou envergonhado. A cada momento que passava, eu percebia que menos sabia. Até os costumes e crenças do povo que eu dizia defender com tanto ardor passaram despercebidos aos meus olhos. Afinal, todo judeu

conhecia a Lei, mas poucos a entendiam. Quando Deus ordenou não matar, de fato não estabeleceu a quem não devíamos matar. Não matar pressupõe todo o tipo de vida. E toda a vida era criação das mãos de Deus. Portanto, matar significava destruir parte de Sua criação, fosse ela homem ou animal.

Enquanto saboreávamos o alimento isento de sangue, comecei a indagar sobre Jesus.

— Você disse que se eu quisesse saber mais sobre o Galileu poderia procurá-los. Aqui estou.

—O que quer saber sobre ele? - perguntou Eliud.

—Dizem que ele está vivo. Você sabe onde está?

—Infelizmente não. Mas pelo que sei, deve ter retornado à casa de seu Pai.

—Pai? Mas dizem que seu pai morreu há alguns anos.

—Não é deste pai que falo. Falo do Pai de todos nós, criador de todas as coisas, que enviou Jesus a este mundo com a tarefa de instruir a humanidade.

—Então o reino do qual ele falava não é deste mundo? -perguntei.

—Não. Jesus falava de nossa verdadeira pátria: as mansões celestiais que os olhos humanos ainda não conseguem ver. Mas tenha a certeza de que elas existem. Ele mesmo veio de lá, abandonando seu reino de glória para estar conosco neste mundo de imperfeições.

As palavras de Eliud me encantavam. Cada vez eu queria saber mais.

—Por que ele se dedicou a tarefa de nos instruir? Parece que nada aprendemos, já que ele só recebeu em troca a dura condenação. Mesmo os que o aclamavam num dia, no outro pediram sua crucificação. Sua missão fracassou, então.

—Creio que não, Barrabás. Mas Deus sabe das limitações que o homem tem. Aprendemos de modo muito lento. Neste primeiro momento, pode parecer que sua tarefa tenha fracassado. Mas com o tempo os frutos aparecerão. Jesus já sabia dessas dificuldades. E

claro que nada justifica a forma covarde e desumana com que tramaram sua morte. Ele veio plantar sementes que frutificarão no futuro.

— Como sabe de tudo isso, Eluid? Você o conheceu? Eluid sorriu mansamente e pareceu consultar em sua memória lembranças felizes.

— Sim, eu o conheci. Mas não é somente por isso que sei essas coisas sobre ele. Nosso povo guarda conhecimentos valiosos há muito tempo. Sempre soubemos que Deus estava para enviar um grande instrutor para a humanidade, um avatar, um ser de elevada estirpe espiritual e de absoluta pureza. Há cerca de mil anos as hostes celestes já estavam preparando a vinda do instrutor. Quando ele chegou a este mundo, foi escolhida uma das virgens do templo, de puros sentimentos e alma cristalina, para gerar seu corpo físico. Ele foi entregue aos cuidados de uma família perfeitamente idônea para ampará-lo e protegê-lo.

Eu o conheci em Nazaré, onde ele passou grande parte de sua vida. Minha família morava lá, antes de sermos forçados a vir para este lugar para escapar das perseguições que nos afligiam. Os doutores da Lei nos consideram hereges, pois não concordamos com o sacrifício de animais, pregamos a compaixão para todos os seres e acreditamos que a santidade pode ser alcançada por todo e qualquer ser humano que se esforce para obtê-la. Os sacerdotes ensinam que o povo escolhido por Deus é somente o povo de Israel; os demais são gentios que nunca alcançarão a mesma elevação espiritual que eles. Discordamos em diversos pontos e, como somos minoria, acabamos sendo banidos para regiões como esta.

Havia um primo de Jesus que teve grande proximidade com nosso povo. Morou em nossos templos por muitos anos. Seu nome era João e ficou conhecido como "o Batista".

—Recordo-me de ter ouvido falar dele. Parece que foi decapitado a mando de Herodes - eu disse.

—E verdade. João convidava as pessoas ao arrependimento verdadeiro e à sincera atitude de renovação de vida. Pregava uma mudança interna e real, não ritos externos que em nada modificavam a alma. Para ilustrar a hipocrisia de nossos tempos, usou a figura de Herodias, cunhada de Herodes e sua concubina. Sua maneira forte de falar a verdade, sem temer a quem melindrar, acabou fazendo com que ganhasse a inimizade de Herodes. Herodias foi capaz de usar a própria filha para convencer seu amante a matar João.

Ele também veio a este mundo com uma missão bastante importante. Foi o precursor de Jesus, procurou preparar os corações endurecidos para receber a mensagem de amor do mestre. Alguns de seus seguidores tornaram-se depois discípulos de Jesus.

João costumava batizar as pessoas nas águas do Jordão. Essa prática ele aprendeu com nosso povo durante os anos que passou em nossos templos, sendo educado por nossos mestres.

—Então ele era um essênio também?

—Pode-se dizer que sim, embora tenha agregado valores essênios aos da religião judaica tradicional.

—E Jesus? Conte-me como ele era.

—Eu o conheci quando ainda era um garoto. Tínhamos quase a mesma idade e chegamos a brincar juntos algumas vezes. Mas Jesus não era dado a muitos folguedos. Era um menino introspectivo e muitos garotos caçoavam dele por ser um pouco diferente. Tinha uma beleza magnífica. Ainda na infância, era dono de um porte altivo e elegante. Caminhava como se seus pés mal tocassem o chão. Falava sempre com voz mansa e suave, mas na maioria das vezes era calado e meditativo.

Lembro-me de tê-lo visto várias vezes nas colinas dos arredores de Nazaré contemplando o pôr do sol em perfeito silêncio. Seus olhos se cravavam no horizonte como se visse muito mais do que os nossos poderiam ver. Era capaz de ficar nesse estado sereno por

horas seguidas. Por esse motivo, era considerado esquisito e até havia quem dissesse que era tolo e distraído.

Gostava de cantar e tinha uma voz cristalina. Nas brincadeiras de roda, ele sempre era chamado por cantar melhor do que todos. E atendia ao convite com prazer. Mas, se acaso alguma criança zombeteira resolvesse atirar pedras nos ninhos dos pássaros, ele assumia um comportamento surpreendente. Seus olhos se nublavam com uma indignação inimaginável e marchava decidido sobre a criança em questão, não se importando se fosse maior e mais forte que ele. Na verdade, ninguém ousava enfrentá-lo nesses momentos. Arrancava-lhe as pedras das mãos e imediatamente repunha o ninho em lugar seguro. Se alguém encontrava uma serpente pelo carninho, antes que conseguisse apanhar um pau para abatê-la, ele já a tomava em suas mãos e a depositava no mato, fora do alcance de qualquer pessoa. Mesmo as mais peçonhentas não ousavam mordê-lo.

Eu ouvia fascinado ao relato de Eliud, como se vislumbrasse diante de meus olhos todas aquelas cenas. Seria capaz de ficar dias seguidos sentado diante daquele essênio ouvindo falar com tanto carinho daquele homem fascinante. Mas o relato chegava ao fim e a noite já despontava no céu.

—Jesus também conviveu com os essênios? - perguntei.

—Sim. Ele se interessava por todo o conhecimento elevado que tivesse como objetivo melhorar o homem. Soube mais tarde que também foi instruído por nossos mestres por algum tempo. Mas logo eles perceberam que Jesus tinha muito mais a ensinar do que a aprender. No início de nossa juventude, vim morar em Qumran e nunca mais nos vimos.

Satisfeito com as informações que recebera, deixei a casa de Eliud com o sentimento de ter ganho um novo e valioso amigo. Antes que eu partisse, ele ainda me disse mais algumas palavras:

— Barrabás, sempre que quiser nos visitar, minha casa será sua. Nosso povo tem prazer em receber aqueles que estão em busca da paz.

Despedi-me com um abraço fraterno e retornei ao esconderijo dos zelotes decidido a partir no dia seguinte. Ainda tentaria convencer meus velhos companheiros de lutas a rever seus objetivos de vida, embora tivesse poucas esperanças de sucesso. A transformação maravilhosa que estava acontecendo comigo eu desejava também para eles. Aquela felicidade dos valores simples e nobres começava a impregnar minha alma por completo e eu tinha uma louca vontade de falar a todos sobre o que sentia. Eu, que nunca fora bom com as palavras, que só sabia dizer o que queria com a força de uma espada, agora procurava um meio de tornar-me um proclamador de boas notícias.

Capítulo 12

Tive uma surpresa ao chegar ao esconderijo dos zelotes. Simão havia chegado enquanto eu estava com Eliud, e trazia notícias realmente inesperadas.

— Estive com os discípulos de Jesus. Creio que você tem razão em algumas coisas que diz — afirmou.

Fiquei realmente animado com a possibilidade de que Simão mudasse seu modo de pensar. Prezava muito aquele meu amigo e desejava para ele todo o bem. O bem que estava se passando em meu interior, eu desejava de coração que ele também pudesse alcançar.

—Conte-me, Simão! Você foi procurá-los? O que disseram? — perguntei ansioso.

—Eles têm se reunido no Monte das Oliveiras ou na casa de José de Arimatéia. Apesar do medo inicial por causa da crucificação de Jesus, parece que estão dispostos a levar avante o trabalho do carpinteiro. Não vão desistir tão fácil. E como Judas cometeu suicídio, estão cogitando a possibilidade de escolher um novo discípulo para ocupar seu lugar. Parece que eles têm o objetivo especial de se manterem sempre em número de doze; uma crença talvez. O que importa é que vejo uma grande utilidade nisso. Já que nós éramos amigos de Judas, creio que seremos bons candidatos a ocupar seu lugar.

Fiquei estarrecido com a frieza de pensamento de Simão. Ao contrário do que eu imaginava, ele continuava interessado somente na militância dos zelotes e em continuar com os violentos ataques aos romanos. Para isso, estava mesmo disposto a se infiltrar entre os seguidores de Jesus, usando de sua influência para ganhar a adesão do povo. Custei a crer em sua desfaçatez.

—Pretende se candidatar a discípulo de Jesus? — perguntei.

—Na verdade não. Pensei que você seria mais indicado. Fiquei mudo diante da proposta e dos olhares de todos os zelotes, que aguardavam algum parecer meu.

—Bem, eu nunca pensei nessa possibilidade... Por que eu e não outro?

—Exatamente por seu encontro surpreendente e trágico com Jesus. Eles ficarão comovidos com o fato de você se apresentar com a intenção de tornar-se um deles. O bandido que se converteu ao caminho do profeta! O povo vai ficar impressionado, com certeza. É a chance de unir nossa força à popularidade deles. Em pouco tempo você será um líder imbatível.

O modo irônico com que Simão falava chegou a me enojar.

— E se eu for o escolhido, qual é o plano seguinte? Aos poucos, vamos convencer os discípulos a saquear, roubar e matar? Vamos

usar a popularidade e o apelo espiritual de Jesus para transformar seus seguidores em bandidos como eu? — bradei furioso. — Estou farto de todos vocês!

Diante dos olhos espantados dos zelotes, recolhi meus poucos pertences decidido a ir embora daquele lugar o mais rápido possível. Simão ainda tentou me falar, mas até sua voz agora me irritava. A amizade que nos unia parecia estar agonizando.

—Barrabás! Onde vai? Já é noite. Por que essa reação? Estou lhe desconhecendo!

—Que bom que está, meu amigo. Isso é a prova que de fato estou mudando. Quero que percebam que esse tipo de luta já não me interessa. Quero felicidade, para mim e para vocês também. Tenho tentado fazer com que percebam que o caminho da violência e da brutalidade jamais poderá nos fazer felizes, mas se recusam a me ouvir. Que posso fazer? A escolha é de vocês. Eu lamento, mas não contem mais comigo para esses atos.

Dizendo isso, peguei minhas coisas e caminhei rumo à escuridão que me aguardava. Simão ainda me segurou pelo braço com os olhos cheios de revolta.

— Pense bem no que vai fazer! Está jogando fora sua última chance. Vai trair a todos nós? Vai nos abandonar logo agora que temos uma chance real de sucesso? Se fizer isso, infelizmente será considerado nosso inimigo.

Olhei ao redor e vi em todos os rostos um olhar acusador. Não gostei de me sentir pressionado. Nunca agi sob pressão de quem quer que fosse e não seria aquela a primeira vez. Indignado com a atitude dos zelotes e de Simão, dei-lhes as costas sem nada dizer.

Já era noite e eu não tinha onde pousar. Lembrei-me de meu amigo essênio e fui procurar abrigo em sua exótica morada. Fui recebido com surpresa, mas com cordialidade. Eliud compreendeu perfeitamente minha posição com relação à proposta de Simão.

—É louvável que você não queira mais se prestar a essas estratégias. Seu íntimo está mudando e com isso suas metas de vida também.

Mas não espere que seus amigos compreendam. É muito difícil que alguém possa compreender aquilo que não conhece. Os zelotes só entendem a linguagem da força bruta, pois foi somente esta que conheceram até hoje.

—Eu bem que tentei mostrar-lhes novos horizontes, Eliud. Mas rejeitaram frontalmente as minhas sugestões. Quis, de todo o coração, que eles partilhassem da sensação de liberdade que começo a experimentar. Mas acham que estou delirando, que é pura ilusão tudo o que propus. Quero o bem deles e chego a temer por sua segurança. Pessoas que vivem daquele modo têm a vida por um fio a todo momento. O caminho que eles estão seguindo só poderá terminar em mais violência e dor. Eu sei disso porque vi a morte passar diante de mim. Só escapei por causa da atitude de Jesus. Sinto vontade de compensar isso de alguma forma. Se eu pudesse ao menos salvar meus amigos desse destino trágico...

—O destino dos outros não está em nossas mãos. Se você tentou convencê-los a mudar e não quiseram lhe ouvir, peça ao Pai que os proteja. E aprenda que cada um tem seu tempo e seu modo de aprender. Aquilo que parece obvio para nós pode ser totalmente ilusório para outros. Mas tenha a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, todos aprendem as lições; uns pelo amor, outros pela dor.

Em meu coração eu desejava que Simão aprendesse pelo amor. Alas já tinha entendido que não poderia fazer mais nada por ele. Cada vez mais crescia em mim a sensação de que um grande mal se aproximava de meu amigo.

Passsei a noite inquieto e com o sono perturbado. Levantei cedo e me sentei nas pedras que ficavam à entrada da casa de Eliud absorvendo os primeiros raios de sol. As paredes de pedras que formavam a pequena cidadela dos essênios se tingiam de dourado naquelas horas da manhã. O calor ainda era ameno e o silêncio convidava a refletir. Eu achava engraçado o fato de nunca ter reparado nessas pequenas coisas, nesses pequenos prazeres que só agora percebia. Sentia a mente leve e o raciocínio cristalino.

Em meio à minha meditação silenciosa, Eliud se aproximou e juntou-se a mim na contemplação da manhã clara.

—O que pretende fazer agora? — perguntou-me depois de alguns instantes.

—Não sei ao certo. Mas ainda quero me encontrar com a mãe de Jesus. Tenho alguns mistérios a desvendar e creio que ela pode me ajudar.

—Por que não procura os discípulos?

—Pensei em procurar o tal Pedro. Dizem que ele era muito próximo a Jesus e talvez possa me dizer muito sobre ele.

—Não estou falando disso — disse Eliud com um olhar enigmático.

— Estou falando de candidatar-se a ser o novo discípulo.

Surpreso com a sugestão de Eliud, não consegui compreender onde ele queria chegar.

—Mas já recusei essa proposta que Simão me fez. Não seria capaz de me infiltrar entre eles com propósitos escusos...

—Não estou falando de propósitos políticos. Estou falando de tornar-se um verdadeiro discípulo, seguir de fato os ensinamentos do mestre e dar continuidade ao trabalho que ele iniciou.

Fiquei mudo de espanto. Achava improvável e absurda a possibilidade de que me aceitassem. Logo eu? Que requisitos eu teria para ser um discípulo? Embora meu coração se enchesse de alegria com essa ideia, achava impossível. Como se pudesse ler meus pensamentos, Eliud tornou a falar:

— O único requisito que um discípulo de Jesus precisa ter é a sincera vontade de servir e aprender.

Fiquei pensando nas palavras de Eliud durante o restante da manhã. Logo no início da tarde parti de volta para Jerusalém. Estava decidido a procurar os discípulos, mas não para me candidatar a substituto de Judas. Pretendia avisá-los sobre os planos de Simão e dos zelotes. Minha consciência não me permitia deixar que fossem enganados.

Parti com as bênçãos de Eliud e dos anciãos essênios, que se dispuseram a me receber sempre que eu precisasse.

Cheguei a Jerusalém com o entardecer e fui direto ao Monte das Oliveiras para ver se encontrava um dos discípulos. Não havia ninguém. Fui à casa de José de Arimatéia e me informaram que eles estariam lá no dia seguinte e que de fato se reuniriam com o intuito de escolher mais um companheiro.

Satisfeito com a resposta, fui buscar um abrigo para passar a noite e aguardar o dia que viria. Dormi no antigo esconderijo, perto dos sepulcros, e levantei-me cedo para me encontrar com os seguidores de Jesus. Era um dia decisivo para mim. Emoções confusas me invadiam a alma e eu sabia que estavam me modificando de modo irreversível.

Capítulo 13

Quando cheguei à casa de José de Arimatéia ainda não havia ninguém por lá. Só alguns empregados se movimentavam em suas tarefas matinais, sem denunciar nenhuma atividade especial. Sentei-me recostado à parede de uma casa em frente e comecei a cochilar com a longa espera.

Acordei com o burburinho de um grupo de pessoas que começava a se juntar. Vi muitos homens de diversas nações chegando e se amontoando diante da casa de José de Arimatéia. Seriam todos eles candidatos a discípulos?

A verdade é que Jerusalém estava repleta de visitantes que tinham vindo para a festa do Pentecostes. Fazia cerca de cinquenta dias que Jesus fora crucificado. A curiosidade sobre o fato de ele ter aparecido a alguns, depois de ser declarado morto, também atraía

muitos que tinham a esperança de que estivesse ali naquele dia. Confesso que eu mesmo aumentava essa esperança em meu coração. Mas, acima de tudo, desejava prevenir os discípulos a respeito das intenções de Simão.

Levantei-me depressa para tentar me aproximar e assim ter um contato com os discípulos logo que aparecessem. Havia mais de cem homens amontoados na pequena entrada da casa. Mulheres e crianças observavam mais de longe, mas ninguém escondia a euforia e a ansiedade.

Vi chegarem alguns homens acompanhados de três mulheres. Reconheci entre eles João e acotovelei-me para chegar perto dele.

— João, João!! - gritei.

Em meio a tantas vozes, vi que o rapaz tentava encontrar quem o chamava. Quando conseguiu me identificar, abriu o sorriso amistoso de sempre. Com dificuldade aproximou-se de mim. As pessoas puxavam suas roupas, mulheres traziam crianças para que as abençoasse... era uma grande confusão. Tentei falar-lhe como pude.

— Não escolham a Simão! Cuidado com os zelotes! Querem entrar no meio de vocês! Cuidado...

Notei uma impressão confusa no rosto de João e percebi que ele não tinha compreendido totalmente o que eu dissera. Mal eu terminara de falar e ele já era arrastado para o interior da casa, onde requisitavam sua presença.

Fiquei ali fora com o coração angustiado, sem saber se tinha conseguido avisá-lo de maneira conveniente. Entre as pessoas que se acotovelavam na entrada da casa, muitos faziam diversos comentários. Ouvi um homem dizer que uma das mulheres que chegara com João era Maria, a mãe de Jesus. Eu não conseguia ver o rosto de nenhuma delas. Estavam com as cabeças cobertas e entraram rapidamente.

Logo a seguir, um outro grupo chegou e entre eles pude reconhecer Simão. Senti um frio percorrer o meu corpo ao vê-lo ali, tão

entrosado entre eles. Sem nenhuma dificuldade, entrou na casa acompanhado dos demais discípulos e a porta foi fechada novamente. Olhei ao meu redor para ver se os zelotes estavam por perto, mas não identifiquei nenhum deles.

Pouco tempo depois, um empregado da casa saiu e se dirigiu ao povo que aguardava. Abriu a porta que dava para o pátio interno da casa e pediu que aguardássemos ali em silêncio. Os discípulos estavam reunidos no andar de cima com alguns candidatos, em oração, para pedir o direcionamento correto para a escolha do substituto de Judas.

Especulei entre os presentes para saber quem eram os possíveis candidatos. Disseram-me que no andar superior se encontravam Pedro, Tiago, André, Felipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelote, e Judas, filho de Tiago, além de Maria e alguns irmãos de Jesus.

Passados alguns minutos, João veio ao pátio e perguntou:

— Alguém mais deseja se candidatar a discípulo?

O rapaz percorreu os olhos em torno das pessoas ali presentes e fixou o olhar em mim. Senti algo que me apertava a garganta e tive muita vontade de levantar a mão. Mas a vergonha e a consciência de meus graves erros falaram mais alto. Resolvi deixar essa honra para aqueles que tivessem o coração mais puro que o meu. Além do mais, temia que, se fosse escolhido, os zelotes tentassem me pressionar a colaborar com seus ardis como um espião entre os discípulos. Eu não queria ser um novo Judas. Por isso, me calei.

Dois homens ergueram as mãos: um era José Barsabás e o outro, Matias. João os convidou a subir e ainda lançou-me um último olhar. Vendo que eu não me manifestava, subiu com os candidatos. Fiquei aguardando os acontecimentos e me peguei fazendo algo que não fazia desde minha infância: orar.

Havia muito tempo que eu não dirigia uma só palavra a Deus. Depois de muito pedir e de continuar vendo as coisas a cada dia piores, cheguei à conclusão que Deus não me escutava, ou que não

se importava em me atender. Por isso é que decidi conseguir as coisas por meu próprio esforço e pela força, se preciso. Nem mesmo no dia em que fui levado à presença de Pilatos, sabendo que provavelmente seria condenado à morte, me atrevi a pedir algo a Deus. Eu sabia que a punição seria justa e que pedir misericórdia seria uma grande hipocrisia de minha parte. Eu era um bandido, sim, mas tinha alguma noção de nobreza.

Naquele momento, no entanto, dirigi-me ao Criador para pedir que livrasse os discípulos de Jesus das influências que pudessem prejudicá-los. Pedi que fosse escolhido o homem que realmente estivesse mais preparado e que tivesse mais sinceridade no coração. Por isso constatei que estava fazendo algo que nunca tinha feito antes: orar por outros. Até ah, minhas poucas orações tinham sido feitas para mim e não para pedir o bem de terceiros.

Os minutos se passavam e pareciam intermináveis. Por fim, um dos discípulos desceu acompanhado dos que se candidataram. Ouvi alguns dizerem que era Pedro, considerado líder entre os discípulos e também o mais velho do grupo. Fiquei surpreso ao reconhecer nele o homem que eu tinha encontrado chorando nas vielas de Jerusalém, no dia em que Jesus fora crucificado. Estava bem diferente. Parecia agora destemido e forte. Em nada lembrava aquele trapo humano que eu avistara anteriormente. Pedro começou a falar:

— Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura proferida no passado pela boca de Davi acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus. Ele era contado entre nós e fez parte deste ministério. No entanto, aceitou vender a confiança que depositávamos nele. O desespero o levou a pôr termo em sua própria vida e isso é um fato conhecido por toda Jerusalém. É necessário que seu lugar seja ocupado por outro, que será conosco testemunha da ressurreição do mestre. Dos homens que se propuseram, quis o Senhor nos conceder Matias, que de hoje em diante será contado entre os nossos.

O povo comemorou a escolha e cumprimentava Matias. Pedro foi breve, despediu-se dos candidatos e retornou para o andar superior junto com ele. Simão passou entre os presentes aparentando uma falsa conformação e se retirou da casa. Antes, porém, lançou-me um olhar que destilava veneno. Era claro que ele imaginara que minha presença ali tinha o objetivo de dismantelar seus planos. Senti sincera tristeza em meu coração pelo rancor de meu amigo. Mas já não podia trair meus próprios sentimentos. Quando ele saiu, ainda pedi a Deus que o guardasse e o protegesse pelos caminhos tortuosos por onde enveredava.

Minutos depois, todos os que estavam na casa se assustaram com um vento tempestuoso que invadira o recinto, parecendo vir do nada. Portas e janelas se escancaravam sem controle e um zumbido estranho soava em nossos ouvidos. No andar superior, pudemos ver estranhos clarões que se moviam como chamas azuladas. Ninguém entendia o que estava acontecendo e muitos se encheram de temor. Outros, mesmo assustados, achavam que era o próprio Jesus quem acabara de se manifestar. Subitamente, tudo se acalmou novamente e os discípulos desceram juntos para nos falar. Tinham o semblante iluminado por uma estranha claridade que parecia emanar de dentro deles. Puseram-se diante de nós e passaram a saudar os presentes nas mais diversas línguas. Todos os estrangeiros que estavam ali os ouviam falar em suas próprias línguas e se perguntavam:

— Eles não são galileus? Como sabem falar nosso idioma?

Havia ali pessoas naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Egito, Líbia, Cirene, além de romanos. Enquanto uns se maravilhavam ao ouvi-los falar em suas línguas maternas, outros zombavam dizendo que deveriam estar bêbados.

Vendo a confusão que se formava, Pedro tomou a palavra:

— Estes homens não estão embriagados. O que ocorre conosco fora revelado pelo profeta Joel quando disse que nos últimos dias o Senhor derramaria o seu Espírito sobre toda a carne. Então, as

peças passariam a profetizar, ter visões e sonhos. Vocês mesmos conheceram Jesus, que diante de seus olhos realizou prodígios e sinais. No entanto, o mataram, crucificando-o por mãos de iníquos. Ouvindo essas palavras de Pedro, muitos abaixaram a cabeça e se mostraram constrangidos. Entre eles, o mais constrangido era eu. As palavras enérgicas de Pedro fizeram o silêncio cair pesado no recinto. E ele continuou:

— Porém, a morte não poderia retê-lo. E todos nós somos testemunhas de que ainda vive. E foi ele mesmo quem enviou sobre nós o seu Espírito do modo como acabaram de ver. Ele, a quem vocês crucificaram, Deus fez Senhor.

Pedro passou a exortá-los a modificar sua forma de pensar e viver. Passou a pregar novas atitudes e arrependimento. Muitos ficaram tocados por suas palavras e perguntavam aos discípulos o que deveriam fazer para serem transformados. Enquanto os discípulos lhes davam instruções, eu permanecia em meu canto sentindo um misto de felicidade e encantamento. Esperava ver Jesus ali naquele dia. Ele não apareceu, mas os acontecimentos deixavam claro que estava presente de alguma forma.

Vendo Pedro pregar de maneira tão ousada e corajosa, comecei a meditar sobre minhas próprias transformações. Aquele homem que havia sido pescador, rude, de pouca instrução e poucas palavras, agora se revelava tão eloquente e seguro. Em nada lembrava o frágil e desesperançado homem que eu tinha visto chorando copiosamente a morte de Jesus. O poder transformador do mestre era algo que eu já não questionava de modo algum. E a cada minuto eu acreditava mais que um dia poderia chegar a ser um homem bem melhor.

Naquele instante em que todos os olhos estavam voltados para Pedro e os outros discípulos, notei que alguém me observava mansamente: era Maria, a mãe de Jesus.

Capítulo 14

Depois de um dia bastante agitado na casa de José de Arimatéia, só com o cair da noite é que pude me aproximar de Pedro. Quando as pessoas começaram a voltar para suas casas, tentei falar-lhe.

— Pedro, há muito desejo conhecê-lo.

Vendo minha aproximação, João veio participar da conversa e me apresentou a Pedro.

— Este é Barrabás, Pedro. Aquele que libertaram em lugar do mestre.

Pedro ficou me olhando sem esboçar nenhuma reação. Temi que sua atitude não fosse amistosa e já estava pronto a me retirar quando ele me estendeu a mão.

— Seja bem-vindo entre nós! - disse-me, muito sério. Notei que ao ouvir meu nome, Maria se aproximara com os olhos cravados em mim. Não ousei encará-la.

— Barrabás deseja conhecer mais sobre o mestre. Ele lhe disse algumas palavras no dia do julgamento - falou João.

Pedro e Maria trocaram um demorado olhar. A mãe do mestre esboçou um leve sorriso e Pedro falou novamente:

— Procure-me amanhã na casa de João.

Sem me dizer mais nada, tomou a entrar no andar superior da casa e fui embora me sentindo muito feliz.

Mal pude dormir naquela noite e cedo me pus a caminho da casa de João. Ele, como sempre, me recebeu amavelmente e me convidou a sentar. Pedro estava à mesa e Maria nos trouxe algo para comer, sempre calada e com um semblante que eu não sabia discernir se era conformado ou até mesmo feliz.

Pedro era um homem muito direto e não demorou a indagar:

— O que quer de nós?

Como sua pergunta tivesse me deixado desconcertado, João interferiu com sua costumeira benevolência.

— Pedro, seja compassivo! - disse, pousando a mão sobre o ombro do amigo.

Então, Pedro respirou fundo e continuou a falar:

—Peço que me desculpe se pareço rude. Sou um homem iletrado e acostumado às falsidades humanas. Recentemente passei pela mais dura prova de minha vida. E embora deseje ardorosamente uma mudança interior, ela ainda se processa de maneira lenta.

—Não me ofende em nada. Em seu lugar, eu sequer receberia o homem responsável por tanta desordem. Sou bem menos compassivo do que qualquer um de vocês. O que desejo é que me ajudem a desvendar o significado de algumas palavras que Jesus me disse antes de ser crucificado. Foram as únicas palavras que ouvi de sua boca, mas confesso que me perturbaram bastante. Quero deixar claro que não tenho mais qualquer envolvimento com os zelotes e que não estou aqui por interesses políticos. Meu interesse é puramente pessoal.

Passei a relatar os fatos que diziam respeito à tabuleta entalhada e à frase que Jesus me dissera. Mostrei o objeto a Pedro e ele o passou para as mãos de Maria. Ela, que até ali não esboçara qualquer reação, abriu um meigo sorriso e declarou:

— E dele. Foi meu filho quem o fez.

Pedro analisou a madeira longamente e pareceu saudoso e distante.

— Ele costumava dar estes mimos de presente a algumas pessoas, exatamente como fez com sua esposa. Esculpia as coisas mais variadas que pareciam não ter o menor sentido para nós. Mas acredito que sempre tinham uma mensagem oculta para quem as recebia, como é o seu caso. No entanto, não tenho como saber o que ele pretendia lhe dizer.

— Já me sinto satisfeito em ter a certeza que foi Jesus mesmo quem a esculpiu. Não me resta mais dúvida de que ele tinha algum propósito para mim. E não pouparei esforços para alcançar esse significado, mesmo que leve toda a minha vida - declarei emocionado.

— Por que não se candidatou a ser um dos discípulos, Barrabás? - perguntou João.

Com os olhos pregados no chão, respondi:

—Não mereço esse cargo, João. Percebi que você esperava que eu o fizesse, mas não posso me enganar. Não tenho a elevação espiritual necessária; e fui um homem bastante descrente por muitos anos. Aceito que Jesus tente chamar minha atenção para algo, o que tem sido suficiente para operar mudanças incríveis em minha vida. Já me dou por satisfeito com isso. Além do mais, o povo poderia não ver com bons olhos minha presença entre vocês, já que todos sabem quem eu sou. Seria um verdadeiro disparate. Não desejo prejudicá-los mais do que já fiz.

—Então foi até a casa de José de Arimatéia somente para nos prevenir sobre Simão, o zelote? - perguntou Pedro.

—Sim. Fico feliz em saber que João conseguiu me entender no meio daquela confusão. E agora só preciso descobrir o que significa esta frase e entender o que Jesus quer de mim. Tive a esperança de que ele aparecesse na casa de José de Arimatéia e pudesse me esclarecer pessoalmente. Como poderei encontrá-lo? Ele tem estado com vocês?

Pedro e João se entreolharam e João respondeu:

—Ele não voltará a nos procurar, Barrabás. Senti um cruel desânimo.

—Como assim? Para onde ele foi? - perguntei.

— Ele voltou para a casa de seu Pai. Nós mesmos o vimos ser levado entre nuvens para as mansões celestes de seu reino. Não era mais possível que ele permanecesse entre nós. Mas antes de partir, deixou-nos várias recomendações e instruções para continuarmos o trabalho que começou. Sabemos que ele continua a nos acompanhar em tudo, mesmo que não possamos vê-lo. Sempre estará presente em tudo o que fizermos e agora seu espírito está conosco nos guiando os passos.

— Como poderei entender esta frase?

— Confie! Ele vai guiá-lo por onde for necessário. Basta que você deixe que ele assuma o comando, sem medo e com muita fé.

As palavras de João pareciam fáceis, mas não para mim. Acostumado a guiar-me pelas coisas concretas, era extremamente difícil acreditar em algo que eu não via e me deixar guiar por alguém que eu não podia tocar. Mas como os fatos que aconteciam ultimamente ao meu redor eram desprovidos de qualquer lógica material, eu estava disposto a mais essa transformação.

Percebendo minha frustração e meu desalento, Maria aproximou-se de mim e pousou sua delicada mão em meu ombro. Senti um calor estranho percorrer meu corpo. Era uma sensação agradável, um calor maternal, o calor de uma mãe tentando acalentar um filho aflito.

Capítulo 15

João me convidou a ficar em sua casa. Depois de muito relutar, aceitei. Só concordei porque Maria me pediu com uma amabilidade com a qual eu nunca fora tratado. Depois de muito tempo, voltava a dormir numa cama limpa e aconchegante. Tudo era muito simples, mas com o calor de um lar verdadeiro e amoroso. Era possível perceber claramente que aquele tom acolhedor se devia à presença de Maria naquela casa. Sua mansidão nos dava a certeza de que estávamos sendo cuidados por mãos desinteressadas e gentis, que jamais se descuidavam dos menores detalhes para suprir a quem amavam.

Era bem cedo quando ela nos ofereceu pão ainda quente, leite de cabra e frutas secas. Há muito eu não via refeição tão primorosa. Antes de nosso desjejum, Pedro nos convidou a uma oração de

gratidão. Após orarmos, só nos sentamos para comer depois que João tomou Maria pela mão e a fez sentar-se à cabeceira da mesa.

— Sente-se conosco, mãe!

Comemos em silêncio. O tratamento carinhoso de João para com Maria, ao chamá-la de mãe, havia me comovido o coração. Notei que até Pedro, sendo mais velho, também a chamava do mesmo modo e fiquei curioso para entender qual a posição ocupada por ela entre os discípulos. Recordei-me que, no dia em que Matias fora escolhido, ela também estava lá e participara da escolha do novo discípulo.

Ao terminarmos a refeição, Maria se recolheu para suas tarefas domésticas e comecei a indagar João e Pedro sobre ela.

— Notei que a chamam de mãe. O que significa?

—Quando Jesus estava pregado no madeiro, recomendou que eu cuidasse dela. Sou o mais jovem entre os discípulos e ela sempre nos acolheu em sua casa e cuidou de nós em todos os lugares onde estávamos. Todos os discípulos a chamam de mãe. Ela é de fato a mãe dos apóstolos - disse João.

—Mais que isso - completou Pedro. - Quando caímos em desespero pela morte do mestre, todos fugiram para se esconder com medo de serem presos também. Pensávamos que tudo havia acabado ah, que tudo o que tínhamos ouvido de Jesus se apagaria com sua morte. Perdemos as esperanças. Mesmo na hora de sua maior dor, foi ela quem nos animou; foi ela quem nos fez ver que era preciso continuar e não deixar que o sacrifício de seu filho tivesse sido em vão. Sua força e coragem impressionantes nos levaram a aceitar qualquer tipo de obstáculo lançado sobre nós. Quando vimos o mestre vivo, de novo entre nós, entendemos que ela jamais deixara de crer que ele voltaria. Ela foi a única que manteve a fé verdadeira. Embora sofresse, ao ver as atrocidades que foram feitas com seu filho, manteve a convicção em sua missão divina. Quando nos reunimos na casa de José de Arimatéia, desceram sobre nós umas chamas azuladas e um poder intenso invadiu cada parte de nosso

ser. Tínhamos a impressão de que nossos corpos se desfariam diante de tanta força. Era a descida do Espírito que Jesus havia nos prometido. Sobre ela também descera o mesmo Espírito. E foi ela quem primeiro nos falou sobre o que estava acontecendo, esclarecendo que a partir daquele momento estávamos sendo enviados a representar o Cristo e que só teríamos por defesa nossa própria fé. Enquanto estávamos assustados e temerosos, ela não tinha qualquer medo. Estava sempre serena e tranquila.

Fiquei impressionado com as coisas que ouvira sobre Maria. Certamente quem a visse, jamais imaginaria tamanha força. Principalmente eu, que até bem pouco tempo tinha uma ideia bem diferente sobre a verdadeira força.

Pedro e João me incentivaram a conversar com Maria e garantiram que eu tinha mais a aprender com ela do que com eles. Resolvi aceitar a sugestão. Enquanto Pedro e João saíram dizendo que iam ao templo, fiquei em casa com Maria e timidamente me aproximei.

— Posso ajudar em alguma coisa? - perguntei.

Ela estava sentada num pequeno banco de madeira tosca, nos fundos da casa, remendando velhas túnicas de algodão.

—Sabe costurar? - perguntou com um sorriso que me fez sentir-me ridículo.

—Creio que não - respondi, sentando-me no chão aos seus pés. - Só gostaria de saber mais sobre Jesus. A senhora poderia me falar?

—Claro, meu filho!

Meu filho! Há quantos anos eu não era tratado assim? A enorme paciência e a benevolência de Maria eram capazes de comover até o coração mais empedernido. Ela sorriu erguendo os olhos para os céus e trazendo à tona suas lembranças.

—Que quer que eu fale sobre meu filho? - perguntou.

—Tudo o que puder. Como ele era? Quando percebeu que ele era diferente?

—Bem, eu soube disso antes mesmo de ele nascer. Fui avisada por um emissário de Deus de que o filho que eu geraria seria aquele

esperado por várias gerações antes de nossos pais. Era o prometido de Israel. Naquele tempo, todas as moças desejavam ser escolhidas para essa honra tão sublime. As melhores famílias tratavam de manter suas filhas puras e muito bem-educadas. Algumas eram levadas aos templos para serem instruídas pelos sacerdotes, dentro dos mais sagrados preceitos de nossa religião. Meu pai me enviou para o templo quando eu tinha apenas sete anos. Lá vivi como uma virgem do templo até os quinze anos. Voltei para casa para conhecer um pretendente que desejava se casar comigo. Era um homem muito bom, o carpinteiro José. Jamais imaginei merecer a atenção do meu Criador e ser escolhida para mãe do Messias. No entanto, Deus achou por bem usar esta serva. Minha alegria foi enorme, mas também foram grandes os obstáculos que enfrentamos. José manteve-se ao meu lado de maneira inabalável.

Jesus foi uma criança adorável. Estava sempre alegre. Começou a caminhar e a falar muito antes da idade das outras crianças. Logo percebemos as diferenças que existiam nele. Foram muitas as vezes em que eu e José acordamos assustados com o forte e misterioso perfume que exalava no ar, sem saber de onde vinha. Parecia que a essência de todas as flores do mundo estavam juntas, num mesmo perfume. E ficava sempre concentrado em volta de Jesus, que dormia calmamente.

Mais tarde, quando ele cresceu um pouco mais, nós o mandamos para ser instruído pelos sacerdotes e eles nos disseram que Jesus já sabia ler com perfeição, fato que não conseguíamos explicar.

Gostava de brincar sozinho ou com os animais. As crianças da vizinhança gostavam de Jesus, embora alguns zombassem dele por ser muito calado e não gostar de brincadeiras que envolvessem lutas, espadas, lanças...

Enquanto Maria relatava esse fato, recordei-me de que eram essas exatamente as brincadeiras que eu mais apreciava na infância. Eram evidentes as diferenças entre ele e eu. Maria continuou a narrar sob meu olhar interessado:

— Quando Jesus entrou na juventude eram muitas as meninas que se encantavam por ele. Suspiravam em segredo quando o viam passar pelas ruas de Nazaré. Ele era realmente belíssimo. Mas não uma beleza que estamos acostumados a ver nos homens sedutores e viris. Sua beleza era angelical. Tinha um olhar profundo e cheio de luminosidade. E quando sorria, um sol parecia se acender ao seu redor, aquecendo e desfazendo qualquer frieza de coração.

Quando notava o interesse dessas moças por ele, sempre as tratava com imensa cortesia e enorme carinho. Costumava lhes contar belas histórias que falavam de amor. O mais estranho é que, com o passar do tempo, notei que as histórias que ele contava acabavam se tornando realidade. Então concluí que ele contava a elas suas próprias histórias de amor, antes mesmo que acontecessem. Certa vez, perguntei por que fazia isso, e ele respondeu: "Para que elas, desde já, se apaixonem por seus futuros maridos".

— E as tais curas? Como ele as realizava? Já fazia isso desde pequeno? - perguntei.

— Como ele fazia, não sei explicar. São coisas que só Deus pode realizar. Mas me lembro de algumas vezes em que ele curava pequenos animais domésticos que estavam doentes. Porém, tomava o cuidado de nunca fazê-lo diante de ninguém. Durante muito tempo só eu pude testemunhar esses acontecimentos. Ele sempre recomendava total sigilo. Quando era apenas um rapazinho, me lembro de tê-lo visto sentado por horas numa colina nos arredores de Nazaré. Tinha chovido poucas horas antes e o pôr do sol se aproximava. Os passarinhos faziam a algazarra costumeira dos fins de tarde e se banhavam nas poças formadas pela chuva. Fui até a colina para chamá-lo, pois muitas vezes ele se perdia no tempo quando estava nesses estados meditativos. Quando me aproximei, vi uma cena inacreditável: ele apanhava um pouco do barro que estava nas poças de água, moldava com grande habilidade passarinhos de barro, soprava em seu corpo e eles saíam voando.

Fiquei fascinado com o que ouvia. O fato de serem passarinhos logo me remeteu à tabuleta de madeira que tanto me inquietava.

— Diga-me, senhora, o que acha que ele quis me dizer com aquela frase? A senhora o conhecia melhor que ninguém. Sou ignorante demais para entender o que Jesus queria de mim.

Maria pensou um pouco e tomou minhas mãos entre as suas.

—Meu filho, para mim ele quer você como é.

—Como sou? Um homem rude, violento, um bandido?

—Não é bem assim. Você não é rude e violento. Você é forte e obstinado. Só tornou-se um bandido por não saber como usar adequadamente sua força e obstinação. Ele o quer com toda a sua força, com todo o fervor com que você lutava por suas causas políticas. Mas quer que você lute por causas eternas, que possam beneficiar a todos e não somente a uns poucos. Você tem qualidades que meu filho jamais dispensaria em sua missão. É preciso que haja trabalhadores mansos como João, astutos como Pedro, e destemidos e fortes como Barrabás.

Achei estranho ver meu nome comparado ao dos discípulos, mas era reconfortante saber que eu ainda tinha alguma utilidade para a humanidade. Restava descobrir um modo real de colocar minha força a serviço das causas de Jesus. Com mais algumas conversas como aquelas com Maria, eu acreditava que descobriria de forma bem mais fácil.

Seu modo terno de falar às vezes me lembrava Leah, sempre calma e paciente. Diante dela, curiosamente eu não me sentia o bandido de outrora. Pela primeira vez, estava me sentindo realmente outro homem. Quis saber mais uma coisa.

— Senhora, por que me trata com tanta consideração? Não se importa com o fato de ter sido trocado por seu filho naquele julgamento? Se eu tivesse morrido, ele ainda poderia estar aqui.

Ela sorriu e me respondeu:

— Em primeiro lugar, ele está aqui. E se você tivesse morrido naquela cruz, eu não teria o prazer de conhecer o décimo terceiro discípulo de meu filho.

Capítulo 16

Fiquei mais alguns dias na casa de João, desfrutando do tratamento maternal de Maria. Tinha longas conversas com ela e realmente comecei a perceber coisas que nenhuma outra pessoa poderia ter me mostrado. Maria tinha um modo estranho de enxergar as pessoas. Aquilo que me parecia negativo e preocupante, para ela era simplesmente um desequilíbrio de forças. Parecia não ver defeitos em ninguém.

Certa vez, perguntei a ela:

— A senhora age como se todas as pessoas fossem perfeitas, boas... Existe gente ruim no mundo. Isso podemos ver claramente. Como consegue agir assim?

Ela sorriu com seu jeitinho manso e respondeu com muita simplicidade:

— As pessoas só fazem o mal porque ainda não aprenderam a fazer o bem. Não existem pessoas ruins. Existem pessoas ignorantes.

Eu sempre me sentia envergonhado diante dessas sentenças de grande sabedoria. Maria deixava claro que o mundo precisava mesmo de instrutores que ajudassem as pessoas a sair da ignorância que as impedia de fazer o bem. Certamente Jesus fora o maior desses instrutores e seus discípulos estavam dando continuidade à sua tarefa. Eu, em meus modestos primeiros passos, já começava a imaginar se um dia poderia ensinar alguma coisa de bom a alguém.

Minha satisfação era muita, ao perceber que pelo menos já estava me libertando de minha própria ignorância.

João e Pedro saíam constantemente para fazer suas pregações. Embora sempre me convidassem a acompanhá-los, eu me sentia constrangido a aceitar. Não queria ser visto com eles para evitar qualquer tipo de aproximação dos zelotes. Geralmente permanecia em casa com Maria, que me fornecia os ensinamentos de que eu mais precisava naquele momento.

Mas eu não podia ficar ali para sempre. Os discípulos começaram a se espalhar por diversas cidades. A perseguição sobre eles se intensificava. Ainda assim não apresentavam sinais de fraqueza; ao contrário, se motivavam mais ainda a continuar disseminando os ensinamentos de Jesus.

Em Jerusalém, a situação era crítica e a confusão doutrinária estava de fato instalada. O povo se mostrava indeciso em crer nas palavras dos sacerdotes, depois de ter visto os acontecimentos que se seguiram à crucificação de Jesus. Ninguém tinha coragem de admitir abertamente, mas as dúvidas e o descrédito que rodeavam os sacerdotes se mostravam claros quando os discípulos apareciam para pregar em algum ponto da cidade. Rapidamente se juntava um grande grupo de pessoas sedentas por ouvi-los.

Com a intensificação das perseguições, eles passaram a se reunir em locais secretos, divulgados às escondidas, e que exigia até uma senha de acesso. As pessoas traçavam o desenho de um peixe na palma da mão. A ideia havia sido de Pedro, que usara esse recurso pela primeira vez. Sendo ele pescador, era fácil entender por que o símbolo era um peixe. Depois, os outros discípulos também acabaram adotando o mesmo código.

Como estava ocorrendo aos outros, João também sofria pressões. Temia pela segurança de Maria, se continuassem naquela casa. Era preciso que partissem.

Venha conosco, Barrabás! Você tem estado tão bem entre nós! — convidou-me João.

Senti certo constrangimento. João ainda não sabia ao certo para onde iria e eu não tinha como contribuir materialmente para aquela viagem. Era construtor de casas. Precisava estar em local fixo para conseguir trabalho. Durante o tempo em que estive com eles, tratei de fazer alguns reparos na casa para que minha estada fosse compensada de alguma forma. Não queria ser um peso para ninguém. Então achei melhor não aceitar o convite.

— E para onde você vai, filho? — perguntou-me Maria.

— Não sei ainda, mas estou acostumado a essas situações. Não se preocupe comigo, senhora!

Pedro, que até ah estivera em silêncio, me surpreendeu.

— Venha para minha casa. Vou voltar à Galileia amanhã. Tenho família e minha casa está em ruínas. Estou fora por muito tempo e gostaria que você fizesse uma reforma. Receio que também precise partir em breve. E não quero deixar minha família vivendo em condições precárias.

Eu ainda não me sentia muito à vontade com Pedro. Era uma pessoa enigmática para mim. Em determinados momentos, tinha uma doçura tão grande, e em outros a velha dureza do pescador vinha à tona. Tinha medo de confiar nele, mas João insistiu para que eu aceitasse o convite e acabei concordando.

Partimos no dia seguinte e eu senti um aperto no coração ao me despedir de Maria. Beijei-lhe as mãos com enorme gratidão e ela me abençoou com seu sorriso incomparável.

— Fique com Deus, meu filho!

Com um nó na garganta e sem saber o que responder, deixei escapar minhas tímidas palavras:

— Que Ele esteja contigo também... mãe! Apressadamente, peguei meus poucos pertences e segui

atrás de Pedro sem olhar para trás, com medo de não ter forças.

Durante todo o caminho, ele ficava muito calado, com semblante fechado. Permanecia com os olhos pregados no horizonte, pensativo. Eu me sentia incomodado com aquele comportamento.

Meu ego ainda desejava mostrar as garras de vez em quando. Mas fazia sincero esforço para não me melindrar ou deixar que o orgulho se apoderasse de mim. Respeitava as reflexões silenciosas de Pedro e tentava aproveitar o caminho para desenvolver as minhas também.

Capítulo 17

Eram necessários vários dias de viagem para chegar à Galileia. Cerca de cento e vinte quilômetros deveriam ser percorridos a pé, dormindo ao relento ou em casa de amigos de Pedro, alimentando-nos parcamente e suportando o forte calor do dia e o vento gelado da noite.

Três dias depois de nossa partida chegamos a Cafarnaum, bela cidade banhada pelas águas do Mar da Galileia, rica em vegetação verdejante por todos os lados, com suas casas alvas e bem cuidadas. Era ali que vivia a família de Pedro.

A casa realmente precisava de cuidados. Era pequena e simples, localizada numa vila de pescadores e privilegiada com uma visão magnífica do Mar da Galileia. A simplicidade e ausência de luxo eram imediatamente supridas pelo adorno que a natureza oferecia sem reservas.

Fomos recebidos pela sogra de Pedro, que demonstrou grande alegria em revê-lo. Logo apareceram sua esposa e filhos, que também lidavam com as redes. Toda a pequena população da vila correria à casa do pescador para saber de suas aventuras ao lado do mestre carpinteiro, que fazia algum tempo o levava dali para ser pescador de homens.

Todos sabiam do trágico destino que tivera Jesus e muitos pareciam já ter perdido as esperanças de ver Pedro a salvo novamente. O pescador rude havia se tornado uma celebridade em sua região, quase um herói. E a admiração do povo tendia a aumentar à medida que ele relatava as maravilhas que vinham acontecendo.

Contava a respeito de seus encontros com Jesus, mesmo depois de crucificado e tido como morto, sobre as chamas do Espírito que os havia visitado na casa de José de Arimatéia e sobre o dom recebido de falar diversas línguas. Todos ouviam maravilhados. Ninguém ali parecia duvidar de nada, já que conheciam muito bem a sogra de Pedro, que fora curada de grave enfermidade pelas mãos do próprio Jesus.

Eu ouvia a tudo em silêncio e procurava permanecer oculto num canto, desejando mesmo que ninguém me notasse ou fizesse perguntas a meu respeito. O povo estava tão envolvido com as histórias de Pedro, que sequer percebia minha presença. Até que ele mesmo resolveu chamar a atenção sobre mim, deixando-me em situação muito desconfortável.

Se há ainda quem duvide do poder transformador que o mestre possui, basta observar as maravilhas que tem feito a este homem — disse Pedro, apontando para mim.

Todos me olharam curiosos. Naquela região, poucos me conheciam. Sabiam da fama do bandido Barrabás, mas não seriam capazes de me reconhecer. Pedro começou a esclarecer:

— Este é Barrabás, o antigo bandido que foi libertado em lugar de Jesus.

Houve grande silêncio entre os ouvintes. Olhos arregalados me fitavam procurando saber por que motivo Pedro andava agora em companhia de um antigo assassino. Vi medo nos olhos de muitos e esperei pacientemente, por segundos intermináveis, que ele concluísse sua explicação a meu respeito e me tirasse daquela angústia.

Barrabás ficará hospedado em minha casa por algum tempo. Ele tem se esforçado muito para ser um novo homem. Nada acontece por acaso e Jesus sempre nos deixou muito claro que em tudo está a mão de Deus; que Sua vontade governa até mesmo os fatos que não podemos compreender. Se Barrabás tinha que estar naquele dia em julgamento ao lado de nosso mestre, e se lhe foi permitido sair livre, algum propósito Deus deve ter para tudo isso. Convivendo com este homem nos últimos tempos, percebi que Deus jamais se engana e que até mesmo de pedras duras, como eu, pode moldar dignos filhos. Eu convivi com Jesus por anos diariamente. Ouvi de sua boca as palavras mais profundas e os ensinamentos mais belos. Presenciei seus atos de amor e compaixão com meus próprios olhos e, mesmo assim, no instante em que a prova se fez mais dura para mim, fugi como um covarde, me esquecendo daquele que foi o homem mais forte e corajoso que já conheci.

Naquele momento, nem todos os ensinamentos que recebi dele fizeram de mim um homem melhor. No entanto, Barrabás esteve com ele poucos minutos, recebeu dele apenas um olhar e umas poucas palavras, e isso foi o suficiente para que se operasse nele verdadeira e profunda mudança. Não uma mudança externa, nas aparências, mas uma mudança que vem de dentro, que transforma valores, pensamentos, palavras e ações. Desde que o conheci, ele luta com sua velha natureza, para domar suas imperfeições e ser de fato o filho de Deus que Jesus deseja que todos nós sejamos. Por isso, amigos, afirmo que se tiverem que temer a alguém, temam a mim, que ainda não aprendi a ser leal o suficiente nem firme durante as tempestades. Se tiverem que desconfiar de alguém, desconfiem de mim, que neguei meu melhor amigo no momento em que ele mais precisou. Mas não temam nem desconfiem de Barrabás. Se fosse ele um dos discípulos, provavelmente teria preferido morrer no lugar do mestre. Ele bem poderia continuar com sua vida anterior, aproveitando a liberdade que recebeu para praticar seus delitos. Se preferiu atirar-se corajosamente à luta

interior para aperfeiçoar-se, com certeza já é muito mais digno de confiança do que eu.

Ouvi a tudo com um nó na garganta, controlando as lágrimas que teimavam em banhar meus olhos. Jamais pude imaginar que Pedro alimentasse tais ideias a meu respeito, que pensasse de fato tudo aquilo sobre mim. Aquele homem que me parecia sempre tão distante, que pouco conversava comigo, de quem eu tinha sempre a impressão de desconfiança, mostrava agora que vinha me observando em detalhes que até eu mesmo desconhecia, a ponto de considerar-se menos confiável do que eu. Não sabia se concordava com tudo o que ele dissera, mas com certeza ele ganhara de vez a minha admiração. O Pedro tão sisudo e frio se revelava agora num amigo que eu jamais sonhara ter.

Capítulo 18

Depois do surpreendente depoimento de Pedro, nosso diálogo passou a ser diferente. Compreendi que a natureza daquele pescador não permitia grandes demonstrações de afeto ou admiração, que seu jeito introspectivo dava-lhe a impressão de alguém distante e desinteressado. Mas por trás de toda aquela aparência, havia um homem de sentimentos muito nobres, que talvez estivesse travando uma luta interna tão dura quanto a minha para tornar-se alguém melhor.

Se Pedro tinha certa dificuldade em se aproximar das pessoas, cabia a mim aprofundar os laços daquela amizade que me parecia agora tão preciosa. E comecei a fazê-lo sem reservas.

Iniciei as obras de reforma da casa logo no dia seguinte à nossa chegada. O madeiramento do telhado estava repleto de cupins e precisava ser trocado. Os filhos de Pedro me ajudavam no que podiam e todos me tratavam com grande cordialidade. Pedro voltara às suas redes e barcos, mas raramente conseguia pescar de fato. O povo o interceptava na praia logo cedo, querendo ouvir as histórias a respeito de Jesus. Ele não conseguia se furtar de sua nova condição de pescador de homens. Começava a falar de modo eloquente e emocionado e, quando se dava conta, havia se passado várias horas.

Dessa forma, já que a procura do povo era grande, Pedro determinou que estaria à disposição deles todos os dias, ao cair da tarde. Nessas horas, eu já tinha encerrado meu trabalho e comecei então a comparecer às palestras de Pedro nas margens do Mar da Galileia.

Naquele dia, ele falava sobre o episódio em que Jesus expulsara do pátio do templo os vendedores de animais para sacrifício. Citou as palavras que Jesus dirigiu aos sacerdotes, chamando-os de "sepulcros caiados". O povo quis saber o que elas significavam, e Pedro começou a explicar:

— Os sepulcros são normalmente pintados com cal por fora, tendo aparência branca e limpa. No entanto, por dentro são cheios de podridão e restos mortais. Assim é o coração dos hipócritas. Vemos pessoas com aparência e modos refinados, gentis, de acordo com seus interesses, usando palavras doces e sorrisos amigáveis. Mas basta que sejam contrariadas nas mínimas vontades para que demonstrem toda a sua aspereza. Estes são os sepulcros caiados. Não estão interessados em ser boas pessoas de fato, querem apenas aparentar que o são. Enganam a si mesmas, mas nunca poderão enganar a Deus. Por isso Jesus dizia que aos olhos de Deus todos somos iguais. Não importa se somos sacerdotes, pescadores ou bandidos. Nosso coração sempre busca aquilo que realmente tem valor para nós. Se um sacerdote ostenta com orgulho sua túnica, mas não trata de eliminar de sua alma o orgulho, a vaidade e o

egoísmo, então ele não é melhor do que um bandido, que pratica o mal aos olhos de todos. Ninguém deposita sua confiança no bandido, por saber quem ele é, mas no sacerdote todos crêem, por julgarem que é homem sincero. É melhor um bandido sincero do que um sacerdote hipócrita. Convém lembrar que nem todos os sacerdotes são hipócritas. Há homens bons e sinceros entre todas as classes. O que importa são os atos que procedem de sua alma. Jesus dizia que a árvore se mostra boa, se os frutos que produz também são bons.

Pedro fez uma pausa em sua fala e me encarou como se quisesse me dizer algo. E claro que suas referências aos bandidos me tocavam fundo e muitos acabavam olhando para mim quando ele dizia essas coisas. Eu tentava me manter neutro e compreendia que ele estava tentando promover nas pessoas uma reflexão verdadeira sobre as mudanças de atitudes. Eu servia apenas como exemplo vivo do que é possível fazer quando se deseja mudar de fato.

Pedro pretendia continuar sua fala; para tanto, resolveu novamente recorrer a mim para ilustrar suas ideias. Só que dessa vez, me colocou em outra situação que jamais imaginaria me encontrar.

Voltando a se dirigir às pessoas ao seu redor, disse:

— Nesse dia em que Jesus protestou sobre as hipocrisias toleradas e incentivadas no templo de Jerusalém, havia muitas pessoas presentes. Uma delas era nosso amigo Barrabás. Em se tratando de transformar sepulcros caiados em verdadeiros homens de bem, acredito que ele pode nos esclarecer muito bem.

E dirigindo-se a mim, fez um pedido absurdo:

— Barrabás, por que não nos fala sobre como surgiu em você esse anseio por mudança de vida? Como tem conseguido vencer suas más tendências?

Todos votaram os olhares para mim. Senti um nó na garganta e nenhuma palavra me saiu da boca. Respirei fundo e tentei me safar da situação.

—E... é algo difícil de dizer... principalmente para mim. Não sou homem de muitas palavras...

—Eu também não, Barrabás — disse-me Pedro, com um sorriso um pouco irônico. — Só queremos ouvir o que você sente — completou ele.

Percebi que não havia escapatória.

— Bem, eu pouco entendia das coisas que Jesus falava. Estava ali, naquele dia, por objetivos bem diferentes. Mas no que se refere às mudanças que estou tentando fazer, creio que já estava cansado da vida que levava. Meu coração já procurava alguma outra coisa que eu não sabia o que era.

Suspirei fundo e senti palavras que subiam à minha garganta com um enorme ímpeto. Deixei que elas seguissem seu curso.

— Acho que uma pessoa só pode mudar de fato se seu coração deseja ardentemente essa mudança. Quando seu coração ainda preza pelo erro, você jamais consegue abandonar o erro. E preciso antes desapegar-se dele, começar a procurar outros anseios para sua vida. Se eu ainda sentisse prazer em tirar vidas, nem mesmo Jesus poderia me convencer do contrário.

Alguns se assustaram ao me ouvir dizer tais palavras. Senti que eu poderia ter me expressado mal e dado a impressão de estar desvalorizando as virtudes de Jesus. Mas não era isso que eu desejava. Então, tentei me explicar melhor.

— Jesus tinha o poder de despertar dentro das pessoas a coragem para executar essas mudanças. Mas creio que a decisão, a ação de fato, só pode ser desencadeada por nós. Foi isso que ele veio nos ensinar. Temos que assumir as responsabilidades por nossos atos. Eu jamais poderei me esconder atrás dele e negar todo o meu passado, tudo o que já fiz. Posso mudar a partir de hoje, mas não posso apagar o passado e me iludir com a falsa imagem de um santo que não sou. O fato de hoje seguir o caminho do bem não apaga o mal que já fiz. E bom que eu sempre me recorde que aquele bandido ainda vive dentro de mim. Ele não morreu. Mas cabe a

mim mantê-lo adormecido, dominado pela vontade de ser melhor, de ser alguém como Jesus. E o faço por amor a mim e aos meus semelhantes. Mereço uma vida mais digna, e foi justamente ele quem me despertou para isso. Ele me fez ver que dentro de mim, escondido sob o bandido, havia um filho de Deus que eu devia fazer vir à tona. Então perdi o medo, abandonei o comodismo e arrisquei ser alguém diferente, e isso tem valido muito a pena.

Quando terminei minhas palavras e vi todos aqueles olhos cravados em mim, quase não acreditava que elas tinham saído de minha boca. Um dos olhares mais surpresos era o de Pedro. Meu novo amigo me forçara a mostrar capacidades que eu desconhecia. Pelo jeito, estava seguindo com retidão os passos de seu mestre, que tão bem sabia fazer com que as pessoas descobrissem o que há de mais oculto em cada canto de sua alma.

Capítulo 19

Depois de minha inesperada palestra às margens do Mar da Galileia, Pedro mostrou-se cada vez mais amistoso comigo e passou a exigir minha presença todos os fins de tarde junto ao povo. Segundo ele, e para minha surpresa, o próprio povo reclamava minha participação quando eu não aparecia. E para meu desespero, muitos passaram a querer que eu voltasse a falar.

Certo dia, estávamos sentados em frente à casa dele respirando o ar fresco que a noite trazia das águas do Mar da Galileia, e aproveitamos para conversar sobre isso:

—Veja em que situação você me colocou! Não sou um pregador, Pedro. Sequer fui um discípulo. Agora as pessoas esperam que eu

ofereça mensagens profundas como as suas, ou amáveis como as de João. Mas eu não sei fazer isso.

—Eu nunca esperei que você soubesse. Eu mesmo não passo de um pescador ignorante. Somente falo o que me vem ao coração. Foi exatamente isso que você fez naquele dia. E realmente tocou o coração de quem o ouvia. As pessoas estão fartas de palavras requintadas e pouco práticas. Nós falamos a língua do povo. Você falou de mudanças na prática, mudanças que você mesmo está vivendo. Não são teorias distantes ou palavras de profetas que viveram num passado longínquo. São palavras que podem ser colocadas em prática por qualquer um de nós. E o amor de Jesus vivido, e não falado. Além do mais, como você pretende fazê-los voltar ao ninho, se não quer conduzi-los?

Percebi que ele estava falando sobre a tabuleta. Será que sabia algo que eu desconhecia?

—Sobre o que está falando? Sabe o que significam essas palavras? Por que nunca me disse nada?

—Acalme-se, meu amigo! Eu não disse que sei o que significam. Apenas consigo perceber que você tem grande talento para se comunicar com as pessoas. Não se esqueça que você era um líder revolucionário. Comandava um grupo de homens e os convencia a arriscar suas vidas pelas causas que defendiam.

—É bem diferente.

—Concordo. Mas o dom da palavra já estava em você. Mau usado, é verdade! Agora só lhe resta aprender a usá-lo adequadamente. Quem sabe não seja exatamente esse o significado das palavras entalhadas naquela tabuleta? O que somos todos nós, senão pequenos pássaros procurando nosso ninho?

Fiquei pensativo com as palavras de Pedro. Depois de alguns minutos meditativo, voltei a falar:

—Então você acha que os pássaros de que ele falava eram as pessoas. E o ninho seria Deus?

—No meu modo de entender...

—De que forma posso levar as pessoas a se voltarem a Deus? Somente minhas mal articuladas palavras serão suficientes para isso?

Suas palavras e seu exemplo. Afinal, você mesmo é um pássaro que voltou ao ninho. Já observou como eles migram, Barrabás? Sempre há um que vai à frente, abrindo caminho aos outros, conduzindo todo o bando. Este que vai à frente precisa conhecer muito bem o caminho a percorrer. Ele jamais poderia conduzir o bando por caminhos onde nunca esteve. Eu posso falar ao coração dos pescadores, dos homens humildes e oprimidos, dos trabalhadores cansados, mas não posso conhecer os caminhos de um malfeitor, de alguém que já trilhou os atalhos da brutalidade, de alguém que julga já não ter soluções para sua vida. Esses homens geralmente se auto-condenam; previamente se declaram casos perdidos. Mas você é a prova de que sempre há volta quando se quer. Só você pode ganhar a confiança deles. Sabe exatamente o que sentem e o que pensam. Suas palavras e seu exemplo podem ajudar muitos a encontrar novos rumos e nova esperança. Esses pássaros desgarrados de seus ninhos podem encontrar seu caminho de volta seguindo a um outro que já percorreu o caminho de retorno ao lar. Voe diante deles, Barrabás! Conduza-os nessa migração que pode salvar a *vida* de todos eles!

Pedro tinha razão. Isso eu não podia negar. Mas se minha utilidade era tornar-me um pregador para os mais desesperançados, eu precisaria aprender como fazer isso de modo adequado. Havia muitas coisas que eu queria saber e muitas informações ainda fugiam à minha compreensão. Sentia-me como o pedaço de madeira tosca que precisa ser aplainada e lixada para dar origem à cama repousante.

— Preciso aprender muito, Pedro. Não me nego a fazer esse trabalho, mas quero aprender como se faz. Será que você pode me ensinar? Há tantas coisas que eu gostaria de saber... Há tantas coisas que não entendo... Não consigo compreender a tão falada justiça

divina. Como pode haver justiça, se alguns nascem na riqueza, em boas famílias, e gozam de uma vida de prazeres, enquanto muitos nascem na miséria e passam toda uma existência de sofrimentos aguardando que a misericórdia divina se lembre deles? Como pode haver justiça, se eu nasci saudável e forte, enquanto outros nasceram cegos ou aleijados, condenados a uma vida de dor e limitações? Como Deus pode escolher quem vai sofrer ou quem vai ser feliz, se ama a todos nós da mesma forma?

Minhas indagações deixaram Pedro calado e com semblante grave.

—Seus questionamentos são perturbadores, Barrabás. Confesso que não tenho respostas para todas essas indagações. Mas acho bom que você procure entender. Não sei se algum dia você vai conseguir, mas vai valer a pena buscar sempre a verdade. Se deseja de fato aprender coisas tão profundas, não sou a pessoa mais indicada para instruí-lo. Mas creio que sei quem possa fazê-lo. Está realmente disposto?

—Claro que sim! Quem poderia me instruir, Pedro?

— Vou me informar, antes de lhe dizer com certeza. Continuei acompanhando Pedro em suas pregações de hm de tarde e já não ficava tão apavorado quando me pediam para dizer algumas palavras. No entanto, certo dia, quando já estávamos indo para casa, o gesto de uma senhora me perturbou muito. Quando Pedro se despedia de todos e desejava uma boa noite, era comum que muitos viessem abraçá-lo: crianças pediam que ele as abençoasse, mulheres davam-lhe flores... Eu achava isso bastante normal, já que todos os discípulos de Jesus eram muito queridos e respeitados. Mas o que me surpreendeu foi ver que uma senhora se aproximava de mim com uma criança nos braços. Ela sorria humildemente e me fez um estranho pedido:

— Senhor, poderia abençoar meu filho, por favor? Fiquei paralisado e olhei para Pedro, como que pedindo um

socorro. Para minha surpresa, ele fez um gesto com uma das mãos para que eu atendesse o pedido da mulher. Isso me deixou ainda mais sem ação.

Diante do olhar suplicante da mulher, não me senti com forças para decepcioná-la, mas também não me senti no direito de enganá-la.

— Senhora, não sou um homem santo...

Pedro se aproximou e colocou a mão em meu ombro. Senti um calor em meu coração. Então, eu disse a ela:

— Mas desejo que seu filho tenha toda a felicidade nesta vida e que Deus o abençoe ricamente.

Acariciei levemente os cabelos macios da criança e a mulher saiu, agradecendo-me muito com um sorriso radiante. Parecia tão feliz, como se tivesse acabado de receber o mais valioso presente. Olhei para Pedro esperando que ele me explicasse como coisas daquele tipo podiam acontecer logo comigo. Ele sorriu e me disse:

—Acostume-se! As pessoas são muito carentes e sentem necessidade de se aproximar, de tocar... Têm a sensação de que tocar em alguém que admiram lhes fará algum bem milagroso.

—Mas não posso fazer nada por eles. Eu não estaria enganando a essas pessoas fazendo isso?

—Não. Você deu a ela um breve momento de felicidade. Ela ainda não tem como entender que é tão santa quanto você e que suas mãos não podem trazer mais bênçãos do que as dela.

Mas sente necessidade de afeto e seu gesto tão simples deu a ela a sensação de ser amada, de ser importante para alguém. Essa é a melhor bênção que pode dar a alguém. Era isso que Jesus fazia. Fazia com que cada um se sentisse extremamente importante e valorizado. Assim, as pessoas abriam o coração aos bons sentimentos e à esperança, e verdadeiros milagres aconteciam: doentes restauravam a saúde, pois só pode haver saúde onde há esperança; corações endurecidos se compadeciam, pois só pode haver compaixão onde há esperança. Só quem se sente amado pode aprender a amar. Um pouco de amor e um minuto de atenção

desencadeiam milagres incomparáveis, Barrabás. Você acabou de participar de um.

Capítulo 20

Passados apenas alguns dias, Pedro me pediu que o acompanhasse a um vilarejo não muito distante dali. Foram somente duas horas de caminhada. Chegamos a uma casa grande, e pintada de branco com grossas camadas de cal. Tudo era muito limpo e ordeiro e a atmosfera silenciosa lembrava a sacralidade de um monasterio.

Essa minha impressão se acentuou ainda mais quando fomos recebidos por um senhor de idade já adiantada e longas barbas, alvas como suas vestes. Ele nos saudou com o abraço tríplice que me era familiar. Imediatamente notei que em volta de seu pescoço pendia um colar de contas de madeira. Era o colar de cento e oito contas usado pelos essênios; eu tinha certeza. Então Pedro também os conhecia?

— Este é meu amigo Barrabás, de quem lhe falei outro dia. Está disposto a se instruir para trabalhar nas causas do Cristo. E homem de pouca instrução, mas Deus o dotou de grande força e carisma. Tem o dom natural de tocar o coração dos que o ouvem — dizia Pedro.

Eu achava estranho e incómodo ouvir aqueles cometarios a meu respeito. Sinceramente, tinha a impressão de que falavam de outra pessoa. Não me via na descrição que Pedro acabara de fazer.

O homem, que o escutara atento, comentou:

— Ah! É um eloquente! Dom raro e muito necessário. Quantos não desejam firmemente ser pregadores de boas novas e para isso se dedicam por anos aos estudos, mas, desprovidos desse dom, pouco

avançam na senda. Você é um privilegiado, meu rapaz! É um diamante bruto. Deseja ser lapidado?

—Se com isso eu me tornar útil, meu senhor...

—Saiba que a lapidação é um processo doloroso e demorado. Terá de deixar para trás todo tipo de sujeira que vem ofuscando seu verdadeiro brilho. Todos os filhos de Deus são preciosos diamantes. Porém, a jornada deste mundo muitas vezes é feita em poeirentas estradas. A poeira dos desgostos, do orgulho, da vaidade, do egoísmo, da ignorância, vão se acumulando sobre a superfície límpida dos diamantes de Deus e eles acabam perdendo o brilho e a pureza. E preciso que sejam lavados e purificados, deixando de lado tudo que os impede de brilhar em todo seu esplendor. Cada diamante que Deus colocou neste mundo é um pequenino ponto de luz que reflete o próprio Criador. Quando todos os pontos de luz estiverem limpos, todas as luzes se unirão em um imenso fecho incandescente que rasgará as trevas de dor que encobrem este mundo. Só assim deixará de haver escuridão, quando os diamantes de nosso Pai brilharem com sua luz, como espelhos claros de sua grandeza.

Eu estava tão atento às palavras daquele homem, que sequer notei que lágrimas furtivas me invadiam os olhos ao ouvir uma comparação tão poética de nossa pobre existência humana como divinos diamantes. Pedro, ao meu lado, também parecia maravilhado.

— Então, Barrabás, quer ser instruído pelos irmãos essênios? Se assim desejar, deixarei-o aos cuidados do mestre Manás, que o levará a um local apropriado para sua instrução.

Ainda sem palavras, respirei fundo antes de responder.

—Se quero? Lá, vou ouvir palavras tão belas quanto essas que acabei de escutar? Se é assim, claro que aceito e serei muito grato pela oportunidade. Vão me levar para Qumran?

—Conhece os essênios de Qumran? — perguntou-me mestre Manás.

—Sim. Estive lá há algum tempo e conheci uma comunidade onde fiz um bom amigo: Eliud.

—Muito bom! Então nossos costumes não lhe são totalmente desconhecidos, Barrabás? Eliud explicou-lhe que não bebemos vinho, não comemos carne...

—Sim. Estive hospedado em sua casa alguns dias e pude conhecer esses hábitos, que achei bastante salutares. Não estranharei nada.

—Certo. Mas não será mandado para Qumran. Lá vivem alguns de nosso povo, mas você deve ser mandado para um local de instrução mais aprofundada. Irá para o mais aprimorado centro de estudos essênios que existe. Vou levá-lo para o Krmel.

Mestre Manás determinou nossa partida para dali a dois dias. Ainda lhe faltava visitar dois meninos que se candidataram a discípulos do Krmel. Geralmente os garotos eram admitidos em tenra idade, por volta dos doze ou treze anos. No meu caso, seria aceito como um deles, tendo que cumprir as mesmas etapas de estudo, mesmo já sendo adulto. Isso me desconcertava um pouco, mas não havia espaço para o meu orgulho naquele momento. Estava tão eufórico quanto aqueles meninos; ansioso por aprender toda a riqueza que os essênios poderiam me ensinar.

Partimos com o raiar do dia. Despedi-me de Pedro e de sua família, com o coração já apertado de saudades, mas com a certeza de que tinha feito um amigo para toda a vida ou até mesmo para todos os tempos, ultrapassando as fronteiras da existência física. Antes de partirmos, ele me disse muito seriamente:

— Vá reunir os pássaros de nosso mestre, Barrabás, que eu vou pescar almas pelo mundo a fora!

— Boa pescaria, meu amigo!

— Bom voo, meu irmão! — falou com um raro sorriso nos lábios.

Mestre Manás já estava acompanhado dos dois meninos que foram entregues aos seus cuidados. Era impossível não notar a curiosidade e a estranheza dos garotos com relação à minha idade. Nunca tinham visto um neófito tão idoso!

Percebendo a agitação deles e meu constrangimento, mestre Manás tratou de pôr em prática sua sabedoria.

— Sabem por que Barrabás será instruído junto com vocês? Os meninos logo se interessaram em saber. E mestre Manás continuou:

— Ele teve um encontro com Jesus, pessoalmente.

Os garotos arregalaram os olhos e se voltaram para mim, ansiosos por detalhes. Praticamente se esqueceram de mestre Manás e caíram sobre mim com mil perguntas. Embora eu tivesse sido pego de surpresa com tal revelação, entendi que ele fizera isso para atrair o respeito dos meninos por mim. Enquanto eu começava a responder às inúmeras perguntas que me faziam, pude observar de relance um sorriso matreiro escapar dos lábios de nosso ancião, satisfeito com o efeito de sua revelação.

Sáimos de Cafarnaum e rumamos para o oeste, na direção do Mar Mediterrâneo. O percurso até o Krmel era de cerca de cinquenta quilômetros. Como viajávamos a pé e na companhia de um idoso, caminhávamos devagar. íamos em animada conversa, já que agora os garotos haviam se tornado meus amigos. Queriam saber de todas as minhas aventuras: se realmente havia sido um bandido, se havia sentido medo ao ser preso. Tive de contar centenas de vezes a memorável cena de meu encontro com Jesus, no dia do julgamento. Queriam saber em detalhes como ele era, qual a cor de seus olhos, se era alto e forte...

Três dias depois de nossa partida de Cafarnaum, chegamos a uma planície aos pés de magnífica montanha. A visão era deslumbrante. A massa rochosa imponente se erguia em meio ao nada, soberana e altiva. Era uma montanha de pura rocha, desprovida de vegetação e de aparência até mesmo hostil, apesar de sua beleza.

— Vamos ter que escalá-la, mestre Alanás? — perguntou um dos garotos.

— Não. Chegamos ao Krmel. Este é o Monte Krmel. Olhamos ao redor e não vimos uma só habitação, nem mesmo uma modesta tenda.

— E onde fica o monasterio que nos receberá, mestre? — perguntei.

— Bem diante de seus olhos — ele respondeu.

Sem nada entender, fomos caminhando atrás dele, que se aproximava da montanha com grande familiaridade. Depois de algum tempo, pude ver ao longe algumas pequenas aberturas entre as pedras da montanha. Aos poucos, percebi que se tratava de janelas e portas. Vi pequenos terraços cuidadosamente escondidos atrás de fendas. E claro! A mesma arquitetura inusitada que eu tinha visto em Qumran. Era de se esperar que um importante centro de estudos dos essênios também se guarnecesse dessas engenhosas seguranças.

À medida que nos aproximamos, como que surgidos do nada, apareceram alguns homens trajando a túnica branca dos terapeutas. Tão logo reconheceram mestre Manás, nos receberam com grande alegria e nos conduziram pelos intrincados labirintos de pedra que levavam ao interior da montanha. Após alguns corredores escuros e frios, encontramos uma pesada porta de madeira que só foi aberta depois que um dos homens executou uma sequência de toques em código.

Ao abrir-se, sob o ranger dos gonzos, vimos grande claridade banhar nossos rostos. Adentramos, surpresos, um grande pátio interno sem cobertura, escavado numa fenda de pedra, onde haviam plantas em vasos de barro e bancos de pedras recostados às paredes do pátio. Logo adiante, havia mais uma porta que levava ao interior do monasterio propriamente dito.

Tudo era evidentemente muito antigo, mas muito bem conservado. As grossas portas de madeira que íamos encontrando pelo caminho eram brilhantes e adornadas com ricos entalhes. O silêncio imperava e nós só conseguimos ouvir ao longe as vozes bem

afinadas de alguns garotos que entoavam um belo salmo. Tudo era mansidão.

Mestre Manás nos levou a um corredor repleto de portas e nos indicou nossas acomodações. Para minha surpresa, ficamos em aposentos separados: era um pequeno cômodo onde se alojavam uma cama simples e aconchegante, um baú para as roupas, uma mesa e um pequeno banco. Ele me deixou sozinho e então fui espiar pela pequena janela. Não tinha noção da altura em que estávamos. Era possível ver dali a encosta encrespada da montanha e, não muito longe, o azul incomparável do Mediterrâneo.

Poucos minutos depois, alguém bateu à minha porta. Era um dos rapazes moradores do lugar que me trazia uma bacia e um pote de água para que eu me banhasse. Foi com alegria que recebi aquele presente, já que estava fatigado da viagem pela estrada poeirenta e quente. Tomei banho e senti uma grande sonolência tomar conta do meu corpo. Deitei-me sentindo o aconchego daquele ambiente simples e tranquilo. Sentia-me seguro e feliz como nunca.

Capítulo 21

Acordei com o aposento mergulhado na escuridão. Já havia escurecido e eu não fazia ideia de quanto tempo tinha dormido. Levantei-me sobressaltado, abri a porta e espiei pelo corredor. Não vi ninguém; somente as lamparinas de azeite iluminavam tenuemente o ambiente. Não quis arriscar sair do quarto, pois já tinha percebido que toda aquela montanha guardava um verdadeiro labirinto em suas entranhas.

Retomei ao quarto e aguardei que um mínimo ruído me assinalasse a presença de alguém. Depois de alguns minutos, ouvi passos no corredor. Passos muito sutis que vieram parar em frente à minha porta. Era o mesmo rapaz que me trouxera água para o banho. Trazia agora uma travessa com frutas diversas e uma tija com saborosa sopa de legumes. Pediu que após a refeição eu fosse para o salão dos neófitos.

— Siga pelo corredor até começar a descer. Vire à esquerda e vá em frente sem entrar em mais nenhum corredor — foi a orientação que ele me deu.

Esforcei-me para memorizar essas instruções e as repetia mentalmente durante todo o tempo em que saboreava a leve refeição que me fora oferecida. Sem demora, pus-me a caminho do salão dos neófitos. Os corredores sombrios eram de dar medo a quem não estivesse acostumado ao escuro e à solidão. Até mesmo eu senti medo de me perder por ali. Mas segui rigorosamente as instruções do rapaz e fui sair em um amplo salão circular, escavado nas paredes de pedra da montanha. Havia bancos de pedra encostados nas paredes onde alguns garotos já aguardavam, tão ansiosos quanto eu. Logo depois chegaram os meninos que viajaram comigo. Sentamos todos em silêncio e aguardamos o que estava por vir.

Depois de algum tempo, começaram a entrar alguns homens no salão. A maioria idosos de longas barbas brancas, com aquela aparência de velhos magos, cheios de poderes misteriosos que enchem a imaginação dos garotos, e até a minha. Entre eles estava Manás. Sentaram-se em grandes bancos à nossa frente e um deles começou a falar:

— Sejam todos bem-vindos ao Monte Krmel. Este é o segundo mais antigo monasterio essênio. O primeiro fica em He-liópolis, no Egito. Aqui serão instruídos em todas as disciplinas necessárias ao entendimento dos mistérios ocultos, da essência de Deus, do serviço ao próximo e do trato da saúde do corpo e da mente. Levarão uma

vida modesta e de recolhimento, evitando perdas de tempo com futilidades e conversas vãs. Aqui não existem punições de qualquer tipo. No entanto, aqueles que se mostrarem incompatíveis com a disciplina e o bom trato com os irmãos serão encaminhados de volta ao lar, ao término do primeiro ano de estudos. A instrução básica se completa em três anos, ao final dos quais sairão daqui com o compromisso de manter o sigilo de muitas informações que receberão e de só usarem o que aprenderem para o bem da humanidade. Sairão como terapeutas e mensageiros das boas novas que são capazes de tornar o homem um ser melhor. Este é o nosso único objetivo.

O velho senhor continuou a expor aspectos sobre a rotina no Krmel e passou a apresentar os demais mestres que nos instruiriam. Ao final da palestra, abriu espaço para possíveis questionamentos. Ninguém quis perguntar nada. Então nos dispensou, deu a cada um um pequeno mapa de localização do interior do monasterio e advertiu que nossas tarefas começariam na manhã seguinte, bem cedo.

Antes, porém, de nos mandar para nossos aposentos, pediu que mestre Manás nos levasse a um lugar especial. Éramos um grupo de dezessete neófitos que seguiam atrás do mestre, curiosos pela novidade que nos aguardava. Após muitas voltas e corredores, chegamos a um amplo terraço descoberto. O vento da noite nos golpeava as faces, trazendo o frio e o cheiro do Mediterrâneo. Mestre Manás nos chamou até a beirada do muro que continha o terraço. Havia um desfiladeiro sob nossos pés. E quando olhamos para o céu, nos surpreendemos com o teto de uma miríade de estrelas incandescentes sobre nossas cabeças. Pareciam oscilar querendo desabar sobre nós. Era um espetáculo incomparável. Estávamos todos inebriados, mas ele nos chamou à realidade.

— Precisam dormir agora. Amanhã levantarão bem cedo. E ainda virão muitas vezes a este terraço. Aqui eu os instruirei na beleza e na ciência dos astros.

Fui para o meu quarto imaginando se não estava vivendo um sonho; se realmente merecia tudo o que estava me acontecendo em tão pouco tempo. Como minha vida tinha mudado! E tudo por causa daquele dia do julgamento.

Acordei cedo e logo saí com o mapa nas mãos, procurando encontrar o refeitório onde deveríamos fazer nosso desjejum. Ao encontrá-lo, percebi que no Krmel moravam muito mais pessoas do que eu imaginara. O refeitório tinha mesas longas enfileiradas. Cerca de duzentos estudantes sentavam-se em seus bancos de madeira e, numa mesa a parte, os mestres e responsáveis pela organização do monastério. Havia animada conversa, o ambiente era alegre, mas o tom de voz era contido, sem extravagâncias. Sentei-me ao lado dos garotos, e os mais velhos não pareceram se importar com minha idade. Na verdade, descobri outros adultos entre os discípulos. Eram mais adiantados que eu, é verdade. Mas parece que a sede pelo conhecimento não escolhe idade certa para bater à nossa porta.

Nosso desjejum compunha-se basicamente de leite de cabra com mel, frutas secas e frescas e pão. Toda a alimentação que supria o Krmel vinha de vilarejos localizados aos pés da montanha. Pequenos produtores, pastores e agricultores traziam bem cedo todos os víveres necessários. A maioria deles também era essênio ou simpatizante dos terapeutas.

Após terminarmos nossa refeição, fomos direto para o salão dos neófitos, onde um de nossos mestres iniciou uma preleção muito interessante. Seu nome era Fílon, um dos mais jovens instrutores. Mas a idade não ocultava sua grande erudição e carisma pessoal. Enquanto falava, nem um só ruído era ouvido. Todos os alunos permaneciam em absoluto silêncio, fascinados pela eloquência do mestre. E o assunto era também bastante instigante. Fílon começou nos fazendo uma pergunta:

— O que são vocês?

Permanecemos calados, nos entreolhando, sem saber o que responder. Como o mestre continuasse a nos olhar esperando uma resposta, um dos garotos se animou a falar:

—Somos pessoas, seres humanos.

—Sim — respondeu Filon. — E do que é feito um ser humano? Novamente ficamos sem resposta. Fílon se aproximou de um dos neófitos e tomou a mão do jovem entre as suas.

—Do que são feitos? — perguntou.

—Carne, sangue, ossos... — respondeu um menino.

— Muito bem. E disso que seus corpos físicos são feitos. Mas quando esses corpos se desfazem com a morte, vocês deixam de existir?

—Não — respondemos todos.

—Por que não? — perguntou ele.

—Pois nosso espírito continua a viver — disse alguém.

Fílon sorriu satisfeito com a atitude de seus discípulos. Estavam conseguindo acompanhar o raciocínio que ele propunha. Então continuou:

—Portanto, podemos concluir que o ser humano é...

—Espírito — respondi.

— Muito bem. Vocês não são corpo; são espírito. Se fossem corpos, deixariam de existir com a morte. Como são espíritos, são imortais. Nada pode destruir um espírito, senão Aquele que o criou. Seus corpos são feitos de matéria física, que se desagrega e volta ao pó. Hoje vamos conhecer melhor essa matéria física de que são compostos e perceberão que são feitos da mesma matéria que estes bancos, estas paredes, as árvores, a água, a terra... Portanto, são irmãos de todos os seres. Deus criou todas as coisas usando a mesma substância, e essa substância é a maior prova da existência do espírito.

Eu estava encantado com as palavras de Fílon e dediquei total atenção a elas. Ele prosseguiu:

— Cada parte de seus corpos é composta de pequenas partículas. Essas partículas são as mesmas que compõem todas as coisas que podem ver. O que as difere é a forma com que essas partículas são organizadas. Para constituir uma mesa, elas se organizam de uma forma; para constituir uma pedra, se organizam de maneira diferente. No entanto, dentro de cada uma dessas partículas existe uma centelha, a chispa divina colocada pelo Criador em todas as coisas criadas. Essa centelha divina está presente na pedra mais bruta ou no mais elevado arcanjo. Mas na pedra, ela se encontra adormecida, inerte. Enquanto no arcanjo ela está em plena atividade. Quando os corpos físicos se desfazem, o invólucro dessa centelha, que é a partícula, se desfaz. A centelha fica livre e retoma ao seu Criador, que novamente molda novos invólucros que se agrupam de forma diferente e dão origem a mais um corpo. Nesse ponto, não consegui conter minha curiosidade e meu espanto.

—Mestre, então essa centelha é o espírito?

—Sim.

—E se o espírito pode se reagrupar formando novos corpos, então podemos ter muitas e diferentes formas de vida?!

—Isso mesmo.

Todos ficaram maravilhados com a revelação. Fílon continuou:

— Isso quer dizer que o espírito pode ocupar diversos tipos de corpos ao longo dos tempos. Com isso, podemos concluir que somos imortais. Mesmo que nossos corpos sejam destruídos, nosso espírito poderá reorganizar um novo corpo para onde retomaremos. E se essa centelha está presente em todas as coisas, quem pode nos garantir que já não tivemos a forma de uma pedra, de uma planta ou de um animal?

A questão era de revirar os sentidos e todas as convicções. Houve alvoroço entre os alunos, mas Fílon parecia não se importar. Simplesmente observava o interesse dos neófitos, tentando entender

as coisas que acabavam de ouvir. Parecia até feliz com a reação de todos.

—Isso é possível, mestre Fílon? É possível que um ser humano já tenha sido um animal? Por quê? — perguntei.

—Você crê que Deus é justo, meu filho?

—Creio.

—E como Ele poderia ser justo, se não desse a todas as suas criaturas as mesmas condições e oportunidades? Que chance teria uma pedra de desenvolver e despertar sua centelha divina, se permanecesse como pedra eternamente? Que justiça haveria em escolher o ser humano para ser racional e dominador, deixando os outros animais em desvantagem e à mercê das crueldades humanas?

Ficamos todos pensativos sobre as palavras que acabávamos de ouvir. E mestre Fílon ainda tinha mais a nos dizer:

—Pensem bem, que objetivo teria Deus ao criar uma pedra? Que critérios Ele usaria para destinar uma de suas criações a ser pedra e outra a ser anjo? Será que Ele simplesmente apontaria seu dedo para uns e diria: "Você será uma pedra, sempre inerte, não se desenvolverá, nunca aprenderá a raciocinar nem fazer escolhas"? E se voltasse a outra de suas criações e dissesse: "Você será humano, terá a faculdade da razão, terá o direito de fazer escolhas, aprenderá novas coisas todos os dias, terá inteligência, inclusive para buscar seu Criador, e também para esmagar pedras e outros seres inferiores a você"? Digam-me, este deus seria justo? Estaria dando a todos a mesma oportunidade? Quem de vocês gostaria de ter sido escolhido para ser pedra? E quem gostaria de ter sido escolhido para ser anjo?

—Eu gostaria de ser anjo, mestre! — disse um garoto.

—Claro, eu também! Então Deus teria sido injusto comigo e com você, ao nos escolher para ser humanos? Por que Ele não nos deu a chance de sermos perfeitos, puros, vivermos uma vida de venturas

nos reinos celestes? Por que nos destinou a viver na Terra, expostos às dores, às doenças, à fome, às adversidades? Isso seria justiça?

—Creio que não, mestre! Sempre tive dificuldade em compreender a justa divina, exatamente por causa desses fatos. Como funciona então a justiça divina? — perguntei.

— Deus é perfeitamente justo e bom. Tratou de dar a todos os seres que criou a mesma chance de desenvolvimento, a fim de que se reencontrassem com seu Criador. Cada um pode escolher que caminho percorrer e com que velocidade caminhar. Isso se chama livre-arbítrio: o direito de fazer escolhas, inclusive o direito de optar por fazer o mal. No entanto, toda escolha desencadeia uma consequência. Ao escolher fazer o mal, o homem acaba retardando sua caminhada para Deus. Quando opta pelo bem, se afina com a vontade divina e com suas leis. Portanto, sua caminhada se torna mais fácil e produtiva.

A criação divina obedece a uma organização muito semelhante à desta escola. Aqui vocês serão instruídos gradativamente, até atingirem um grau mais elevado, de acordo com o esforço de aprendizado de cada um. Os que não se esforçarem por aprender, certamente ficarão para trás. Mas os que se dedicarem, poderão um dia ocupar o lugar de mestre para novos aprendizes. Assim funciona o Universo. Deus criou os seres com uma escala de aprendizado a ser percorrida. A grandeza de nosso Criador é por demais elevada para a mente humana. Não se pode compreendê-Lo de uma só vez. É preciso dedicar-se ao aprendizado de cada etapa. Por isso Deus criou diferentes formas de vida: os minerais, que são inertes, não têm consciência de sua própria existência, não têm vontade ou raciocínio; os vegetais, que têm pouca mobilidade, têm uma espécie de consciência coletiva da existência, mas também não expressam vontade própria ou raciocínio; os animais, que se movem livremente de acordo com suas espécies, possuem instinto, uma espécie de raciocínio primário, pois fazem escolhas instintivas, mas ainda não têm consciência suficiente para se identificarem com seu

Criador; o homem, dotado da faculdade da razão, pode fazer livres escolhas, possui inteligência criativa e tem em seu interior a inclinação por aproximar-se de seu Criador. Prova disso é que mesmo os povos mais primitivos, mesmo vivendo em regiões isoladas e não tendo instrução, já nascem com a noção da existência de um ser superior. Acima do homem, estão os anjos, que se dividem em muitas hierarquias, de acordo com seu nível de evolução. São dotados de grande inteligência, possuem também o direito de escolha, mas sabem usá-lo com perfeição. Esta é uma explanação breve de como Deus planejou o aprendizado e a evolução de suas criaturas. Todo o arcanjo mais elevado já foi um dia um mineral bruto, assim como o mais puro diamante também já foi um grosseiro carvão.

Todo aquele que chega ao posto mais elevado o faz por mérito próprio. Sua evolução só depende, portanto, de seu próprio esforço. Assim, somos todos responsáveis por nossos atos e por nosso desenvolvimento. Se estagnamos em nossa caminhada para Deus, a culpa é unicamente nossa, pois temos as mesmas condições que todos os demais. Se quisermos chegar à existência angelical, temos condições para isso, e Deus deseja que o façamos o mais rápido possível, pois quanto mais elevado o ser mais aprende a entender e a amar aquele que o criou. Isso é a verdadeira justiça divina.

—E a centelha divina? Ela também evolui com o tempo, à medida que ocupamos formas diferentes? — perguntei.

—A centelha divina é sempre perfeita, desde sua criação. No entanto, quando está aprisionada a um corpo rude e denso, pouco pode fazer. E como um espelho de cristal recoberto por grossa camada de poeira: não consegue refletir de forma clara as imagens que estão diante de si. Assim também a centelha divina não consegue se expandir totalmente se está contida num corpo grosseiro. A medida que o ser evolui, a grossa camada de poeira que embaça o espelho começa se desfazer e o brilho da centelha divina aparece em toda a sua plenitude, até que chegue a brilhar

tanto quanto seu próprio criador e se funda à sua luz infinita, em perfeita comunhão com Ele. Podemos dizer que a centelha dorme na forma mineral, sonha na forma vegetal, desperta na forma animal, ganha plena consciência na forma humana e aprende a voar na forma angelical. Por isso, devemos reverenciar e respeitar cada forma de vida. Cada uma delas faz parte de um plano perfeito de Deus. Cada uma delas é um irmão de caminhada: uns mais à frente, outros mais atrás, porém todos caminhando rumo ao mesmo objetivo.

—Por isso somos vegetarianos, mestre? — perguntou um garoto.

—Também por isso. A alimentação densa e proveniente do sacrifício e da dor de outros seres retarda o nosso crescimento espiritual. Alimentar-se do sofrimento de outro ser gera ainda mais sofrimento. Mas também evitamos tirar a vida de outros seres, pois desse modo estaremos interrompendo a caminhada de um companheiro de jornada que tem direito de estar aqui tanto quanto nós. Quando colhemos um fruto, não matamos a árvore. Quando colhemos uma hortaliza, não lhe arrancamos a planta, que continua a gerar outras hortalizas. E quando precisamos cortar uma árvore, o fazemos com respeito e gratidão replantando suas mudas e sementes para que continue a existir em sua descendência. Devemos lembrar que os vegetais têm apenas consciência coletiva de existência. Preservando as sementes, preservamos também a árvore que as gerou.

Mestre Fílon encerrou sua aula sob nossos protestos. Queríamos todos continuar a desvendar as maravilhas da Criação que estavam sendo apresentadas ao nosso entendimento. Mas o mestre, experiente com a euforia dos inciantes, soube muito bem nos conter.

— Tudo a seu tempo. Lembrem-se de que o aprendizado ocorre de modo gradual. Vivam um dia de cada vez.

Capítulo 22

Todas as aulas e todos os mestres do Krmel eram de suma importância, mas Fílon abordava assuntos que instigavam minha mente como nenhum outro. Continuando suas explicações a respeito do espírito, teve muitas perguntas a responder. Todos os neófitos pareciam ter pensado bastante sobre a evolução gradual do espírito que ele nos apresentara. E a partir daí, uma avalanche de questionamentos teve início.

—Mestre Fílon, já que fomos criados como espíritos, ocupando primeiro formas simples, até evoluirmos para seres humanos e seres angelicais, um dia essa evolução terá fim? — perguntou um dos garotos.

—O fim planejado por Deus é que cheguemos à total compreensão e ao amor absoluto por Ele. O ser que consegue alcançar esse amor pleno, alcança também a perfeita comunhão com o Criador, a perfeita sintonia com suas leis e desígnios. O pecado nada mais é que o desalinho entre o homem e a vontade de Deus. Descumprir as leis divinas é pecar. Quando matamos, destruímos uma vida que não somos capazes de criar. Portanto, estaremos em desarmonia com a obra da Criação. Quando desejamos ou tomamos o que não nos pertence, estamos em desarmonia com as leis divinas. Isso então é pecado. Deus dá a cada um a capacidade necessária para obter tudo o que precisa. Não precisamos cobiçar o que não nos pertence. Se o fizermos, será por pura ganância, egoísmo, inveja. Todos esses sentimentos estão desalinhados com a vontade do Criador.

—Mas se Deus nos criou, criou também os sentimentos que temos. De onde vieram sentimentos como a ganância, o egoísmo e a inveja? — perguntei.

—Deus nos criou com a capacidade de desenvolver quaisquer sentimentos, bons ou ruins. A escolha entre um e outro é nossa. Isso

se chama livre-arbítrio. Temos o direito de escolher até mesmo se queremos fazer o mal.

—Mas por que Deus nos deu a possibilidade de escolher o mal, se isso só vai nos afastar Dele? — voltei a perguntar.

—Todas as coisas estão nas mãos Dele. Mesmo quando tudo parece estar contrário às santas leis, Deus sempre tem o perfeito controle de tudo. Sua vontade é soberana e absoluta. Quando o homem decide seguir o caminho do mal e se afastar de seu Criador, na verdade está somente adiando seu caminho para a felicidade. Deus permite que cada um caminhe em seu próprio ritmo. A Ele pertence o tempo e toda a eternidade; não há pressa. O ser humano pode sempre cometer os mais graves erros, desviar-se do bem, degradar-se. Com isso, só há de gerar sofrimento para si e conquistar infelicidade para sua alma. Todos os seres desejam a felicidade. Mesmo quando seguem por caminhos tortuosos, acreditam que neles encontrarão a felicidade ao seu modo. O adúltero e imoral acredita que será feliz abusando dos sentidos físicos, degradando o próprio corpo e o de seus semelhantes. Se soubesse que isso só vai adiar sua felicidade, jamais seguiria por esse caminho. O ladrão acredita que encontrará felicidade usurpando aquilo que julga não ter capacidade de conquistar. Se soubesse que terá de restituir tudo o que roubou em dobro e que está atraindo para si ainda mais miséria, jamais retiraria o que não é seu. Só depois de constatar que seu objetivo de ser feliz não está sendo alcançado é que o homem começa a reavaliar seus métodos. O desespero o leva a procurar outros caminhos, até que finalmente encontre a paz no bem e na harmonia com a vontade de Deus. Ao descobrir que só consegue ser feliz quando se reaproxima das leis divinas, descobre também o equilíbrio de sua verdadeira natureza, criada para a perfeição e a felicidade: sua natureza de filho de Deus, de portador da centelha divina.

Quando o homem retoma à sua natureza de filho legítimo de Deus seus olhos se abrem para a verdade, e a ignorância que o prende ao erro se dissipa. Só pratica o mal enquanto ainda ignora os benefícios

e felicidades de praticar o bem. A medida que descobre isso, não retoma mais ao mal, já que este só lhe traz mais sofrimento, e todos os seres fogem do sofrimento. Portanto, Deus permite que o homem percorra os caminhos do mal, se assim o desejar, pois sabe que mais dia menos dia retomará aos seus braços arrependido de seus erros. Não existe outro caminho a ser percorrido senão o de Deus. Mesmo quando parece caminhar no erro, o homem ainda está caminhando para Deus; só que caminha no escuro, sujeito a quedas e buracos, a dores e sofrimentos. Quando decide caminhar segurando nas mãos do Pai, não há mais como cair. Não existe, na verdade, caminho do mal. Todo caminho conduz a Deus. Cabe a nós decidir se queremos um caminho doloroso ou um caminho suave.

— Então, mestre, podemos concluir que o mal não existe? — perguntou um menino.

— Não existe mal; existe desconhecimento do bem. Mestre Fílon pediu que o menino se aproximasse de uma das janelas do salão dos neófitos. Um raio dourado de sol entrava por ali, projetando um retângulo de luz no chão do salão. Então, colocou o menino no meio daquela luz, de frente para o Sol, e perguntou:

—Consegue dar alguns passos à frente?

—Sim.

—Consegue ver o caminho por onde deve andar?

—Sim — tornou a responder o menino. Todos na sala observavam atentos, e mestre Fílon voltou a falar:

—Consegue ver com clareza o caminho a ser percorrido, pois há luz para iluminá-lo. Se caminhar sempre voltado para a luz, nunca se perderá, pois o caminho lhe será claro.

Colocou então o menino de costas para a luz do Sol e pediu que descrevesse o que via.

— Vejo minha sombra projetada no chão.

— Isso mesmo! Isso é o mal. Quando o homem caminha de costas para a luz, sempre contemplando a própria sombra, está no

caminho do mal. Portanto, o mal não é gerado por nenhum elemento externo ao ser humano. O mal que enfrentamos em nossas vidas é gerado por nossas próprias sombras e por nossa obstinação em dar as costas para a luz.

Era como se meus olhos se abrissem para o despertar de verdades que já estavam adormecidas dentro de mim. A explicação de mestre Fílon sobre o mal e o livre-arbítrio falara fundo ao meu coração e eu sentia crescer ainda mais a grande vontade de aprender.

Havia dentro de mim uma fonte inesgotável de perguntas a serem respondidas sobre os mais diversos assuntos. Se as origens do bem e do mal já estavam me fascinando, mal sabia eu o que me aguardava ao começar a compreender o mundo ao meu redor.

Capítulo 23

Em geral, o homem desconhece o próprio mundo que lhe serve de morada. Vivemos absortos nas lidas da matéria, sem percebermos que o universo inteiro ao nosso redor é muito maior e mais importante do que parece ser.

Comecei a perceber isso ao ser instruído na ciência da Astronomia. Mestre Manás costumava nos levar ao terraço nas noites claras e enlustradas para observarmos as estrelas. Ensinava o nome e a localização de cada uma das muitas constelações. Era um espetáculo sem descrição!

Naquela noite, a Lua estava em quarto crescente e mestre Manás apontou para uma estrela que se localizava logo à direita do astro prateado. Destacava-se das demais por seu brilho e pelo tamanho, quando comparada às demais.

— Aquela é a estrela que chamamos de Lua-Sol.¹ Nosso povo costuma dizer que nossos antepassados vieram de lá.

Houve um espanto geral entre os alunos. Todos, inclusive eu, custavam a compreender como alguém poderia ter vindo de um lugar tão distante. Mestre Manás começou a explicar:

— O que nos disseram os antigos? O que disse Moisés? Não está escrito que no princípio dos tempos os filhos de Deus vieram à Terra e habitaram com as filhas dos homens e com elas tiveram filhos?

Todos nós conhecíamos essa passagem das Escrituras. Mas nunca havíamos pensado na possibilidade de que os tais filhos de Deus tivessem vindo de uma estrela distante. Aliás, essa era sempre uma passagem obscura, até mesmo evitada pelos rabinos, que nunca a conseguiam explicar com clareza. Mas mestre Manás tinha uma boa explicação para ela.

— Quem de vocês pode me dizer qual o exato tamanho do Universo?

Silêncio.

— Nenhum de nós sabe dizer, não é mesmo?! E se o Universo criado por Deus é tão vasto, o que os faz pensar que só nosso mundo seja habitado? Qual a utilidade de tantas estrelas cintilantes sobre nossas cabeças? Será que o Pai as teria criado por mera diversão, somente como elemento decorativo na imensidão dos espaços? Creio que seria prepotência nossa afirmar isso, já que todas as coisas criadas que vemos têm alguma utilidade. Por que seria diferente com os astros?

Deus criou tantos mundos, que sequer podemos imaginar. Como sabem, a vida do espírito obedece a uma escala evolutiva gradativa, que vai de formas de vida mais primitivas às mais elevadas. É claro que formas de vida mais densas só poderiam sobreviver em ambientes mais grosseiros. E formas de vida mais sutis necessitam

¹Uma referência a Yênus.

de ambientes mais refinados. A sabedoria divina providenciou uma vastidão de mundos para abrigar a cada uma das inúmeras escalas de vida que estão em evolução. Quando os antigos se referiram aos filhos de Deus que vieram à Terra e habitaram com as filhas dos homens, estavam falando de irmãos mais velhos que nós. Irmãos que já estavam na jornada evolutiva a mais tempo, eram mais experientes e, portanto, poderiam auxiliar no desenvolvimento deste mundo. Vieram para cá para ensinar um pouco do que já tinham aprendido. Eram missionários, na verdade.

—E nós descendemos deles? — perguntou um aluno.

—Muitos de nós, sim. Muitos povos vieram habitar a Terra e se misturaram às pessoas daqui. Todos trouxeram algum tipo de contribuição.

—Mas como pode ser que tenham vindo de tão longe para cá? Vieram voando, como anjos? — perguntei.

—Meu filho, sei que vocês já aprenderam sobre a existência do espírito. Estes que vieram para cá assumiram um corpo como o nosso para passar uma existência aqui, mas seus espíritos eram de mundos mais elevados que o nosso. Não necessitaram de veículos ou asas que os trouxessem. Somente o corpo precisa desses artifícios. O espírito vai aonde quer somente com a força do pensamento.

—Quantos mundos existem que sejam habitados como o nosso, mestre Manás? — perguntou outro menino.

—Não sabemos ao certo, mas creio que a maioria deles. Eu soube que mestre Jesus, o Rabi da Galileia, um dia disse em suas pregações que havia muitas moradas na casa de seu Pai. Entendem o que isso quer dizer? A casa do Pai é todo o Universo. As muitas moradas são cada uma dessas estrelas que servem de abrigo a outros irmãos nossos espalhados pela vastidão do Infinito. Jesus não diria isso levianamente. Sabia muito bem o que estava falando. Naquele momento, ocorreu-me um pensamento maravilhoso que não pude guardar comigo.

— Então Jesus era um... um desses que vêm de outros mundos? Um missionário de mundos mais elevados?

Mestre Manás sorriu com os olhos cheios de ternura. Olhou para a imensidão estrelada sobre nossas cabeças e respirou fundo, como se trouxesse do fundo da mente lembranças muito queridas.

— Era o maior de todos esses missionários, o sublime missionário do amor! — disse ele, visivelmente emocionado. Ficamos calados, sentindo uma reverência estranha diante da simples menção do nome de Jesus. Depois de alguns minutos, um dos meninos quis saber:

— O senhor o conheceu, mestre?

Eu o vi poucas vezes, mas foram suficientes para falar fundo à minha alma. Jesus é o tipo de pessoa que não precisa de muito tempo para se fazer amado.

—Não mesmo... — murmurei comigo. Mestre Manás ouviu meu comentário e sorriu, dizendo logo a seguir:

—Mas há mais alguém aqui que conheceu Jesus e poderia nos falar.

Diante do olhar do mestre, todos olharam para mim, aguardando que eu dissesse algo. Aquele nó costumeiro me subiu à garganta, mas comecei a falar.

—Eu o vi somente uma vez. Foi o bastante. Foram só alguns minutos... os mais belos e decisivos da minha vida.

—Como ele era, Barrabás? — perguntou um garoto, com os olhos brilhantes de curiosidade.

—Bem... era alto e esguio, a pele queimada pelo sol, um porte magnífico. Só o encontrei no dia em que foi julgado e condenado. Estava esfarrapado, sujo, ferido e com as mãos atadas, mas conservava uma majestade sem igual. Seu olhar era o de um rei, não o de um prisioneiro. Nenhum tipo de humilhação humana poderia tirar dele a grandeza, a soberania.

—Você estava no julgamento dele? — voltou a indagar o curioso menino. A pergunta me deixou um pouco aflito. Novamente o velho incômodo de meu passado vinha à tona. Olhei para mestre

Manás, esperando que me socorresse e ele compreendeu meu desconcerto.

— Conte, Barrabás! Conte tudo o que aconteceu naquele dia. Senti minhas mãos geladas por ter de tocar novamente naquele assunto que eu preferia esquecer. Mas fui adiante.

— Eu estava lá, sim. Fui julgado junto com ele. Eu era um bandido, um malfeitor rebelado contra Roma. Já matei muitos soldados romanos, roubei, saqueei... um dia me prenderam. Quando fui julgado, percebi que havia mais um preso a quem o governador Pôncio Pilatos deveria julgar. Era Páscoa e, como é de costume, um prisioneiro deveria ser solto. Pilatos pediu que o povo escolhesse entre Jesus e eu.

Houve espanto entre os garotos.

— E escolheram soltar você? — perguntaram.

— Como veem, sim. Existiam muitas pessoas que preferiam ver Jesus morto. Eu era apenas mais um bandido, sem grande importância. Mas Jesus dizia coisas que mudavam o pensamento das pessoas, as tirava da ignorância. Isso é sempre perigoso; sempre fere os interesses de alguns que querem manter as pessoas dóceis para serem manipuladas. Jesus ensinava a ser livre. Muitos querem as multidões cativas. Por isso, preferiram soltar a mim.

—E por que ele mudou sua vida? Foi por causa disso que deixou de ser um bandido? — perguntou outro menino.

—Percebi o quanto minha vida era vazia, sem sentido. O que mais me impressionou foi o olhar que ele me lançou naquele instante... me olhou tão fundo nos olhos que eu tive a certeza de que podia ler a minha alma. Sabia quem eu era, sabia que eu merecia aquela condenação. Mesmo assim, me olhou com total compreensão, como se preferisse mesmo que eu escapasse dali com vida...

—Quem sabe não é exatamente isso, Barrabás?! Ele sabia que já tinha feito tudo aqui, já tinha findado sua missão. Já você... talvez ainda tenha muito a fazer. Ele devia saber disso. Era hora de sair de cena e você entrar.

Arrepiava-me ouvir essas coisas que eu ainda não compreendia. E antes que eu pretendesse perguntar alguma coisa, mestre Manás retomou o assunto de sua aula. Apontou para o céu estrelado e voltou a falar:

— Cada um desses pequeninos pontos de luz é um mundo que pode ser habitado por seres como nós. Cada um com seus anseios, suas qualidades e defeitos, todos buscando a felicidade e caminhando rumo à casa de nosso Pai. Todos somos iguais. Não importa se moramos aqui ou em qualquer outra parte do Universo. Deus ama a todos do mesmo modo e nos aguarda em seu reino celestial para nos receber como filhos. Temos ainda o privilégio de contar com irmãos mais velhos que se importam com nossa sorte, pois já percorreram os caminhos que hoje trilhamos. Já conhecedores da compaixão, deixam seus mundos mais elevados para enfrentar as torpezas desta nossa morada. São muitas vezes incompreendidos e perseguidos, já que a ignorância humana não consegue entender sua maneira de pensar e agir. Vejamos o que fizeram ao mestre Jesus. Poucos compreenderam o que nos ensinou. Aqueles que se consideram doutores da Lei foram os que mais se distanciaram desse entendimento. Estavam voltados somente para seus interesses egoístas; tão fascinados com suas pequenas invenções, que não conseguiam enxergar nada mais além. Sua visão é estreita como a de animais de montaria, que usam viseiras para não se distraírem com nada pelo caminho. Assim como Jesus foi enviado até nós como sublime instrutor da humanidade, muitos outros já estiveram aqui e muitos ainda hão de vir. Periodicamente a humanidade recebe esses instrutores para auxiliar no nosso mais rápido desenvolvimento. E, provavelmente, um dia vocês também serão instrutores em mundos que caminhem na mesma evolução em que estamos hoje. Aquele que já conhece o caminho, poderá sempre ser um bom guia.

—Seremos um dia como Jesus, mestre? — perguntei.

—Se desejarem de todo o coração e trabalharem por isso, corrigindo suas más inclinações e esforçando-se por serem verdadeiros filhos de Deus, certamente o serão. Era isso que Jesus queria: fazer-nos como ele; que fôssemos santos como santo é nosso Pai. Era seu desejo que todos compreendessem que são capazes disso. Mas ele sabia que nem todos estavam preparados. Os grandes e orgulhosos, os doutores e os poderosos não foram capazes de entendê-lo. Mas os simples, os humildes, os sinceros foram. E somente isso que ele precisa. Aquilo que o coração dos doutores não pôde sentir, encontrou espaço no coração de pescadores, das prostitutas e dos ladrões, pois nosso Deus é capaz de transformar pedras em arcanjos.

Capítulo 24

Foram muitas as lições aprendidas com os diversos mestres no Krmel. Aprendi sobre as estrelas e constelações, sobre mundos que eu nem imaginava existir, sobre meu próprio interior que eu desconhecia. Era realmente uma vida completamente nova a que eu estava levando. Aos poucos, fui me esquecendo do bandido Barrabás. Parecia ser em minha lembrança alguém que eu conhecera e que já tinha morrido havia muito tempo.

Eu meditava sobre todas essas coisas sentado sobre as muralhas do Krmel, num fim de tarde fresco e de céu alaranjado. Logo as primeiras estrelas iriam surgir. Fui então arrancado de meus devaneios por uma voz doce e familiar que me surpreendeu.

— Jesus! Jesus!

Demorei a compreender que a voz se reportava a mim, afinal ninguém me chamava daquela forma. Virei-me e logo entendi o inusitado chamado. Na entrada do pátio, parada com um sorriso encantador, estava Maria, a mãe de Jesus. Minhas pernas falsearam por um momento, mas quando a vi estender os braços para mim, como se eu fosse uma simples criança sua, não resisti. Corri até ela e joguei-me a seus pés banhado em lágrimas de alegria. Ela me afagou os cabelos de modo terno e disse:

— Como está você, meu filho?

Na verdade, eu nem pretendia responder. Meu contentamento era visível e dispensava palavras. Mas respondi pelo simples prazer de chamá-la de mãe.

— Muito bem, minha mãe, muito bem.

— Por que demorou a me atender?

— Não pensei que estivessem chamando por mim. Às vezes me esqueço que meu nome é o mesmo dele...

Maria ficou por alguns instantes me olhando, como se procurasse alguma coisa em especial. Era aquela velha atitude das mães que há muito não veem seus filhos e logo os vasculham à procura de algum vestígio de seu bem-estar. Depois de alguns minutos, sentou-se comigo sobre a muralha e contemplou a bela paisagem do pôr do sol que se podia ver dali.

— Noto que você está realmente muito bem. Está corado e com um semblante tranquilo. Aquela sua expressão de constante sobressalto desapareceu — comentou ela.

— Aqui a vida é tranquila e simples. Aos poucos, o velho Barrabás foi morrendo para dar lugar a um novo homem.

— Para dar lugar ao Jesus que existe em você?

— Quem sabe... — respondi desconcertado. — Mas como veio parar aqui? Veio sozinha?

— Não, João também veio. Está com os mestres e daqui a pouco virá vê-lo. Estamos partindo para Efeso.

— Vão para Éfeso? Por que tão longe? Estão sendo perseguidos?

—Sempre estamos, filho. Mas vamos para ajudar a muitos irmãos necessitados daquela cidade. Existe lá uma boa quantidade de leprosos desamparados e pretendemos prestar auxílio da forma que nos for possível. E João poderá pregar as boas novas de meu filho a eles.

—Tem tido notícias dos outros discípulos? E Pedro?

—Todos estão dispersos pelo mundo levando o Evangelho. Tiago foi para o norte, Pedro para Roma...

—Roma? Ele ficou louco? Foi meter-se no ninho das serpentes?

— As serpentes também precisam de compaixão, meu filho. O velho Barrabás ainda despontava de vez em quando. Era um impulso tão natural de egoísmo que quase passava despercebido, não fosse o hábito que eu tinha desenvolvido de vigiar-me constantemente. Esta era uma das principais lições aprendidas no Krmel: vigiar e orar sem cessar.

—Desculpe, eu ainda tenho muitas falhas. Temo pela segurança de Pedro.

—Todos nós tememos.

Ficamos ah vendo as estrelas despontarem no céu e a noite tomar conta de tudo ao nosso redor. O vento fresco começou a soprar e me trouxe a incômoda sensação de que nunca mais veria meu amigo Pedro novamente. Um aperto me estrangulava a garganta, sem que eu soubesse explicar a razão. Mas procurei recordar-me de tudo o que havia aprendido no Krmel a respeito da imortalidade do espírito. De fato, não existia separação entre os espíritos que realmente se amavam. Lancei aos céus o meu pedido de um dia voltar a ver Pedro, naquela ou em outra vida. Senti que minha prece seria atendida e me aquietei na esperança de que a vida nunca se extingue, mesmo com o fim do corpo que nos envolve. Eu e Pedro certamente nos encontraríamos novamente. Estávamos ligados por laços de afeição que morte alguma poderia romper.

Meus pensamentos foram interrompidos pela voz calorosa e amiga de João.

—Barrabás! Que bom vê-lo! Como está? — disse-me o rapaz, em meio a um abraço fraterno.

—Muito bem e muito feliz por ter vocês aqui.

Sáimos dali para o refeitório, onde ofereceram um jantar especial aos ilustres convidados. Por toda parte se notava a reverência com que Maria era tratada. Os mais idosos mestres faziam questão de beijar-lhe as mãos e pedir suas bênçãos. Reconheciam nela não somente a mãe de Jesus, mas a mãe de toda uma geração, a mãe de uma nova era de esperanças para nós e para toda a humanidade.

Para minha tristeza, João e Maria ficaram somente dois dias conosco. Tive pouco tempo para contar-lhes todas as coisas que estava aprendendo, mas foram dias muito significativos para mim. João contava sobre as fortes perseguições que estavam sofrendo todos os que demonstrassem simpatia por Jesus e suas palavras. Roma fazia de tudo para abafar as notícias de que ele estava vivo, e ameaçava com a morte àqueles que ousassem passar adiante os ensinamentos do mestre. Mas nada detinha

João ou os outros discípulos. Nenhum deles temia coisa alguma, nem mesmo a morte. Uma coragem sobrenatural tomara conta de suas almas. Esta coragem, que eu julgara ter outrora, agora me parecia distante, embora muito desejada. Tinha esperanças de que um dia eu também pudesse lançar-me de modo incondicional às causas de Jesus. Talvez estivesse tentando novamente apagar minha velha sensação de culpa, tentando fazer algo de útil para compensar minha sensação de inutilidade.

Depois de dois dias em nossa companhia, Maria e João partiram para Éfeso deixando meu coração com aquela velha impressão de que não voltaria a vê-los. Era como se minha família estivesse se desagregando pouco a pouco, sem que eu pudesse fazer coisa alguma para impedir.

Despedi-me dos dois com um abraço que parecia não ter fim. Antes de ir, Maria me fez uma importante recomendação:

— Nunca renegue seu nome, meu filho. Seu nome é Jesus Barrabás, e isso não ocorreu por acaso. Deus tem um propósito para tudo neste mundo. Não se envergonhe nem de seu nome nem de sua história. Serão muito úteis para sua jornada.

Pousou-me um beijo na testa e partiu para longe de meus olhos. Nunca mais os vi novamente. Mas sempre estiveram presentes em tudo o que fiz.

Capítulo 25

Três anos depois de ter ingressado no Krmel, havia chegado o tempo de receber minha iniciação. Eu não fazia a menor ideia do que aconteceria nessa cerimônia; ninguém nos dava o menor detalhe.

No dia marcado para a iniciação, fui levado logo cedo a um lugar que eu desconhecia. Vendaram meus olhos e me conduziram por muitos corredores em total silêncio. Senti que o ar ficava cada vez mais frio e úmido; por isso, deduzi que estávamos descendo. Paramos finalmente. Sem tirar minha venda, mestre Manás deu-me as instruções que eu tanto aguardava:

— Você vai passar por um pequeno teste, Barrabás. É preciso que se lembre de tudo o que aprendeu aqui durante esses anos. Isso será fundamental para seu sucesso no teste. É preciso que prove a si mesmo que tem total domínio de suas emoções, que tem total confiança em seu Criador e que sabe acessá-Lo, mesmo nos momentos de maior dificuldade. Entrará agora em uma sala de onde só poderá sair usando sua sabedoria. É só isso que tenho a lhe dizer.

Senti que uma porta se abriu diante de mim e fui conduzido para dentro do recinto desconhecido. Fui orientado a só tirar a venda depois que a porta fosse fechada. Tão logo ouvi o ruído dos gonzos, arranquei a venda e verifiquei que nada havia mudado. A escuridão ao meu redor era tão densa, que eu tinha a sensação de ainda estar vendado. Percebi que teria de usar meu tato para achar a saída. Comecei a deslizar as mãos pelas paredes e senti que o recinto tinha forma circular; as paredes eram em pedra lisa e fria.

Descrevi um movimento em sentido horário, a partir da porta de entrada, e fui apalpando as paredes. Para meu desespero, completei a volta mas não encontrei saída alguma. Parei e tentei raciocinar. Lembrei das recomendações de mestre Manás e comecei a colocar em prática meus aprendizados. Primeiramente, era preciso manter a calma para que o raciocínio claro não fosse prejudicado.

Novamente percorri as paredes em busca de alguma falha ou fenda que pudesse ocultar uma saída. Nada encontrei. Tentei de novo com mais calma e mais lentamente, e nada!

Parti então para o chão, procurando alguma possível abertura de alçapão. Novamente nada obtive. Todo o recinto parecia escavado em rocha bruta numa única peça, sem emendas nem falhas. Comecei a ficar preocupado e meu equilíbrio emocional começou a desfalecer.

Sentei-me no chão e procurei respirar fundo e pausadamente. A escuridão profunda começava a me incomodar; tinha a sensação de que sufocava. Tive medo de não conseguir sair dali. Então rastejei em direção à porta e comecei a verificar se havia algum meio de abri-la. Estava trancada e não se movia.

Perdi a noção do tempo que se passava. Incontáveis vezes apalpei as paredes e o chão em busca de uma saída, até que todo o meu equilíbrio se acabasse. A sensação claustrofóbica me desesperava e decidi desistir da prova. Arremessei-me contra a porta e bati com todas as minhas forças. Gritei para que alguém me libertasse, mas não ouvi uma só resposta. Tinham ido embora. Eu estava sozinho

ali. Meu desespero era absurdo. Minha impressão era de estar sepultado vivo e comecei a chorar como um menino tolo. Simplesmente não conseguia raciocinar mais. Nada do que eu tinha aprendido até ah parecia ter utilidade naquele instante. Então comecei a rezar. Implorei aos céus para que alguma ajuda me fosse dada; pedi por socorro e clemência.

Já exausto e sem forças, deitei no chão gelado com o rosto colado à pedra fria, esperando que algo acontecesse em meu favor. Foram minutos intermináveis. Até que uma brisa quase imperceptível tocou meu rosto. Senti que uma corrente de ar muito suave entrava por algum lugar. Fui rastejando, tentando encontrar sua origem. Minhas esperanças se renovaram e coloquei-me novamente de pé, mas notei que a corrente de ar desaparecera. Com as mãos apoiadas à parede e temendo um novo fracasso, fui escorregando e procurando pela corrente de ar até que fiquei de joelhos. Pude senti-la novamente. Vinha da minha esquerda. Fui me deslocando de joelhos, com as mãos apoiadas na parede de pedra, até que... simplesmente a parede sumiu.

Caí com o rosto no chão e só então entendi o que estava acontecendo. Toquei em tudo ao meu redor e vi que agora estava num pequeno túnel com cerca de oitenta centímetros de altura e uns sessenta de largura. Era preciso caminhar engatinhando para se locomover ali. Aos poucos, vi que uma claridade ia surgindo à minha frente. Eu tentava ir cada vez mais rápido e minhas esperanças haviam se renovado. Finalmente, encontrei a saída.

Cheguei a outro salão, desta vez muito claro, onde encontrei mestre Manás, que há muito me esperava.

—Finalmente! — disse ele.

—Desculpe a demora, mestre!

Eu estava exausto. Mestre Manás me convidou a sentar-me e a beber um pouco de água fresca. Depois começou a indagar:

—Teve dificuldades em encontrar a saída?

—Muitas. É difícil manter o raciocínio claro em situações de pressão como esta. Cheguei a me desesperar em alguns momentos.

—Sentiu medo?

—Sim, muito.

—Perceba que esta foi sua grande lição aqui, Barrabás. A saída estava lá o tempo todo, mas você não a encontrava por que estava na posição errada. Quando tudo parece sem saída, a humildade é o melhor remédio. A saída só podia ser encontrada por um homem que estivesse ajoelhado. O medo impede o ser humano de perceber que as respostas estão sempre dentro de si. Basta acalmar a mente para acessá-las. E lembre-se que a saída pode parecer estreita e sacrificante, mas a perseverança leva à luz.

As coisas pareciam terrivelmente claras depois da explicação de mestre Manás. Percebi que realmente não conseguimos ouvir a voz de Deus, que fala em nosso interior, quando as inúmeras vozes de nossa própria mente gritam desesperadamente. O silêncio interno dá lugar àquela sintonia misteriosa com o Alto, que só é possível quando a alma está em paz.

Cada um de meus colegas neófitos havia passado por provas semelhantes à minha, devidamente preparadas para suas necessidades e seus medos. Cada um de nós havia aprendido uma importante lição que levaríamos para o resto de nossas existências.

Na noite daquele mesmo dia fomos conduzidos ao grande salão do Krmel. Estava lotado. Muitos familiares dos neófitos estavam lá. Eu era o único que não tinha ninguém. Lembrei-me de minha doce Leah e desejei que ela pudesse ver quantas coisas eu tinha aprendido ali; como havia me transformado em alguém um pouco melhor; como aquela revolta constante havia se esvanecido do meu peito... De certa forma, sentia que ela estava ali. Sua presença me confortava.

Na cerimônia de iniciação fizemos o juramento de jamais usar o aprendizado adquirido em proveito próprio, de modo egoísta, para obter vantagens financeiras, para sobrepujar os mais fracos ou para

causar danos a alguém. Juramos também manter o segredo sobre as rotinas do Krmel, sobre muitos costumes essênios e sobre a maior parte de tudo o que sabíamos.

Depois disso, cada um de nós foi chamado diante dos mestres que haviam nos instruído e recebemos, de cada um deles, um objeto específico e um conselho de sabedoria.

Foi assim que ganhei, com grande alegria, minha primeira túnica branca, o colar com cento e oito contas, alguns pergaminhos com ensinamentos imortais, alguns frascos com unguentos preciosos e um estranho presente que mestre Fílon me entregou, mas com a condição de que eu só o abrisse quando estivesse a sós.

Desse modo, fomos recebidos entre os essênios como autênticos terapeutas. E eu, o bandido Barrabás, me tornara então um benfeitor.

Capítulo 26

Terminada a cerimônia, eu estava exausto e com muito sono. Mas não resisti à curiosidade de abrir o presente que mestre Fílon me dera. Desatei os nós da fina corda que atava o rude embrulho, envolto num lenço já gasto pelo tempo. Abri e me deparei com um par de sandálias já um pouco surradas. A princípio não compreendi. Notei que havia um pequeno pergaminho junto às sandálias. Ao lê-lo, quase não pude acreditar. Era uma carta que dizia o seguinte:

Caro irmão Barrabás,

Que hoje se descortine diante de ti um novo e iluminado caminho. Existirão pedras, é certo! Por isso deves estar bem calçado e protegido contra as feridas que a vida pode proporcionar. Não conheço melhor proteção que caminhar ao lado de nosso amado e saudoso Jesus. Por muito tempo, tivemos o prazer de caminhar ao lado dele. Não tiveste essa oportunidade. No entanto, poderás caminhar com as sandálias calçadas por ele em seus últimos dias aqui na Terra. Eis aí essa pequena e valiosa herança que destinamos a ti com muito carinho. Caminhe sobre os passos do mestre e jamais te perderás! Graça e paz!

Teus irmãos, João e Maria.

Tomei em minhas mãos aquelas sandálias tão simples, como se fossem as mais valiosas jóias. Minhas lágrimas eram de extrema alegria e gratidão. Agora entendia a breve visita que meus dois amigos haviam feito a mim, antes de ir para Éfeso. Certamente confiaram ao mestre Fílon aquele presente que me fora entregue na cerimônia de iniciação.

Guardei as sandálias com o mais terno sentimento e adormeci na serenidade daqueles que vivem a vida em sua plenitude mais absoluta.

Havia uma realidade a encarar após a cerimônia de iniciação. Meus jovens colegas daqueles anos de aprendizado seguiram com suas famílias de volta às suas regiões natais, onde se tornariam multiplicadores dos conhecimentos que receberam ali. Prestariam serviços como curadores, conselheiros e professores. E eu? Eu ainda não descobrira o que faria de minha vida a partir dali.

Depois de me despedir de todos os colegas, vi as dependências colossais do Krmel ficarem vazias e tristes. O vento soprava uivante nas janelas dos aposentos vazios que aguardavam a chegada de outros neófitos.

Fiquei dias vagando pelos corredores do Krmel tentando encontrar um rumo para minha vida. Em momento algum fui incomodado ou

cochado pelos meus mestres a respeito de meus planos futuros. Mas, depois de muito pensar, concluí que precisava de algum conselho para encontrar uma saída.

Procurei mestre Fílon num final de tarde e fui encontrá-lo no pátio de observação astrológica. Estava apenas contemplando o pôr do sol de maneira silenciosa. Coloquei-me ao lado dele e não ousei dizer uma só palavra. O espetáculo era tão bonito, tão sagrado, que não me atrevi a interromper momento tão sublime. Depois de os últimos raios solares terem se despedido com todas as honras, ele me olhou com um sorriso sereno, a espera de alguma palavra minha.

—Preciso de um conselho, mestre.

—Conselho? A respeito de quê?

— Não sei o que devo fazer agora. Tenho o conhecimento que sempre desejei, quero dividi-lo com o máximo de pessoas, mas não sei para onde ir. Não tenho família, não tenho amigos, não tenho para onde voltar...

Mestre Fílon ficou pensativo e silencioso. Depois de alguns momentos, começou a falar muito calmamente:

— Com certeza, o conhecimento que adquiriu aqui não terá nenhuma utilidade se não for colocado à disposição da humanidade. Sua vida pregressa o transformou num homem solitário, Barrabás. Aíás vejo isso como algo positivo. Muitos têm o sincero desejo de sair pelo mundo promovendo o bem e ajudando aos que mais precisam. No entanto, a maioria tem aos seus cuidados família, filhos, o que os impede de realizar esse trabalho. Mas você, sendo sozinho, poderá fazer da humanidade sua família. Transforme cada desvalido e doente em seu irmão; cada criança abandonada em filho; cada velho desamparado em pai e mãe; cada viúva pobre em sua esposa. Tome-os como sua família e transforme o mundo em seu lar.

Ouvi as palavras de mestre Fílon sem dizer nada. Ouvi-as e gravei-as em minha mente. Passei mais alguns dias remoendo

pensamentos e finalmente tomei uma decisão. Arrumei meus poucos pertences, vesti minha túnica branca, coloquei no pescoço o colar de cento e oito contas, mas ainda não me senti um autêntico terapeuta. Algo faltava, e eu sabia o que era.

Procurei entre minhas coisas o embrulho que estava guardado desde a noite da iniciação e calcei as sandálias de Jesus. Senti como se uma coragem inexplicável tomasse conta de mim. Agora sim, estava pronto para partir.

Fui me despedir dos meus mestres e de todos os que trabalhavam no Krmel. Mestre Manás fez questão de ressaltar que as portas do Krmel estariam sempre abertas para mim. Isso me confortava.

Parti numa manhã clara e ensolarada e tomei o rumo da velha Jerusalém. Se eu precisava iniciar meu trabalho, não havia local melhor. Onde eu poderia encontrar maior número de desvalidos desesperançosos? Eu conhecia bem os guetos daquela cidade.

Durante minha viagem, comecei a entender por que um essênio nunca precisava de dinheiro. Em todos os lugares por onde eu passava encontrava abrigo e comida oferecidos com muita hospitalidade. Em troca, sempre dispunha de meus serviços como curador, ministrava remédios e xaropes aos doentes, oferecia palavras de consolo aos velhos, contava histórias às crianças...

Fiz meu caminho sem pressa até chegar aos portões da agitada Jerusalém. Logo na entrada, um par de soldados romanos guarneciam os portões com ar de costumeira arrogância. Fazia muito tempo que eu não via um soldado romano. Foi estranha a sensação que tive. Meu coração já não disparava enlouquecido de vontade de esganá-los à primeira oportunidade. Cheguei a rir de mim mesmo. Parei e fiquei olhando para eles por alguns minutos. Procurei definir o que sentia e cheguei à conclusão que agora eu realmente lamentava pela vida daqueles homens. Era uma pena tanto desperdício de energia, tanta ignorância... Mas meus pensamentos foram logo interrompidos quando um deles percebeu o meu olhar e indagou:

— O que está olhando, essênio? O que está fazendo parado aí? — perguntou-me com rispidez.

— Nada, senhor. Só estava descansando um pouco.

Continuei meu caminho para dentro da cidade e fiquei satisfeito por ter sido chamado de essênio. Da última vez em que estivera ali, o título que me deram era bem outro.

Não procurei hospedaria. Fui direto a um lugar de onde minha mente não se desviara por todo o caminho. Fui para os sepulcros fora da cidade. A paisagem era a mesma triste e erma. Caminhei por entre as pedras sem encontrar ninguém. Já estava a ponto de desistir de minha procura, quando fui surpreendido pela velha e calorosa recepção zelote. Um homem saltou de trás de uma pedra com impressionante agilidade e em um segundo já tinha uma faca em meu pescoço.

— Quem é você e o que quer? — perguntou.

— Calma, amigo! Venho em paz. Meu nome é Barrabás e já fui um zelote.

O homem retirou a faca que me ameaçava e me olhou espantado.

—Barrabás? Está mentindo! Você é um essênio!

—Hoje sou, mas já fui um de vocês. Estou à procura de Simão. Ao ouvir o nome de Simão, o homem demonstrou alguma tristeza.

— Simão está preso.

Meu coração doeu ao ouvir isso. Era uma notícia que eu não esperava nem desejava.

— Por favor, leve-me aos outros zelotes. Quero apenas conversar — pedi.

Depois de pensar um pouco, ele concordou. Fui levado ao esconderijo onde estavam os outros e encontrei ainda alguns velhos companheiros de luta que me receberam com grande espanto por causa de minha nova aparência. Muitos diziam que eu parecia estar mais jovem. Creio que a vida no Krmel, a paz de espírito e os sentimentos elevados realmente provocam uma renovação até

mesmo na fisionomia de uma pessoa. Eu não era em nada o mesmo homem que tinha saído dali.

Contaram-me todos os detalhes do que acontecera durante os anos em que estive ausente: os zelotes tinham sofrido muitas baixas; Roma acirrara suas ofensivas contra qualquer tipo de movimento libertário; e a perseguição aos cristãos, considerados agitadores, também era intensa.

Desde meu afastamento, Simão tinha assumido a liderança dos zelotes. Suas atitudes precipitadas jogaram os homens em diversas emboscadas dos romanos e muitos foram presos. Simão se tornara o bandido mais procurado de Israel. Até nisso ocupara o meu lugar; fato que eu muito lastimava. Depois de muito resistir, acabou caindo nas garras da velha águia. Estava preso e ninguém sabia se ainda estava vivo, se havia resistido às torturas diárias. Mas era certo que César iria puni-lo de modo exemplar, como pretendia fazer comigo.

Permaneci com os zelotes e aproveitei para cuidar de alguns feridos. Apreciaram muito minhas habilidades de terapeuta e eu aproveitei para colocá-los a pensar:

—Digam-me, não sou bem mais útil agora do que antes? Alguns sorriram e até zombaram de mim dizendo:

—Barrabás virou um homem santo!

Não me importei com as zombarias. Há muito eu já havia deixado de me importar com as pequenas infantilidades dos seres humanos.

Capítulo 27

Durante os dias em que estive com os zelotes, planejei um modo de saber notícias de Simão. Fui ao cárcere onde eu tinha sido preso e procurei os guardas, torcendo para que nenhum deles pudesse me reconhecer. Eu, é claro, jamais havia esquecido o rosto de nenhum deles. Mas, por sorte, percebi que eles não se lembravam de mim.

— O que quer aqui, homem? — perguntou-me o carcereiro.

— Quero saber se há prisioneiros precisando de cuidados. Sou um terapeuta. Minha missão é aliviar os que sofrem.

—E médico?

—Posso dizer que sim, senhor.

—Como se chama e de onde vem?

Engoli seco diante dessa pergunta, e só tive poucos segundos para me lembrar do modo como Maria sempre me chamava. Então respondi:

— Jesus, meu nome é Jesus. E venho da região do Mar Morto. Na verdade, Jesus era um nome comum e o meu verdadeiro nome. Eu esperava que isso me ajudasse naquele instante.

O guarda pensou um pouco e foi consultar outro companheiro. Depois voltou me dando permissão para entrar.

—Quero que cuide de um de nossos homens que está com febre. Quanto vai nos cobrar por isso?

—Nada, senhor. Quero apenas que me deixe cuidar também dos prisioneiros.

— Está bem, venha!

Cuidei do soldado que tinha febre e depois fui conduzido às celas. Aquele lugar me despertava as piores lembranças. Tentei dissimular meu horror ao ver aquele amontoado de homens esqueléticos, maltrapilhos e doentes. Alguns deles já eram bastante idosos e simplesmente tinham sido esquecidos naquelas masmorras, como trastes que já não tinham utilidade.

Cuidei de um a um, até que me abriram a última cela. Era onde estava Simão. Estava em estado lastimável. Alinhadas mãos tremiam e eu temia que ele me revelasse diante dos carcereiros. Mas estava tão ferido, que mal podia enxergar. Seus olhos estavam inchados de tanto apanhar, as costas cobertas pelas marcas do chicote, os pulsos feridos pelos grilhões.

O carcereiro permanecia parado à entrada da cela enquanto eu examinava Simão.

—Ele está muito ferido. Meu trabalho vai demorar mais com ele — disse, na esperança de que o carcereiro me deixasse um minuto a sós com Simão. Depois de algum tempo, funcionou. O soldado se afastou e pude conversar com ele.

—Simão, sou eu! Não diga nada, por favor — sussurrei.

—Quem é você? Conheço sua voz, mas de onde?

—Sou eu, Barrabás. Os guardas não me reconheceram e pude cuidar de você.

Simão agarrou-se à minha túnica, como se não acreditasse que eu estava ah.

—É você, Barrabás? Você está de volta? Veio me ajudar?

—Vim ajudá-lo, sim. Mas ninguém pode saber quem sou.

—E por isso que está disfarçado assim, com essa roupa branca?

—Não, Simão. Não estou disfarçado. Sou um terapeuta agora. Passei os últimos anos estudando num monasterio essênio.

—Não acredito! Você continua com essa tolice? Pensei que viesse para me ajudar a sair daqui, para liderar nossos homens de novo.

—Não. Mas posso ajudá-lo de outras formas. Posso curar essas feridas, aliviar suas dores...

—Para o inferno com seus unguentos! — disse ele, afastando-se de mim.

—Simão, fale baixo! Deixe-me ajudá-lo como posso!

—Quero sair daqui, é isso o que quero! Depois que eu sair, esses romanos é que vão precisar dos seus cuidados.

Lamentei que meu amigo ainda continuasse com seus velhos sentimentos tão agressivos.

— Deixe-me ajudá-lo! Em primeiro lugar, preciso tratar dessas feridas. Depois, quem sabe eu possa conseguir sua liberdade.

Simão se interessou. Aproximou-se e permitiu que eu fizesse os curativos necessários.

— Como você poderia me tirar aqui? Planeja invadir as masmorras com os outros homens? — indagou.

Cheguei a rir da sugestão de Simão. A ideia de invadir as masmorras me parecia tão absurda, que me provocava risos e também preocupação. As vezes, eu tinha a impressão de que Simão já não tinha o domínio de seus próprios pensamentos. Suas palavras pareciam desprovidas de razão, de discernimento.

—Não, isso não está nos meus planos. Mas posso tentar outros meios. Existem possibilidades mais pacíficas e mais seguras.

—Não me diga que também aprendeu a fazer milagres como aquele carpinteiro que morreu na cruz que deveria ser sua?

—Não zombe das coisas que não conhece, Simão! Se você me prometer que vai modificar sua vida, posso tentar conseguir sua liberdade.

Simão mostrou-se arisco novamente.

—Modificar como?

—De que adiantaria conseguir sua liberdade, se você continuasse a afrontar Roma dessa maneira. Acabaria preso novamente, mais dia menos dia.

—Então a condição é que eu abandone os zelotes?

—Não digo que você os abandone. Mas é possível lutar pelos seus ideais de outra forma, sem transgredir tantas leis. Isso dá a César motivos suficientes para querer vê-lo morto. Se você lutar sem agredir o ego romano e suas leis, poderá manter-se vivo. Eles não terão do que acusá-lo.

—Não foi exatamente isso que fez o tal Jesus? — perguntou-me com sarcasmo.

—Havia outras coisas envolvidas. Você aceita minha proposta? Está disposto a mudar de vida para sair daqui?

—Está bem...

—Dê-me sua palavra!

—Certo... se você conseguir minha liberdade, prometo que vou reavaliar minha vida.

—Ótimo! Isso já é um bom começo.

Terminei meu trabalho nas masmorras e saí de lá com uma grande esperança no coração. Salvar a vida de meu amigo Simão era o meu maior desejo naquele momento. E eu pretendia me empenhar de todas as formas para conseguir vê-lo livre.

Capítulo 28

Não contei aos zelotes o que eu pretendia fazer. Mas de qualquer forma, todos ficaram muito felizes com a possibilidade de ter Simão de volta. Eu havia dito apenas que pretendia tentar libertá-lo recorrendo a uma pessoa influente que conhecia. Embora insistissem muito, achei conveniente manter o segredo a respeito do meu plano. E tratei logo de pô-lo em prática; afinal, o tempo corria contra nós.

Enchi-me de coragem e saí um dia, cedo, rumo ao palácio de Pôncio Pilatos. Obviamente, tive grandes dificuldades em conseguir uma audiência com o governador. Os guardas não me davam ouvidos. Então, pedi para falar com o capitão da guarda. Depois de muito insistir, ele veio me atender muito irritado.

—O que quer aqui, homem? Pilatos não tem tempo para conversas ou assuntos pequenos.

—Sei disso, meu senhor. Mas meu assunto é realmente importante. Diga ao governador que quem está aqui para falar com ele é Barrabás, o Bandido, ex-zelote e hoje terapeuta essênio. O que tenho a dizer pode poupá-lo de muitos aborrecimentos.

O capitão ficou me olhando assustado. Parecia não acreditar que eu era mesmo Barrabás. Depois de pensar um pouco, disse que consultaria Pilatos.

Voltou com a permissão que eu precisava e conduziu-me até o governador. Pilatos me olhava com expressão curiosa. Analisou meu rosto, talvez buscando alguns traços do velho Barrabás que ele conheceria.

—Você é mesmo Barrabás, o Bandido?— perguntou.

—Sim. Sou aquele que foi julgado com Jesus de Nazaré há alguns anos. Fui liberto mediante o costume da Páscoa.

—Lembro-me bem. Lamentável que essa gente ignorante tenha escolhido você e não ele. Nunca pude compreender...

—Eu mesmo não compreendo, senhor. Mas tratei de aproveitar bem essa segunda chance que a vida me deu. Estou aqui para interceder em favor de um prisioneiro que se encontra nas masmorras. Chama-se Simão e é um velho companheiro dos meus tempos de zelote. Está muito ferido, senhor. Já tem certa idade e temo que não resista à prisão.

—Que quer que eu faça? Este Simão tem aterrorizado Jerusalém e, segundo me consta, inspira-se exatamente em você. Tornou-se um substituto seu depois que desapareceu daqui. Onde esteve durante esses anos?

— Estive num monastério essênio. Decidi dedicar minha vida ao auxílio aos necessitados. Confesso que o dia de meu julgamento com Jesus foi decisivo para minha mudança de vida. Saiba que hoje não comungo mais dos ideais zelotes. Acredito que o caminho pacífico seja o melhor para todos nós, romanos ou judeus.

Pilatos levantou-se de seu trono e caminhou ao meu redor examinando minhas vestes brancas e procurando em meu semblante os traços antigos do velho Barrabás.

—E o que tenho a ver com esse seu amigo zelote? Se está preso, certamente fez por merecer — disse rispidamente.

—Concordo, meu senhor. Mas estive nas masmorras exercendo meu ofício de terapeuta e constatei que Simão já não pode oferecer perigo a ninguém. Está envelhecido, doente e fraco. Além do mais, fiz um trato com ele. Prometi que se ele se decidisse a mudar de vida, viria pedir-lhe misericórdia para ele. Peço-lhe apenas que poupe a vida dele.

—Fez um trato com ele? E quem lhe garante que cumprirá? Não existem tratos com os zelotes. São serpentes venenosas!

—Mas, senhor, eu mesmo sou um exemplo de que um homem pode mudar. Sei que já fui muito mais agressivo que Simão. No entanto, hoje sou uma nova criatura. Penso que Simão também pode ter a mesma chance. Comprometo-me a levá-lo para bem longe daqui, se o senhor puder libertá-lo. Não lhe causará mais incômodos.

— Sua palavra não basta, Barrabás. Suas boas intenções podem ser verdadeiras, mas nada garante que seu amigo vá seguir os mesmos passos. Não posso fazer nada por ele. Saiba que Roma não perdoa subversivos e agitadores. A pena para eles é a cruz.

Senti um aperto no coração diante dessa última palavra. A simples possibilidade de que Simão fosse crucificado me causava pânico. Era como reviver os terrores da crucificação de Jesus, morto em meu lugar. O que eu mais queria era evitar mais uma morte na infame cruz. Embora soubesse que Simão cometera muitos delitos, ninguém merecia um fim tão trágico. Eu conhecia Simão e alimentava em meu coração a esperança de que suas boas qualidades pudessem superar seus atos desastrosos. Eu só precisava de uma chance de mostrar a ele uma vida diferente. Por isso insisti.

—Senhor governador, peço ao menos que pense nessa possibilidade. Tome como exemplo meu próprio caso. Estou disposto a

assumir toda a responsabilidade por Simão. Se libertá-lo, fico responsável pelos seus atos e prometo que não voltará a promover rebelhões contra Roma.

—Está se responsabilizando por ele? E um risco muito grande. Está mesmo disposto a assumir? Se falhar, poderei prender você também, como cúmplice de Simão.

— Estou disposto a arriscar, senhor.

Pilatos me olhou bem nos olhos com ar desafiador.

— E corajoso. Nisso não mudou nada. Deve ter mesmo grande estima por este Simão, para aceitar arriscar-se tanto por ele.

— Só quero que ele tenha a mesma chance que tive.

— Bem, admiro sua atitude. No entanto, a decisão não cabe a mim. Somente o próprio César pode conceder misericórdia a um prisioneiro como ele. Ou então, podemos aguardar até a Páscoa e colocá-lo diante do povo, como fiz com você e Jesus. Se o povo o escolher...

— A Páscoa está distante. Temo que não resista aos maus tratos da masmorra. Preciso de sua intercessão, governador! Pilatos tornou a sentar-se com ar cansado.

—Está certo. Não lhe prometo nada. Apenas vou enviar um pedido de misericórdia a César. Contarei a ele sobre o compromisso que está assumindo comigo. Mas terei de acatar a decisão dele.

—Já é suficiente, senhor! Tenho esperança de que César seja compassivo. Agradeço sua atenção e seu empenho.

Eu já me preparava para sair do salão, quando resolvi pedir mais um favor a Pilatos.

— Se me permite, gostaria de obter sua permissão para cuidar dos ferimentos de Simão. Cuidarei também dos outros prisioneiros. E o meu ofício.

Pilatos pensou um pouco e depois respondeu:

— Está bem. Tem minha permissão. Quero ver até onde vai essa sua mudança, Barrabás.

Pilatos pronunciou meu nome com certo deboche. Parecia duvidar de que eu pudesse mesmo ser um homem diferente agora. Eu não me importava com isso. Meu coração já se renovava com a promessa de que Pilatos intercederia em favor de Simão. Já era um grande passo.

No dia seguinte, voltei à masmorra para cuidar de Simão e dos outros presos. Ao chegar, fui recebido por um dos guardas com olhar assustado.

— Vim cuidar dos prisioneiros. Tenho permissão de Pilatos. — eu disse.

O guarda simplesmente me abriu passagem, sem nem mesmo hesitar. Outros guardas que estavam na masmorra vieram me olhar, como se eu fosse uma aberração. Todos pareciam espantados com minha presença. Finalmente, um deles se encorajou a perguntar:

—Você é mesmo Barrabás?

—Sou — respondi, sob olhares espantados.

— Recebemos uma ordem de Pilatos dizendo que você viria cuidar dos presos. É o mesmo Barrabás, o bandido que aterrorizava Jerusalém há alguns anos?

— Sou eu mesmo.

Um dos guardas aproximou-se bastante de mim e olhava atentamente o meu rosto- Depois afirmou:

— É mesmo Barrabás! Lembro-me dele quando estive preso aqui há alguns anos. Está mudado, é certo. Mas é sim Barrabás.

Limitei-me a sorrir para os guardas e tratei de ir fazer meu trabalho. Cuidei dos feridos e doentes e fui recebido com ansiedade por Simão.

—Então, como pretende me tirar daqui? — perguntou ele.

—Acalme-se! Sua liberdade já está sendo negociada.

—Negociada? Com quem?

Eu conhecia bem meu amigo Simão. Se eu dissesse que havia pedido clemência ao próprio César, ele seria capaz de rejeitar sua

grande oportunidade por simples orgulho. Compreendi que era melhor guardar segredo.

—Não se preocupe com esses detalhes, Simão. Essa parte cabe a mim. Apenas lhe garanto que estou fazendo tudo para que saia daqui em breve. Confie em mim!

Vi um brilho de esperança viva nos olhos de Simão.

— Eu confio, Barrabás. Sempre confiei em você. Sei que vai me tirar daqui.

Percebi ali a grande responsabilidade que pesava sobre meus ombros. Eu não podia falhar. A vida de Simão dependia disso.

Capítulo 29

Durante vários dias compareci às masmorras para cuidar dos presos e de Simão. Exercitei minha paciência com as constantes perguntas dele a respeito de sua possível liberdade. Estava ansioso demais, beirava o desespero. Eu não lhe tirava a razão, mas a sua insistência me causava uma sensação estranha no peito. Um calafrio me percorria o corpo inteiro quando ele perguntava quando sairia dali. Um mau presságio se apoderava do meu coração.

Certa noite, tive pesadelos horríveis com Simão. Ouvia seus gritos desesperados chamando por mim, mas não conseguia alcançá-lo. Acordei trêmulo e com um dos zelotes me sacudindo pelos ombros.

—Barrabás, acorde! Levante depressa!!

—O que foi? O que está acontecendo? — perguntei, já me vestindo e prevendo uma situação de emergência.

—É Simão! Dizem que César ordenou sua crucificação para hoje cedo.

Não ouvi mais nada. Saí em disparada rumo ao Monte Gólgota, seguido por vários zelotes. Durante todo o caminho eu ia rogando a Deus que poupasse meu amigo da cruel punição e desse a ele a mesma chance que havia sido concedida a mim. Mas meu coração doía de angústia. Meu medo era um tanto egoísta. Temia mais por mim do que por ele. Eu tinha consciência de que Simão não era inocente e que mereceria a punição que lhe fosse destinada. Em meu íntimo, sabia que ele não desejava mudar de vida e de atitudes. Mas minha sensação de responsabilidade por ele me fazia querer salvá-lo a qualquer custo. Era clara a minha influência no comportamento de Simão. Ele havia realmente se tornado uma espécie de sucessor de minha liderança, desde que me afastei dos zelotes. Por isso, eu tinha que salvá-lo de sua própria loucura antes que fosse tarde demais.

Já não havia mais tempo. Minhas esperanças se acabaram ali. Quando cheguei ao Gólgota encontrei Simão pendendo em uma cruz ensanguentada. Nossos olhos se cruzaram imediatamente numa dor insuportável. Simão gastava suas últimas forças gritando o meu nome em desespero. E eu, embora os zelotes tentassem me impedir, rompi o cerco dos guardas que executavam a sentença, sem me lembrar de minha própria segurança.

Naquele momento, me esqueci de todos os ensinamentos que recebi no Krmel. Deixei de lado todo o domínio das emoções que eu havia conquistado naqueles anos de estudo. Lancei-me furioso contra a cruz que prendia meu amigo e tentei retirar dos guardas qualquer ferramenta que pudesse arrancar os cravos que transpassavam os pés e as mãos de Simão. Gritei, ordenei que lhe soltassem, esmurrei a cruz maldita até perder as forças. Senti minha visão se turvar e uma falta de ar insuportável estrangular minhas entranhas. Depois disso, tudo se apagou. Senti o chão girar ao meu redor e só me lembro do eco da voz de Simão gritando o meu nome, clamando por socorro.

Quando acordei, vi rostos apreensivos ao meu redor. Os zelotes tinham me levado de volta aos sepulcros, onde fiquei desacordado por horas. Chegaram a pensar que eu estivesse morto. Senti fraqueza e muita falta de ar. Trouxeram-me uma sopa, mas quase não consegui comer nada. Estava estático e sem forças. Só depois de muito tempo tive coragem de perguntar por Simão.

— Já o sepultamos aqui perto, Barrabás.

Não senti ânimo para dizer nada. Prostrei-me no leito e ah passei dias de febre e delírios. Parecia estar vivendo um pesadelo constante, em que a voz de Simão não cessava de gritar em meus ouvidos um pedido de socorro que soava quase como uma acusação. Algo em minha sina parecia me condenar a sentir a culpa da cruz pesar sobre os ombros de outros. Simão, é certo, não sofrera tal condenação inocente. Mesmo assim, doía dentro do meu peito a frustração de não ter podido salvá-lo.

E nos meus delírios febris, uma cena brotou em minha mente com um realismo assustador. Vi nuvens que me cercavam e de dentro delas um ser extremamente luminoso saía e vinha em minha direção. Era uma figura de homem alto e imponente. Parecia se deslocar flutuando a poucos centímetros do chão. Em volta dele havia uma grande aura de luz que refletia as cores do arco-íris em todas as direções. Suas vestes eram alvas como neve e eu não conseguia ver com exatidão o seu rosto, tamanha era a luz que emanava de todo o seu ser. Mas meu coração o reconheceu: era Jesus.

Senti uma energia inexplicável percorrer todo o meu corpo e minha alma se dividia entre vergonha e contentamento. Ele não disse uma só palavra. Apenas ergueu uma das mãos e imediatamente muitos pássaros apareceram ao seu redor. Esvoaçavam em torno dele e mergulhavam na luz que vinha do centro de seu peito, desaparecendo e se fundindo ao seu corpo luminoso.

Abri os olhos assustado. Aquela visão me fez recordar da tabuleta de madeira entalhada que pertencera a Leah. Novamente os

pássaros! Eu deveria fazê-los retornar ao ninho. Como um relâmpago de lucidez, minha mente se abriu para a compreensão daquele desenho que me intrigava havia anos. É claro! O ninho era o próprio Cristo e as aves eram todos os seres humanos. Jesus tinha vindo me recordar da missão que ele mesmo me confiara anos atrás. Agora eu estava ali, prostrado e derrotado pela frustração de ter perdido um grande amigo a quem não pudera salvar. Mas os ensinamentos dos essênios se renovaram dentro de mim com a visão de Jesus e dos pássaros rumando felizes para o seu coração. Simão não estava morto. A angústia momentânea havia feito com que eu esquecesse que o espírito é imortal. Simão havia deixado para trás um corpo de carne e sangue, mas seu espírito estava vivo em algum lugar. E eu o sentia muito próximo de mim. Talvez por isso aquela sensação de dor e desespero não me abandonava. Eu captava o estado mental em que ele deveria estar naquele momento, revoltado, cheio de mágoa e rancor, julgando-se abandonado.

Sentei-me em meu leito e pus-me a orar.

— Meu bom amigo Simão, aquieta o seu coração, pois Deus está ao seu lado. Perdoa aqueles que o feriram, pois são ignorantes como nós. Quantas vezes também ferimos a outros, julgando fazer o que era certo? Perdoe para que possam cessar suas dores e para que possa ter descanso. Deixe para trás todas as lutas terrenas. Elas se desfazem como fumaça no ar e nenhuma importância têm para sua alma agora. Desejo sua felicidade. Rogo ao Pai para que seja amparado e que tenha repouso e paz. Perdoe-me se o decepcionei. Sou falho, sou fraco, sou apenas mais um caminhante na senda do aprendizado divino. Minha amizade por você continua viva e não se apagará.

Fiquei em silêncio por algum tempo e senti um transbordamento de tranquilidade em meu ser. Senti que Simão já não estava mais ali. Pude então dormir um sono reparador, para acordar no dia seguinte com as forças renovadas a fim de continuar meu caminho. Em nome de Simão eu não poderia parar. Existiam muitos pássaros

sem ninho, como ele, pelo mundo afora. Eu não poderia deixá-los à mingua, sem amparo, sem instrução. Era em nome de Simão que eu continuaria minha tarefa de dar ninho seguro aos desgarrados.

Capítulo 30

Com o raiar do Sol, aprontei-me para partir. Os zelotes não insistiram para que eu ficasse. A grande maioria deles já parecia desencantada com aquele movimento revolucionário e utópico que só havia trazido dores a todos nós. Muitos já falavam em voltar às suas terras de origem, às suas famílias e às suas vidas simples e despreziosas. Incentivei-os a mudar de rumo e alertei para que não seguissem os passos de Simão, cuja teimosia tinha provocado um desfecho trágico.

Lancei-me à estrada sem rumo certo. Quando o desânimo e o medo me assaltavam, trazia à mente a visão de Jesus cercado de luzes e cores, atraindo para si os desgarrados pássaros que buscam a felicidade.

Foi assim que percorri várias vilas e pequenas cidades. Chegava oferecendo meus serviços de terapeuta e era sempre muito bem recebido. A veste branca dos essênios abria as portas em meio aos mais humildes, já que eram conhecidos como benfeitores e mensageiros de boas novas. Aproveitava bem essas situações para realizar o trabalho que mais me encantava: ensinar o amor incondicional, o pacifismo e a tolerância. Preocupava-me principalmente com os jovens, que eram os mais vulneráveis às revoltas interiores que levam a juventude aos desatinos que eu mesmo já havia experimentado.

Passei a falar abertamente de meu passado de crimes e violência e a chamar a atenção para o fato de que qualquer pessoa pode escolher um cantinho de mudanças para sua vida e de que não existem casos perdidos ou homens irrecuperáveis. Eu era o exemplo vivo disso. Muitos se assustavam quando eu contava sobre meus atos pretéritos. Custavam a crer que ah estava um antigo e temido bandido, conhecido pela frieza e pela agressividade. No entanto, quando eu lhes falava daquele que me direcionou a todas aquelas transformações, o encantamento era visível. Dizia eu:

— Quando percebi que em meu lugar havia morrido o único que realmente poderia libertar não só o povo de Israel, mas todos os que se acham encarcerados sob o manto da ignorância, percebi que minha vida pouco valia e que pouco eu havia contribuído para a felicidade de outros ou mesmo para a minha. Inúteis eram as minhas lutas, pois lutava por valores que não existem. Reinos da Terra nada valem diante dos infinitos reinos celestiais de que Jesus falava. Ele nos assegurou que lá havia muitas moradas e que ele mesmo iria nos preparar um lugar entre elas. E por isso que vale a pena lutar. Os reinos da Terra se acabam em pó.

Governantes da Terra nada podem contra nossa alma imortal. Nada podem nos roubar se nossos tesouros estiverem fora dela. Se nossos tesouros forem a dignidade, a honra, a mansidão, a caridade, a paz e o amor, como poderão nos usurpar? Se desejam ouro e prata, que o tempo corrói, devemos dar a eles o que desejam e orar para que um dia almejem os tesouros que de fato têm valor. Na verdade, não existe um homem mais pobre do que aquele que é dominado pelas riquezas materiais. Ricos são os que não se deixam enganar pelas riquezas do mundo material.

Lutem com todas as forças pelas coisas que o tempo não destrói, pelas coisas do espírito. Dediquem sua paixão somente àquilo que traga o bem e a felicidade a muitos, e não apenas a vocês. Falem somente palavras verdadeiras, gentis e úteis. Fora isso, mantenham o silêncio. Vigiem cada pensamento, pois todas as nossas atitudes

nascem de um simples pensamento. O crime mais hediondo um dia foi apenas um pensamento fugidio. Se for alimentado e receber atenção de nossas mentes, passará do pensamento à palavra. E da palavra, poderá facilmente passar à ação. Depois, a atitude desastrada será de difícil correção, assim como é difícil fazer retornar a pedra que foi atirada ao lago. Entretanto, mesmo aquele que já tenha atirado muitas pedras num lago, um dia poderá plantar flores ao seu redor.

Assim passei muitos anos de minha vida, percorrendo longas distâncias, de cidade em cidade, procurando curar as dores do corpo e da alma. Nada tive de meu. Comia aquilo que me era oferecido, dormia onde me dessem lugar e nunca me senti tão rico. Depois de muito tempo, quando retornava aos lugares onde já havia passado, era recebido com festa e abraços sinceros. Nunca me senti tão amado. Vi meninos que ouviram com olhos atentos às aventuras do bandido Barrabás tornarem-se homens de valor e de nobres corações. Vi muitos desses meninos me trazerem seus filhos para que eu os ensinasse também a serem cidadãos da paz e do bem. Essa era a melhor recompensa que eu poderia receber.

Também estive em várias masmorras de diversas cidades tratando dos ferimentos do corpo e da alma daquelas infelizes criaturas. A maioria se julgava indigna e sem recuperação. Muitos acreditavam ser incapazes de arrependimento e de novas atitudes. Trabalhava com estes com mais amor e lhes mostrava o exemplo de minha própria vida. Muitos se modificaram pouco a pouco, abandonaram sua revolta íntima e conseguiram até descobrir meios de ser feliz, mesmo entre as paredes de um cárcere. Entretanto, minhas forças físicas pareciam ficar cada dia mais escassas. Aquela pontada sufocante no peito que eu tinha sentido no dia da morte de Simão nunca mais me abandonara. De vez em quando, ela ressurgia como fino agulhão me transpassando o coração. Nesses dias, era difícil caminhar, pois o fôlego me faltava.

Com o tempo, minhas viagens foram ficando mais lentas e mais curtas. O tempo surpreendeu-me com os cabelos alvejados pela poeira das vivências. Só então percebi que meu corpo físico já não me permitia as mesmas jornadas de antes.

Adoecei gravemente numa de minhas passagens por Éfeso. Alguns dos jovens a quem eu instruía manifestaram o desejo de ir para o Krmel e para lá me levaram numa viagem penosa. Cheguei muito fraco e despertei a preocupação dos companheiros essênios. Dos meus antigos mestres, somente Fílon ainda estava entre nós. Estava em idade muito avançada, mas com impressionante lucidez.

Fui tratado com a costumeira hospitalidade do Krmel e os neófitos até chegavam a me chamar de mestre. O estranho é que não me chamavam de mestre Barrabás, e sim de mestre Jesus, o que ainda soava muito estranho para mim. Mas eu já não reclamava dessas confusões de tratamento. Jesus já era tão próximo a mim, estava tão incorporado à minha vida, que eu tinha a impressão de que Barrabás já não existia mais. Jesus existia em mim. Minha personalidade havia cedido espaço total à dele. Ele estava em mim e eu nele. Éramos um.

Para minha surpresa, fui convidado a tomar-me instrutor no Krmel. Mestre Fílon insistiu que eu aceitasse e pediu que ponderasse a respeito de meu estado de saúde. Certamente eu já não poderia fazer minhas jornadas missionárias. A única maneira de continuar minha missão de pregador dos ensinamentos do Cristo era dentro do Krmel.

Ali passei ainda alguns bons anos de vida tranquila e produtiva. Tinha grande prazer em contar aos meus novos pupilos toda a minha história de transformação e de aprendizado. Eu sempre dizia àqueles rapazes de olhos curiosos:

— Foi assim que deixei de ser o bandido Barrabás para tomar-me um humilde servo de um humilde mestre. Hoje, agradeço a Jesus por ter tomado de meus ombros a cruz que me era destinada e ter me dado a oportunidade de estar aqui com vocês. Foi assim que

Jesus morreu e eu sobrevivi. E Jesus morreu, morreu o rei da paz. Mas o réu sou eu, eu Barrabás.

Depois de muitas noites contando essa mesma história, fui me recolher em meus aposentos muito cansado e com aquela velha dor me rasgando o peito. Uma leve sonolência me entorpeceu a mente e mantive os olhos fechados. Até que vi um forte clarão invadir meu pequeno quarto. Abri os olhos e avistei diante de meu leito uma figura luminosa já conhecida de muitos anos atrás. Era Jesus, novamente envolvido num esplendido arco-íris cheio de luz.

Sentei-me assustado, mas pude ver seu rosto claramente. Aqueles olhos, os mesmos que me impressionaram havia muitos anos, quando estávamos diante de Pilatos. Ele me presenteou com um sorriso capaz de apagar vários sóis. Parecia esperar que eu dissesse alguma coisa. Respirei fundo e criei coragem para perguntar:

—Mestre, o que deseja de mim? O que fiz para merecer sua visita, já que não sou digno de olhar em seu rosto?

—Vim apenas agradecer pelo que tem feito — disse ele calmamente.

—Agradecer, mestre? Eu é quem tenho tanto a lhe agradecer! Por que me agradece?

—Por ter trazido de volta ao ninho tantos pássaros já feridos e cansados. E por ter impedido que muitos outros se perdessem pelo caminho.

Compreendi que Jesus se referia aos muitos a quem eu falara de seu amor e de seus ensinamentos. Por ter devolvido a esperança àqueles que se julgavam perdidos.

— Mas é tão pouco diante do mal que já hz... Desejo fazer muito mais, senhor.

Jesus aproximou-se de mim e curiosamente pousou uma das mãos em meu ombro. Senti um calafrio percorrer meu corpo e a dor aguda em meu peito imediatamente desapareceu. Ele me disse num sorriso:

—Poderá fazer muito mais, mas não aqui. Sua tarefa está terminada.

—E para onde irei, mestre?

—Para uma de minhas muitas moradas.

Assim, ele me envolveu num abraço terno e todas as coisas deste mundo ficaram para trás.

Eu tinha então cinquenta e sete anos e meus pupilos continuaram por muito tempo ainda a contar a história de um certo mestre Jesus, que já havia sido um bandido trocado por outro Jesus, que morrera em seu lugar. Um homem que repetia em suas muitas histórias sempre a mesma frase:

— E Jesus morreu, morreu o rei da paz. Mas o réu sou eu, eu Barrabás.

Obra inspirada por Odetinha, menina que viveu no Rio de Janeiro na década de 1930 e desencarnou aos nove anos de idade, tendo ficado muito conhecida por seu surpreendente sentimento de grande caridade e amor absoluto por Jesus. A ela são atribuídos vários milagres e, por isso, ainda hoje é muito lembrada principalmente naquele estado. Tinha como lema de vida: "Quero passar meu céu fazendo o bem à Terra."



Visite nossos blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiromania.blogspot.com/>